

IDÁLIA LUZIA CAVACO SEBASTIÃO

**Contributo para a Implementação de um  
Projeto de Turismo Criativo no Concelho de  
Serpa**



2021

IDÁLIA LUZIA CAVACO SEBASTIÃO

**Contributo para a Implementação de um  
Projeto de Turismo Criativo no Concelho de  
Serpa**

Mestrado em Gestão Sustentável  
dos Espaços Rurais

Trabalho efetuado sob a orientação de:  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Carla Maria Rolo Antunes



2021

# **Contributo para a Implementação de um Projeto de Turismo Criativo no Concelho de Serpa**

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Idália Luzia Cavaco Sebastião

“Copyright” em nome do estudante da Universidade do Algarve Idália Luzia  
Cavaco Sebastião

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## **Resumo**

Este trabalho pretendeu desenvolver uma abordagem para a aplicação do conceito de Turismo Criativo no concelho de Serpa. Para tal, foram analisadas as várias valências do concelho e construída uma metodologia como contributo ao desenvolvimento de atividades de Turismo Criativo assentes em três elementos base - a história/património; a ruralidade; e a paisagem/biodiversidade - para cada um foi criado um tema. Para a definição do conteúdos para cada tema utilizaram-se elementos considerados importantes para os visitantes, como ver, cheirar, provar, ouvir ou ter percepção, a interação com atividades criativas, o "*storytelling*", a experimentação ou a integração nas comunidades locais.

**Palavras-chave:** Serpa, Turismo Criativo, experimentação, *storytelling*

## **Abstract**

*The aim of this work was to create an approach for the application of the concept of Creative Tourism in the municipality of Serpa. To this end, the various aspects of the municipality were analyzed and a methodology was built as a contribution to the development of Creative Tourism activities based on three basic elements - history/heritage; rurality; and landscape/biodiversity - for each one, one theme was created. To define the content for each theme, elements considered important for visitors were considered, such as seeing, smelling, tasting, hearing or having perception, interaction with creative activities, storytelling, experimentation or integration in local communities.*

**Keywords:** Serpa, Creative Tourism, experiment, *storytelling*

# ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	<b>4</b>
<b>3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>6</b>
3.1. O CONCEITO .....	6
3.2. OS INTERVENIENTES .....	8
3.3. ÁREAS RURAIS .....	10
3.4. DIVULGAÇÃO.....	13
3.5. TURISMO CRIATIVO: ETAPAS NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO .....	14
<b>4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO</b> .....	<b>19</b>
4.1. LOCALIZAÇÃO .....	19
4.2. CLIMA .....	21
4.3. SOLOS E CAPACIDADE DE USO DOS SOLOS .....	21
4.4. GEOMORFOLOGIA E GEOLOGIA.....	23
4.5. RECURSOS HÍDRICOS.....	24
4.5.1. <i>Recursos hídricos superficiais</i> .....	24
4.5.2. <i>Recursos hídricos subterrâneos</i> .....	26
4.6. PAISAGEM .....	26
4.7. COMPONENTE ECOLÓGICA.....	30
4.7.1. <i>Biogeografia</i> .....	30
4.7.2. <i>Flora, Fauna e Vegetação</i> .....	32
4.7.3. <i>Áreas Sensíveis</i> .....	48
4.8. DEMOGRAFIA .....	51
4.9. ATIVIDADES ECONÓMICAS.....	52
4.10. HISTÓRIA.....	56
4.11. PATRIMÓNIO .....	63
4.11.1. <i>Património Arquitetónico</i> .....	65
4.11.2. <i>Equipamento culturais</i> .....	70
4.11.3. <i>Festas religiosas e populares</i> .....	71
4.11.4. <i>Gastronomia</i> .....	72
4.11.5. <i>Chaminés</i> .....	73
4.11.6. <i>Cante Alentejano</i> .....	73
4.11.7. <i>Produtos da terra</i> .....	74
4.11.8. <i>Património etnográfico</i> .....	76
4.11.9. <i>Artesanato</i> .....	77
4.11.10. <i>Iniciativas Culturais</i> .....	77
4.12. PERSONALIDADES .....	78
<b>5. PROPOSTA: PROJETO DE TURISMO CRIATIVO NO CONCELHO DE SERPA</b> .....	<b>82</b>
5.1. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO .....	82
5.1.1. <i>Fontes de informação</i> .....	83
5.1.2. <i>Situação atual</i> .....	87
5.1.3. <i>Análise SWOT</i> .....	88
5.1.4. <i>Stakeholders</i> .....	90
5.1.5. <i>Temas base para atividades a desenvolver</i> .....	93
5.1.6. <i>Propostas de atividades que podem ser desenvolvidas em cada um dos temas base</i> .....	94
5.2. TESTAR.....	101
5.3. DIVULGAR.....	101
5.4. ANÁLISE DAS ATIVIDADES E DO RETORNO .....	102
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>104</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>106</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1. Mind Map da metodologia desenvolvida .....	18
Figura 4.1. Localização de Serpa no Baixo Alentejo .....	18
Figura 4.2. Freguesias do concelho de Serpa.....	18
Figura 4.3. Carta de solos. ....	20
Figura 4.4. Rede hidrográfica do concelho de Serpa. ....	23
Figura 4.5. Unidades de paisagem encontradas no concelho de Serpa. ....	24
Figura 4.6. Unidade 110 – Terras Fortes do Baixo Alentejo .....	25
Figura 4.7. Unidade 111 – Vale do Baixo Guadiana e afluentes.....	26
Figura 4.8. Unidade 112 – Olivais de Moura e Serpa.....	27
Figura 4.9. Unidade 116 – Serra de Serpa e Mértola.....	27
Figura 4.10. Ermida de S. Gens, à entrada da vila de Serpa.....	62
Figura 4.11. Torre do Relógio, na vila de Serpa.....	62
Figura 4.12. Aqueduto, na vila de Serpa.....	63

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 4.1. Normais Climatológicas de Serpa (1971-2000) .....	19
Tabela 4.2. População residente segundo grupos etários.....	49
Tabela 4.3. Alguns indicadores de população.....	50
Tabela 4.4. Indicadores dos estabelecimentos de alojamento turístico. ....	52
Tabela 4.5. Indicadores dos estabelecimentos de alojamento turístico (cont).....	52
Tabela 4.6. Estabelecimentos e capacidade de alojamento .....	53
Tabela 4.7. Hospedes, dormidas e proveito dos aposentos. ....	53
Tabela 4.8. Origem dos hóspedes.....	54
Tabela 5.1. Análise SWOT do concelho de Serpa .....	88

## **SIGLAS E ACRÓNIMOS**

a.C – antes de Cristo

ACP - Automóvel Club de Portugal

CADES - Centro de Apoio ao Desenvolvimento Económico de Serpa

CGD – Caixa Geral de Depósitos

DGSU - ex-Direção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

DOP – Denominação de Origem Protegida

EDIA – Empresa de Desenvolvimento de Infraestruturas do Alqueva

FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia

FFH – ex -Fundo de Fomento da Habitação

I&D – Investigação e Desenvolvimento

IGP - Indicação Geográfica Protegida

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera

SIC – Sítio de Importância Comunitária

SMART - Specific, Measurable, Atingible, Realistic, Time Bound

SWOT – Strengths, Weakness, Opportunities, Threats

TC - Turismo Criativo

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

ZPE – Zona de Proteção Especial

## 1. INTRODUÇÃO

No presente documento apresenta-se a dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Gestão Sustentável dos Espaços Rurais da Universidade do Algarve. O objetivo deste trabalho é delinear um modelo de turismo criativo para o concelho de Serpa.

O desenvolvimento da atratividade das zonas rurais passa pela criação de oportunidades de emprego e de desenvolvimento económico, numa estratégia integrada de diversificação das atividades e de aquisição de capacidades por parte das populações locais, que integra em si um novo conceito de ruralidade, no qual o turismo é agora uma componente importante. O futuro do concelho implica uma combinação inteligente de recursos, de oportunidades e de dinâmicas, sendo um território com grande potencial turístico ao nível da sua ruralidade, história e ambiente.

O concelho de Serpa, com todas as suas características, história, tradições, usos e costumes, tem uma grande potencialidade para o Turismo Criativo (TC) que pode e deve ser associado à singularidade da sua ruralidade. Pretende-se assim dar um contributo para um projeto desta natureza para o concelho, de forma a mostrar que este tipo de atividade pode e deve ser incentivada como uma mais-valia para a exaltação da identidade local e um complemento ao desenvolvimento económico do concelho e uma valência para os agentes locais, bem como um elemento diferenciador para Serpa.

A implementação do Turismo Criativo no concelho pode contribuir para:

- valorizar as artes e ofícios tradicionais e apoiar novas gerações de artesãos;
- valorizar a identidade do território;
- contribuir para a preservação do património;
- promover a criação de estruturas de incubação e estruturas informais de apoio à atividade artística;
- fomentar projetos de interface entre domínios artísticos e criativos diversos e estimular a cooperação com outros polos exteriores de I&D ou de produção criativa;
- promover um incremento da visibilidade externa do concelho;
- aumentar o número e estadia de visitantes;
- complementar a diversificação de atividades económicas.

Relativamente à relevância do tema escolhido para o Mestrado em Gestão Sustentável dos Espaços Rurais, considera-se o mesmo bastante adequado e transversal a muitas das Unidades Curriculares ministradas. Sendo o objetivo principal do Mestrado formar técnicos com capacidade para ordenar o espaço rural e fazer a gestão dos recursos naturais de forma sustentável, intervindo ao nível do planeamento sustentável do território, desenvolvimento local, conservação do património natural, turismo rural, política agrícola e implementação e controlo de práticas agrícolas sustentáveis, um projeto em Turismo Criativo pode-se mostrar bastante completo de forma a tocar todas estas vertentes e operacioná-las de forma prática no território escolhido.

Contudo, foram efetuadas adaptações e alterações à metodologia de trabalho inicialmente proposta aquando da escolha do tema, tendo em consideração as limitações sociais que o atual contexto pandémico tem incutido à realização de eventos.

Assim, o que se pretendia com a definição do objetivo da presente dissertação – ter um processo interativo com a participação e contributo dos vários decisores e stakeholders do concelho de Serpa – necessitou de ser readaptado e reajustado em função da realidade atual. Desde modo, optou-se por apostar numa caracterização criteriosa do concelho e de todos os seus elementos que poderiam ter interesse para a definição de um projeto de Turismo Criativo, posteriormente desenvolveu-se o projeto de ação que se considerou mais pertinente, com base na bibliografia consultada. Por fim, criou-se um conjunto de temas base considerados interessantes para o desenvolvimento da proposta e apresentou-se um plano de desenvolvimento para cada um.

Este documento encontra-se estruturado nos seguintes pontos:

- Introdução – onde é efetuada uma primeira abordagem ao tema proposto, bem como o objetivo do trabalho e sua pertinência para o concelho;
- Metodologia – são apresentadas as várias etapas para o desenvolvimento do trabalho;
- Pesquisa bibliográfica – é efetuado o enquadramento bibliográfico sobre o conceito de Turismo Criativo;
- Caracterização do concelho - neste ponto é apresentado o concelho de Serpa nas suas valências ambiental (clima, solos e capacidade de uso dos solos, geomorfologia

e geologia, recursos hídricos, paisagem e componente ecológica), social, económica, histórica e cultural;

- Projeto de Turismo Criativo – neste ponto explica-se o processo que levou à estruturação e posterior conceção de um projeto de Turismo Criativo para o concelho.
- Considerações finais – são apresentadas as principais considerações resultantes do desenrolar do trabalho.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da presente dissertação, como já foi referido, afastou-se do que inicialmente se pretendia. Como em qualquer processo de Turismo Criativo, o foco seria o desenvolvimento do mesmo com o conhecimento, participação e contributos de *stakeholders* do concelho de Serpa, a quem pudesse interessar a participação neste tipo de projeto e de forma a facilitar a sua aceitação pelos mesmos. Contudo, em virtude do atual contexto pandémico, tal não foi possível, mas foi realizado todo o processo previsto, com exceção da participação de terceiros.

Assim, a metodologia utilizada assentou primeiramente numa revisão bibliográfica sobre o conceito de Turismo Criativo, os seus intervenientes, casos práticos, formas de divulgação, conteúdo, conceção, criação. Seguiu-se a caracterização e compilação de informação sobre o concelho. Tentou-se que a informação recolhida fosse o mais aprofundada, ampla e exaustiva possível, de forma a ser um elemento de trabalho para futuros projetos de Turismo Criativo.

Com base na revisão bibliográfica efetuada foi criada uma estrutura própria da autora para o desenvolvimento do projeto de Turismo Criativo pretendido, visto que o Turismo Criativo pode ser visualizado e criado de vários modos diferentes. Assim, além de ser seguida a metodologia de referência (Richards *et al.* (2018), Simião (2016)), a autora completou o estudo com a elaboração de uma análise SWOT de forma a ter uma visão mais concisa da informação reunida, permitindo agrupá-la nos vários quadrantes da matriz (pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças), e com base nesses cruzamentos definir estratégias a seguir para o desenvolvimento de potenciais atividades/experiências.

Seguiu-se a elencagem de potenciais *stakeholders* e, com base na informação reunida, foram criados 3 temas base que caracterizam/distinguem o concelho de Serpa e a partir dos quais podem ser desenvolvidas experiências para o Turismo Criativo, tendo em consideração fatores que o definem, nomeadamente o *storytelling*, a experimentação, a perceção, a integração nas comunidades locais. Com base neste conhecimento, foram propostas atividades concretas a serem realizadas no concelho.

Também foi proposta a forma como as mesmas deveriam ser testadas, divulgadas e monitorizadas. Na Figura 2.1 é apresentado um *Mind Map* com o resumo da metodologia da presente dissertação.

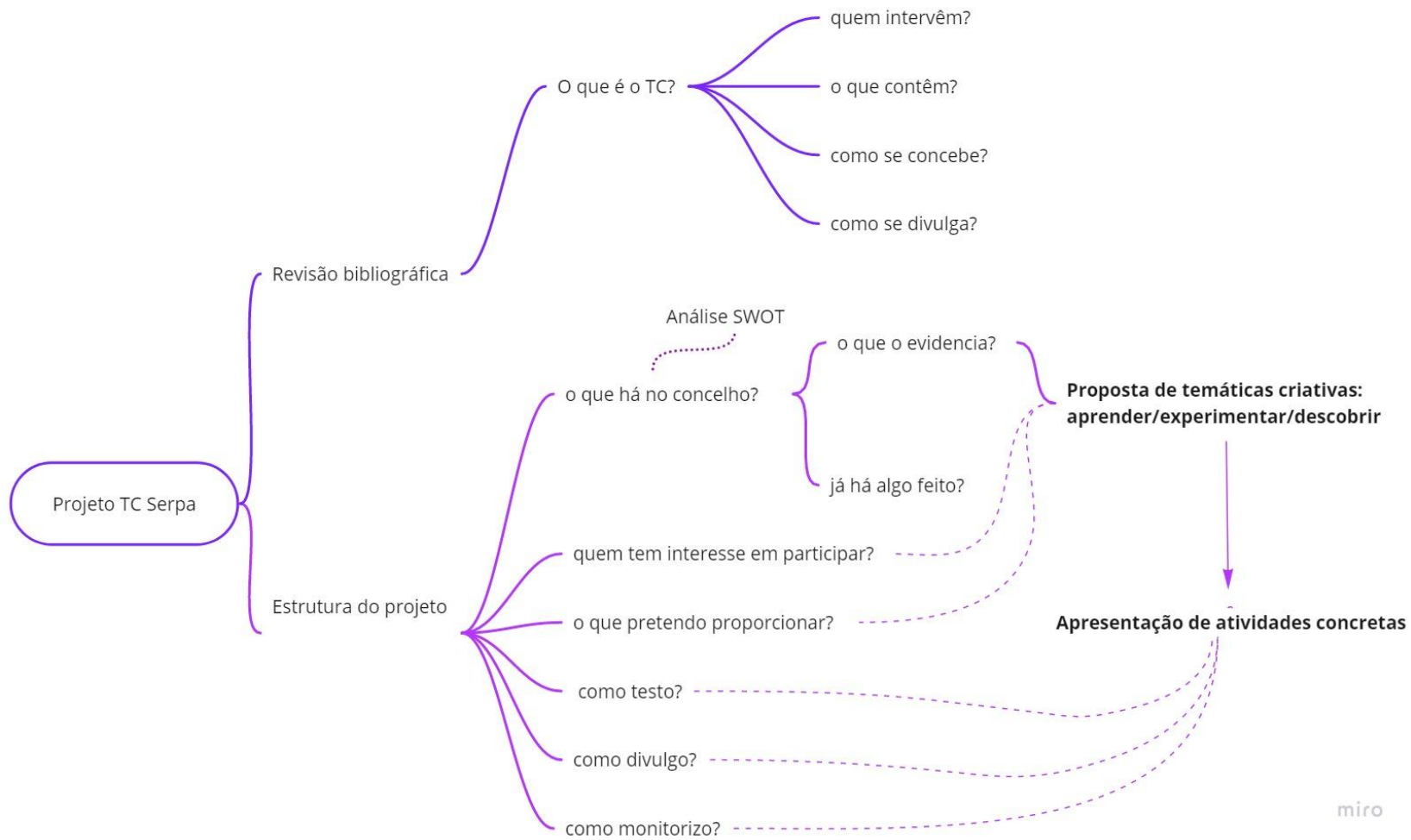


Figura 2.1 – Mind Map da metodologia desenvolvida.

### **3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **3.1. O CONCEITO**

O conceito de Turismo Criativo (TC) surgiu pela primeira vez no ano 2000, em Richards & Raymond (2000), no qual os autores identificavam os problemas do turismo cultural nas cidades, muitos deles associados ao sucesso do mesmo, o que conduziu ao aumento da competitividade entre locais com cada vez mais infraestruturas e eventos para atrair turistas, o que levou a oferta a superar a procura. Os problemas associados com um mercado cada vez mais saturado e os avultados custos da construção de novos edifícios culturais provocou uma reavaliação do papel da cultura no turismo citadino.

De forma a diminuir os avultados gastos no desenvolvimento do turismo cultural, tal como se definia, e procurar novas soluções para o problema de gerar riqueza e empregos e ao mesmo tempo oferecer diversidade cultural, algumas cidades começaram a criar estratégias de desenvolvimento criativo. Aliado a esta tendência os autores introduziram o conceito de turismo criativo "turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo através da participação ativa em atividades e experiências de aprendizagem que são características do destino de férias que escolheram" (Richards & Raymond, 2000).

Para estes autores, existe um grande número de razões pelas quais o turismo criativo pode melhorar o turismo cultural:

- a criatividade pode, potencialmente, criar valor mais facilmente devido à sua escassez. A criatividade é um atributo possuído, supostamente, por relativamente poucas pessoas, enquanto que devido à grande abrangência do conceito "cultura", os produtos culturais são omnipresentes, ou seja, no mercado do turismo cultural as alterações culturais já não funcionam como um meio de distinção, todas as cidades têm museus e monumentos.
- a criatividade permite aos destinos inovar em novos produtos relativamente rápido, dando-lhes uma vantagem competitiva sobre outros destinos.
- a criatividade é um processo e os recursos criativos são assim mais sustentáveis. Enquanto que recursos físicos culturais como museus e monumentos podem se

esgotar com o tempo e ficar degradados, os recursos criativos são praticamente infinitamente renováveis.

- a criatividade é móvel. Enquanto que o consumo cultural está dependente da concentração de recursos culturais, a criatividade pode ser extremamente móvel.

O Turismo Criativo (TC) tem a capacidade de utilizar práticas, experiências e tradições locais, em áreas tão variadas como artes e ofícios, design, gastronomia, saúde e bem-estar, línguas, espiritualidade, natureza, desportos, etc.. Todos estes produtos de base criativa são áreas com potencial crescimento no turismo. A grande vantagem do Turismo Criativo para o destino é que oferece uma nova forma de distinguir os seus produtos culturais dos seus competidores (Richards & Raymond, 2000).

A adição de criatividade aos valores locais, permite que os viajantes tenham experiências "hands-on", atividades baseadas na comunidade e apreendam o carácter único dos locais e pessoas através de um sentimento de pertença. O Turismo Criativo ajuda a fortalecer as comunidades e torna os habitantes locais mais confiantes, o que é a chave para a criação de um verdadeiro turismo sustentável. O TC, bem desenhado e implementado, pode também ser uma plataforma intergeracional, com transmissão de conhecimentos e práticas dos mais velhos para os mais novos (Richards *et al.*, 2018).

As características do TC, de acordo com Richards *et al.* (2018) são:

- Visitantes e anfitriões que interagem mutuamente;
- Interação cultural cruzada/experiência cultural;
- Compreensão do "espírito" do local, do seu significado cultural específico;
- Experiências "hands-on";
- Troca de informação/transformação e experiências transformativas;
- Mais participantes do que observadores;
- Os turistas têm a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo e participar no processo de tomada de decisão (co-criar experiências turísticas);
- Autenticidade nas experiências;
- Desenvolvimento dos conceitos "memorável" e "faço e compreendo";
- Abordagens feitas à medida.

O expoente máximo do desenvolvimento do TC é contribuir para o desenvolvimento de um turismo sustentável e aumentar o bem-estar da comunidade. Para atingir este objetivo ambicioso, é necessária criatividade para estimular uma troca de ideias e

visões para além de descobrir a cultura local e expandir o potencial dessa cultura. O TC deve assim ser desenhado para facilitar trocas entre participantes de forma a aumentar o seu conhecimento coletivo, práticas e compreensão (Richards *et al.*, 2018).

Ferreira *et al.* (s.d.) afirmam que o Turismo Criativo é um modelo aberto que assenta numa estratégia flexível, adaptada em função das singularidades territoriais (físicas e económicas), da localidade de destino. Este modelo pode oferecer um valor acrescentado considerável no desenvolvimento sustentável dos territórios em que se desenrole, aumentando inclusive a procura do turismo.

### **3.2. OS INTERVENIENTES**

Para Gonçalves (2008), este movimento, que se começa a generalizar - de desenvolvimento de estratégias criativas de regeneração dos tecidos económicos e sociais, a partir da cultura e do turismo -, poderá ter raízes num Estado menos interventor, em políticas mais liberais, no incentivo ao empreendedorismo e ao auto emprego, para além de outros fenómenos sociais, que deverão ser identificados por investigação científica a promover.

Segundo esta autora, para que este tipo de turismo possa ser uma realidade é fundamental que a sociedade civil e os agentes responsáveis pelas políticas de desenvolvimento do destino turístico estabeleçam uma política de turismo criativo e envolvam todas as partes interessadas, de forma cooperativa e ativa. Devem ser desenvolvidos programas de sensibilização da comunidade para educar o público acerca dos benefícios do turismo e como podem eles efetivamente participar nos programas turísticos, assim como, a sua responsabilidade como receptores de turismo.

Ferreira *et al.* (s. d.) são da mesma opinião. Estes autores referem que: “A participação da comunidade neste processo é essencial para a viabilidade do desenvolvimento sustentável da atividade turística. Em locais em que o desenvolvimento do turismo não leva em consideração essa questão, acreditamos que é colocada em risco a sustentabilidade destes destinos, pois ao ignorar um dos principais stakeholders, o turismo poderá contribuir para o aumento de potenciais conflitos decorrentes dos diferentes interesses entre as partes envolvidas no processo.

Isso poderá implicar problemas de ordem social, cultural, ambiental e naturalmente económica”.

Segundo os mesmos, este modelo de turismo numa ótica de sustentabilidade assenta na consciencialização da existência de um ‘novo turista’ e da necessidade de haver uma comunidade local empenhada em desenvolver o turismo criativo no destino. Na verdade, é de salientar, a propósito, que a receptividade e postura dos habitantes do destino turístico são peças essenciais da atratividade do lugar e da qualidade do serviço prestado.

Neste sentido, concluíram que, para incrementar uma gestão sustentável e criativa do turismo, se torna importante desenvolver um trabalho conjunto entre profissionais do turismo, população local e turistas, o que permitirá assegurar o desenvolvimento do território local enquanto suporte sociocultural e natural da própria atividade turística.

Esse trabalho foi desenvolvido num estudo de Carvalho *et al.* (2014) junto dos stakeholders da aldeia transmontana de Janeiras de Cima. O contato com os stakeholders revelou que uma perspetiva integrada no desenvolvimento turístico já foi implementada na aldeia, continuando a haver grande potencial para explorar recursos culturais, materiais e imateriais, como forma de melhorar a oferta turística. Todos os stakeholders locais reconhecem a cultura como elemento central para estas experiências co-criativas, revelando que os visitantes também procuram uma postura mais ativa na produção das suas próprias experiências. Todos os grupos entrevistados reconhecem a combinação entre o tradicional e o contemporâneo como elemento de grande atratividade, e chega mesmo a ser percecionado como fator de orgulho local, por parte dos agentes da oferta e dos residentes que reconhecem esta combinação no restauro de muitos dos edifícios mais emblemáticos da aldeia. Os visitantes revelaram interesse em descobrir e apreciar a natureza, a agricultura em pequena escala e todos os produtos locais com que contactaram. A disponibilização de informação acerca dos recursos e elementos atrativos é essencial, tal como é reconhecido pelos agentes da oferta, residentes e visitantes. Para os autores, uma forma apelativa de disponibilizar a informação, não apenas através da tradicional informação impressa, mas também através de experiências co-criativas, envolvendo visitantes e residentes, nas quais os últimos desempenham o papel de “mediadores culturais”. Atividades temáticas e participativas poderão, assim, ser desenvolvidas com o envolvimento ativo de residentes preparados, através, por exemplo, de workshops em agricultura, em que se expliquem técnicas agrícolas e se mostrem os desafios da vida de agricultor ou cursos

de gastronomia, tendo por base pratos típicos locais e produtos agrícolas locais/regionais; ou peças de teatro, baseadas em lendas da aldeia, nas quais o visitante possa participar ativamente. O turismo co-criativo pode, efetivamente, constituir-se como uma mais-valia para a distinção do território, apesar de a sua concretização depender fortemente da ação e do interesse dos atores locais no desenvolvimento e integração deste tipo de ofertas em Janeiras de Cima.

Também um inquérito realizado aos visitantes do território do "Galo de Barcelos", para conhecer a perceção que eles têm deste território enquanto potencial destino de TC, concluiu que a interpretação do património cultural imaterial (tradições, estórias, culturas e valores da comunidade local) contribui para o desenvolvimento do TC, que tem no património cultural imaterial das comunidades recetoras um dos principais inputs primários do seu processo produtivo. Segundo os autores Gonçalves & Costa (2017), o estudo revelou ainda que a interpretação mostra o significado do património de um destino turístico e contribui para o transformar em experiências turísticas criativas, únicas e memoráveis. Além disso, a interpretação valoriza a animação turística nos destinos de TC e os visitantes estão dispostos a pagar pela oferta de interpretação. Os autores terminam com a afirmação de que é fundamental fazer o estudo dos visitantes, nomeadamente conhecer os seus desejos, necessidades e motivações, para se fazer a interpretação do património e outros recursos do destino.

### **3.3. ÁREAS RURAIS**

Os espaços rurais integram recursos que podem ser muito valorizados na criação de produtos turísticos criativos, designadamente em contexto de turismo cultural (Carvalho & Alves, 2017). A oferta de experiências interativas e dinâmicas remete para a singularidade dos lugares e a personalização das experiências, que são fatores decisivos na afirmação dos destinos com características rurais. O rural como contexto criativo revela diferentes configurações, desde os refúgios criativos aos clusters criativos, e pode proporcionar diversas experiências culturais aos seus visitantes, orientadas para pequenos grupos, privilegiando a aprendizagem e o conhecimento à simples observação (Carvalho (2013) *in* Carvalho & Alves (2017)). Segundo estes autores, de entre os eventos culturais e criativos em meio rural, destacam-se os que promovem a ligação entre o turismo e determinadas atividades produtivas ou culturais, como, por exemplo, a vinha e o vinho ou as festividades (ciclo etnográfico), com o propósito de oferecer experiências únicas aos visitantes.

No caso do enoturismo trata-se de um segmento de elevado crescimento com forte ligação aos territórios no qual se desenvolve e à gastronomia, através “das suas diferentes formas de desenvolvimento: dos eventos e festivais enoturísticos, à experiência proporcionada em quintas e adegas, até às rotas enoturísticas”. Para o sucesso da experiência contribui o produto vinícola (adegas, caves, quintas, eventos), a atratividade do destino (incluindo atividades organizadas ao ar livre) e o produto cultural (alojamento, restauração, lojas de especialidade) (Carvalho & Alves, 2017).

Ashton *et al.* (2015), analisaram a oferta turística do enoturismo, por meio das evidências de Turismo Criativo no *cluster* do Vale dos Vinhedos, no Brasil, destacando a colheita e o processamento artesanal da uva, como diferenciais, por proporcionarem a participação efetiva dos turistas nos saberes e fazeres da cultura local, em co-participação e co-criação, premissa do Turismo Criativo. Os autores identificaram também as atividades de degustação e os passeios, como parte da aprendizagem e conhecimento sobre os produtos e os consumos da cultura local, com base em produtos e em serviços inovadores, que promovem a participação ativa dos consumidores turistas.

A organização do *cluster* turístico, formado pelas vinhas e suas mais diversas atividades diárias gera empregos e rendimento para a população, proporcionando-lhe melhorias das condições de trabalho, de vida e desenvolvimento. Os modos como a população participa das atividades vinícolas, orientando, informando e recebendo os turistas, somados à produção do vinho e dos derivados da uva, representa a valorização da herança cultural, aliada à emergência da nova proposta do Turismo Criativo, que é inerente à cultura do Vale do Vinhedos. A formação do *cluster* beneficiou a região, que se fortaleceu por meio de conhecimentos e de ações em conjunto, de atividades que fomentam a produtividade e o estímulo à inovação, gerando novos negócios, ampliando o acesso a empregos, além do incentivo à qualidade (Ashton *et al.*, 2015).

Para Carvalho & Alves (2017), a inovação em contexto rural não encerra a nível do produto, pois assume importância também a nível do processo, “onde se destaca a cooperação entre diversos setores económicos das regiões”; a nível organizacional, “através da cooperação entre atores locais, e inovação ao nível das atitudes, com a introdução de uma cultura de cooperação”.

Um exemplo disso é o Projeto Querença desenvolvido com o objetivo de recuperar e requalificar a aldeia de Querença, em Loulé, com contributos de jovens licenciados de modo a produzir ideias e oferecer soluções para os problemas locais, incentivar parcerias através de redes que auxiliassem o processo de desenvolvimento local e humano (Silva & Silva (2014) *in* Lima & Silva (2017)). Para atingir este objetivo foram desenvolvidas várias atividades relacionadas com o TC, as de maior destaque e repercussão foram de acordo com Lima & Silva (2017) a revitalização do Mercado de Querença e a formação de uma rede de parcerias para valorizar a cultura local, enfatizando diferentes atividades e eventos de forma a mostrar que o Algarve tem muito a oferecer nas áreas do interior, onde o turismo está menos desenvolvido.

O Mercado de Querença consiste na venda dos produtores locais, mas cada mercado apresenta uma temática que guia o desenvolvimento de atividades paralelas que são parte da programação. Estas atividades diferem de acordo com os produtos a vender, a estação do ano, ou interesses dos visitantes e variam entre palestras, workshops, passeios ou atividades de lazer. Relativamente à rede de parcerias, surgiram 3 ações/eventos de destaque, nomeadamente o Projeto TASA, o Projeto Loulé Criativo e o Ameixial's Walking Festival.

A Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) desenvolveu um projeto de investigação-aplicação que decorreu durante 3 anos (2016-2019), com o objetivo de desenvolver uma abordagem integrada ao TC em pequenas cidades e áreas rurais que integrou 40 projetos piloto de TC: o CREATOUR - Creative Tourism Destination Development in Small Cities and Rural Areas. A visão de TC por detrás das atividades piloto do CREATOUR centrou-se em atividades criativas que encorajavam a auto-expressão e interação entre visitantes e residentes, inspiradas pelos recursos locais endógenos (locais e pessoas) e desenvolvidas e implementadas por residentes. O CREATOUR promovia atividades de TC interativas e de pequena escala, desenvolvidas a partir de tradições culturais, práticas, conhecimento e atividades artísticas emergentes. Dos 40 projetos piloto faziam parte atividades relacionadas com:

- Artesanato - textil, cerâmica, cabedal, madeira, metal, etc.
- Workshops de pintura, escultura, desenho e ilustração;
- Workshops de fotografia, vídeo e artes digitais;
- Workshops de artes performativas e residências artísticas;
- Sessões e workshops de storytelling;
- Workshops gastronómicos;

- "Passeios e visitas" interpretativos envolvendo atividades criativas;
- Workshops de tradições ancestrais;
- Produção de matérias primas - como sal, linho, lã, argila, mármore, etc.

Todos os projetos piloto desenvolvidos ofereceram atividades de TC que incluíam tradições ou habilidades locais, história local e modos de vida, misturados com outras especificidades da paisagem cultural dos locais onde essas atividades foram organizadas. Este processo de desenvolvimento sensível ao local serviu para conectar a criatividade ao espaço e criar experiências genuínas e intensas (Duxbury, *et al.*; sem data).

Para Brandão *et al.* (2013), o artesanato é uma atividade que traduz a cultura de um povo por meio dos sentidos e das teias de significados que o constituem, guardando estreita relação com a tradição, os modos de vida e a identidade do local em que é produzido. Enquanto atividade económica, é ainda passível de promover o desenvolvimento e criação de rendimentos para a comunidade que o produz. Estes autores ressaltam assim o grande potencial do artesanato no desenvolvimento do Turismo Criativo, pelo seu valor simbólico e cultural, gerando ganhos para a comunidade que o produz e para o turista que, além do produto artesanal tangível, tem a possibilidade de vivenciar uma experiência de aprendizagem. Esta conceção de Turismo Criativo, com o indivíduo no centro da experiência turística, é inovadora, constituindo-se num campo fértil para o delineamento de estratégias que visem à diferenciação, agregação de valor e sustentabilidade dos destinos turísticos.

### **3.4. DIVULGAÇÃO**

Apesar do potencial do TC, vários autores têm referido problemas na sua implementação, particularmente ao nível da divulgação. Por exemplo, Rachão *et al.* (2016) numa análise sobre o potencial do TC no agroturismo identificaram algumas condicionantes que afetam o seu desenvolvimento, nomeadamente:

- a promoção/divulgação diferencial que as instituições públicas e privadas fazem a este tipo de turismo de região para região, quer na facilitação de apoios financeiros, quer no apoio do trabalho em rede;
- o potencial consumidor não tem informação suficiente que lhe permita concluir se as atividades oferecidas são lideradas/guidadas por monitores locais, assim como se há a necessidade de fazer inscrição ou possuir um número mínimo de participantes. Para

estes autores são barreiras à participação dos turistas nas atividades, a inscrição e/ou um número mínimo de participantes para a sua realização, impossibilitando, assim, o envolvimento e a contribuição dos turistas para a vida local.

- os proprietários das unidades de agroturismo nas regiões analisadas não colocam informações suficientes sobre experiências que podem ser vividas nas suas quintas ou nos arredores imediatos.

A título de curiosidade, tendo em conta a situação pandémica mundial atual, numa entrevista, Couret (2020), uma das fundadoras do Creative Tourism Network, destaca a importância do TC no turismo post-covid, ao referir que " o contexto atual obriga os destinos a seduzir um público local e o turismo de proximidade, através de experiências a viver por grupos reduzidos, que oferecem uma alteração de cenário a poucos quilómetros de casa."

### **3.5. TURISMO CRIATIVO: ETAPAS NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO**

Desde o ano 2000, muito se tem escrito e desenvolvido em torno deste tipo de turismo, tendo surgido em 2010 a Creative Tourism Network ([www.creativetourismnetwork.org](http://www.creativetourismnetwork.org)), um organismo internacional para o desenvolvimento mundial do Turismo Criativo. Esta organização sem fins lucrativos pretende promover destinos de todos os tipos que apostam no Turismo Criativo como elemento diferenciador, para atrair uma nova geração de viajantes, bem como criar uma cadeia de valor acrescentado para o seu território.

O e-book *Creating Creative Tourism Toolkit* (Richards *et al.*, 2018) publicado pela Creative Tourism Network, aborda 3 passos no desenvolvimento de um projeto de Turismo Criativo. A saber: Conteúdo, Conceção e Criação.

#### **1. Conteúdo**

Neste passo a publicação, antes de mais, pretende responder às seguintes questões:

- O que constitui o Turismo Criativo?

O TC oferece uma nova forma de redesenhar um modo de turismo cultural não interativo e estático. Segundo Richards e Wilsons (2007) *in* Richards *et al.* (2018) a paisagem cultural de um destino, incluindo festivais, rotas culturais, museus,

património, etc. podem ser re-criados de forma a terem um papel interativo e permitirem troca de experiências entre os visitantes e a população local. Para estes autores o TC representa uma notável diferenciação dos modelos de turismo cultural tradicionais em prol de interações culturais mais tangíveis como um fator chave para a criatividade. Em última instância o TC fornece uma participação ativa baseada em experiências autênticas e únicas e partilha de conhecimentos artísticos e culturais.

- O que faz o Turismo Criativo diferente das outras formas de turismo?

O TC desenvolveu a necessidade de ser ativo em vez de passivo e baseado em processos de aprendizagem integrados em recursos locais. Para Richards *et al.* (2018) isto faz com que o desenvolvimento do TC não seja uma questão de construir atrações ou itinerários, mas sim de questionar o que pode um turista criativo fazer aqui? O que pode aprender? Em que processos culturais pode estar envolvido? Que capacidades e experiências temos nós para oferecer que outros não têm?

No desenvolvimento de estratégias de turismo cultural tradicional o processo inicia-se com um inventário de recursos culturais, normalmente descritos em termos de monumentos, edifícios, museus, etc. Num processo de TC o processo inicia-se com um inventário das "local skills" ou habilidades locais em todas as áreas de desenvolvimento, o que requer uma abordagem muito mais imaginativa.

Para estes inventários das "local skills" é necessário saber: quem são os artesãos locais? Podem as suas atividades receber visitas do público? Quais são os aspetos únicos das artes locais?

## **2 . Conceção**

Na Conceção processa-se a idealização do projeto, gerar ideias para experiências temáticas, desenvolvimento de workshops, histórias, atividades, etc.. A experiência criativa deve envolver atividades como experimentar ou aprender. Deve-se ter em atenção na conceção:

- Nível de autenticidade
- Inovação
- Nível de qualidade
- Fora do comum/intrigante
- Educacional
- Entretenimento
- Divertido, aventureiro ou excitante

- Temas relacionados
- Logística
- Reconhecimento
- Ligação com eventos anuais (festivais, colheitas, migrações, atração sazonal, etc.)
- Segurança e bem-estar dos visitantes
- Equilíbrio entre partilha do recurso e sua preservação
- Capacidade de manter o recurso num nível elevado ao longo do tempo
- Como se integra nos valores da comunidade
- Facilidade com que se consegue financiamento para ela

Ter sempre um foco no público alvo que se pretende atingir, bem como no espaço onde se desenvolve a atividade, pois os elementos que o visitante possa ver, cheirar, provar, ouvir ou ter percepção, enquanto interage com as atividades criativas, são também eles componentes da sua experiência.

### **3. Criação**

Por fim, o último passo no processo de desenvolvimento de um projeto de TC para Richards *et al.* (2018) é a criação propriamente dita, que é conseguida através de "storytelling", desenvolver sensações, experiências, marketing e comunicação.

A criação de uma experiência interativa pode ser vista como uma peça de teatro que combina vários elementos, nomeadamente um espaço físico (palco), "artistas" locais e visitantes (atores e audiência), processo a desenvolver (argumento) e auxílio de "back-office" (ajudantes de palco). Estes elementos são vistos comumente como essenciais no design da experiência que se quer providenciar ao visitante.

Simião (2016) apresentou uma metodologia própria para o desenvolvimento de projetos de TC à qual chamou de "Metodologia Patchwork", que a autora define como um ciclo que começa e recomeça, constituído pelos seguintes passos:

- Aprender e educar - envolve a participação de stakeholders do turismo e da cultura local, criando espaço para a troca de ideias e a promoção da cidadania. O seu objetivo é fazer algo tangível que demonstre a construção coletiva e implique a responsabilização dos participantes e adesão ao projeto.
- Conhecer e valorizar - o território e os demais setores criativos identificados através de empreendedores, equipamentos, empresas, centros culturais, comércio de artesanato, referências gastronómicas, artes plásticas, artes

cênicas, personagens locais, história, lendas, música e todo o tipo de criatividade que seja reconhecida e parte da cultura local. Nesta fase é necessário trabalhar com metodologias participativas e dinâmicas que promovam o debate e a apresentação de soluções.

- Participar e partilhar - cujo objetivo é conhecer o mercado do Turismo Criativo e as potencialidades para o território. Para isso, o conhecimento e análise de dados que já existem assim como o desenvolvimento de novas fontes de informação como participação em eventos, meios de hospedagem, restaurantes e outros sítios de prestação de serviço ao turista são importantes. É importante neste ponto o benchmarking com outros projetos de TC em desenvolvimento.
- Produzir e aprovar - nesta fase criam-se produtos e atividades criativas. O volume de produtos e atividades a ser gerados dependem da criatividade local, da disponibilidade dos atores envolvidos e também da procura do mercado, sem esquecer as iniciativas de marketing e comercialização dos produtos e atividades criados. Para a autora, mais importante do que criar produtos de TC é testá-los para ajustar o seu tempo de execução, apresentação, experiência, etc., para que o produto esteja de verdade em condições de ser apresentado ao mercado. Para além disso, a política de marketing e comercialização necessita de uma atenção especial com um plano de marketing exequível com ações inteligentes e inovadoras para este mercado.
- Planificar e promover - a colocação no mercado dos produtos criativos. A execução do plano de marketing deve ser constantemente analisada e ter em consideração os impactes que estão a ser gerados pelas atividades. É este o momento para partilhar com redes internacionais as experiências desenvolvidas para ter mais capilaridade e promoção do destino como um destino criativo. Para a autora, as atividades de TC podem ser complementares ou complementadas com atividades de outros segmentos de turismo. Valorizar o TC é principalmente promover a sua integração com outros componentes da cadeia de turismo, logo chegar a outros segmentos e perfis diferentes de público.
- Medir, avaliar e corrigir - qualquer projeto necessita de uma visão crítica sobre o seu desenrolar e sobre os resultados alcançados. É importante ter em conta se os resultados esperados coincidem com os resultados definidos. Uma análise crítica permite gerir expectativas e melhor ordenar os recursos envolvidos e planejar novos rumos para um desenvolvimento crescente. Segundo a autora para um projeto cujo objetivo é o desenvolvimento do TC há

a necessidade de criar indicadores económicos e sociais de modo a avaliar o desenrolar da atividade turística.

- (Re)começar - a partir da experiência obtida com o projeto, das atividades desenvolvidas, dos dados e dos indicadores devem ser traçadas novas rotas, mas tendo sempre em consideração as características singulares do local.

## **4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO**

A caracterização do concelho de Serpa aqui apresentada não é uma caracterização exaustiva, pois o objetivo não é dar a conhecer o concelho pormenorizadamente e sim uma caracterização que pretende demonstrar a diversidade e complexidade das várias componentes do concelho e que podem ser exploradas num projeto de turismo criativo.

### **4.1. LOCALIZAÇÃO**

O concelho de Serpa é um concelho rural do interior do Baixo Alentejo (distrito de Beja) (Figura 4.1). O Baixo Alentejo localiza-se a sul de Portugal Continental e de acordo com a classificação da NUTS III integra os seguintes concelhos do distrito de Beja: Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Ourique, Serpa e Vidigueira.

O Baixo Alentejo é delimitado no sentido este-oeste pela escarpa da falha da Vidigueira e a serra de Portel. Estas unidades favorecem, pelo abrigo que proporcionam à ação dos ventos predominantes de norte e leste, a existência de culturas ricas nos territórios sobre a sua influência, sobretudo de vinha e de oliveira (Ramalho & Mateus, 2007). A fronteira meridional é definida por duas formações estruturais, densas e xistosas, as serras do Caldeirão e de Monchique, que compõem uma barreira no sentido este-oeste, com poucas passagens naturais (Ramalho & Mateus, 2007).

O concelho de Serpa ocupa uma área de 1106,5 km<sup>2</sup>, dividida em 5 freguesias, Brinches, Pias, Serpa (União das Freguesias de Salvador e Sta. Maria), Vila Nova de S.Bento e Vale de Vargo e Vila Verde de Ficalho (Figura 4.2) e é delimitado a oeste pelo Rio Guadiana, que separa o concelho da Vidigueira e de Beja, a este pelo rio Chança, que faz a fronteira com Espanha, a norte pelo concelho de Moura e a sul pelo concelho de Mértola.

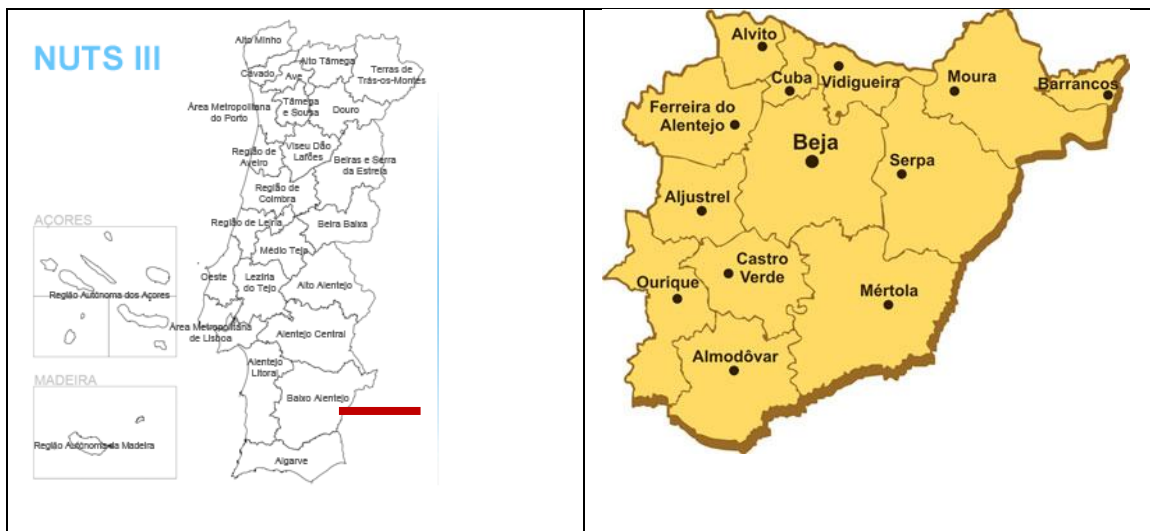


Figura 4.1 – Localização de Serpa no Baixo Alentejo. Fonte: [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt), acedido em fevereiro de 2021

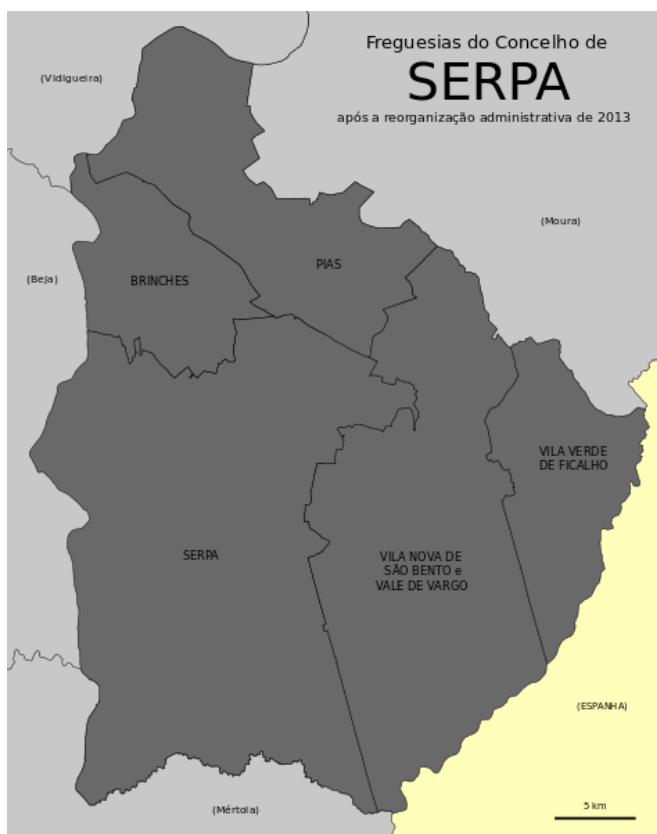


Figura 4.2 – Freguesias do concelho de Serpa. Fonte: [www.wikipedia.pt](http://www.wikipedia.pt), acedido em fevereiro de 2021

## 4.2. CLIMA

O clima de Serpa é um Clima Mediterrânico (tipo Cs segundo a classificação de Koppen), do tipo Csa (Clima temperado com verões quentes e secos) (www.ipma.pt, acedido em fevereiro de 2021).

De acordo com as Normais Climatológicas de Serpa (1971-2000) (Tabela 4.1), disponibilizadas pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera (www.ipma.pt, acedido em outubro de 2020), a média anual da temperatura média mensal é de 16,7°C, verificando-se a temperatura máxima mensal nos meses de junho a agosto com valores de 29,6°C, 34,2°C e 30,6°C, respetivamente, e a temperatura mínima mensal nos meses de dezembro a fevereiro (6,3°C, 6,9°C e 6,6°C, respetivamente). Os valores médios de precipitação mais elevados encontram-se entre os meses de outubro e março, sendo o valor médio da precipitação mensal de 514 mm (EDIA, 2019).

Concelho de Serpa  
Latitude 37,9°N (nominal) - Longitude 7,5°W (nominal)

	Irradiação Solar Diária Horizontal (kWh/m <sup>2</sup> )			Temperatura Ambiente (°C)			Humidade relativa (%)
	Global	Difusa	Directa	Mínima	Máxima	Média	Média
Janeiro	2,3	1,0	1,3	6,3	15,3	10,0	81
Fevereiro	3,1	1,3	1,8	6,9	16,1	10,8	79
Março	4,2	1,8	2,4	7,7	18,3	12,2	74
Abril	5,4	2,1	3,3	9,1	21,2	14,3	70
Maio	6,7	2,3	4,4	11,6	25,6	17,8	65
Junho	7,1	2,4	4,6	14,7	29,6	21,3	59
Julho	7,7	2,3	5,3	17,6	34,2	24,9	50
Agosto	6,9	2,1	4,7	17,7	34,1	24,9	48
Setembro	5,3	1,8	3,5	16,5	30,6	22,5	56
Outubro	3,6	1,4	2,2	13,6	24,7	18,2	69
Novembro	2,6	1,1	1,5	9,2	19,1	13,3	77
Dezembro	2,1	0,9	1,2	6,6	15,5	10,2	80

Tabela 4.1. Normais Climatológicas de Serpa (1971-2000). Fonte: www.ipma.pt, acedido em fevereiro de 2021.

## 4.3. SOLOS E CAPACIDADE DE USO DOS SOLOS

Os solos do Baixo Alentejo são, regra geral, solos pobres com origem em xistos e grauvaques, originados por acumulação de milhares de metros de espessura de vasas

essencialmente argilosas, e grande parte do concelho de Serpa não é exceção (Figura 4.3). Nos terrenos mais a sul e a este encontram-se os solos mais esqueléticos e de menor capacidade de uso os Litossolos, nomeadamente Litossolos Éútricos e Litossolos Éútricos (associados a Luvisolos), mais sujeitos à desertificação.

A oeste e norte, encontram-se os "barros de Beja" que, de acordo com Feio (1977), são terras particularmente férteis compostas por Luvisolos, maioritariamente Rodocrómicos cálcicos e cálcicos vérticos e férricos. São solos profundos, derivados de rochas eruptivas básicas, do complexo gabro-diorítico da região de Beja, ricos em fósforo, contendo elevadas proporções de argila – os barros – e, por isso, de elevada produtividade.

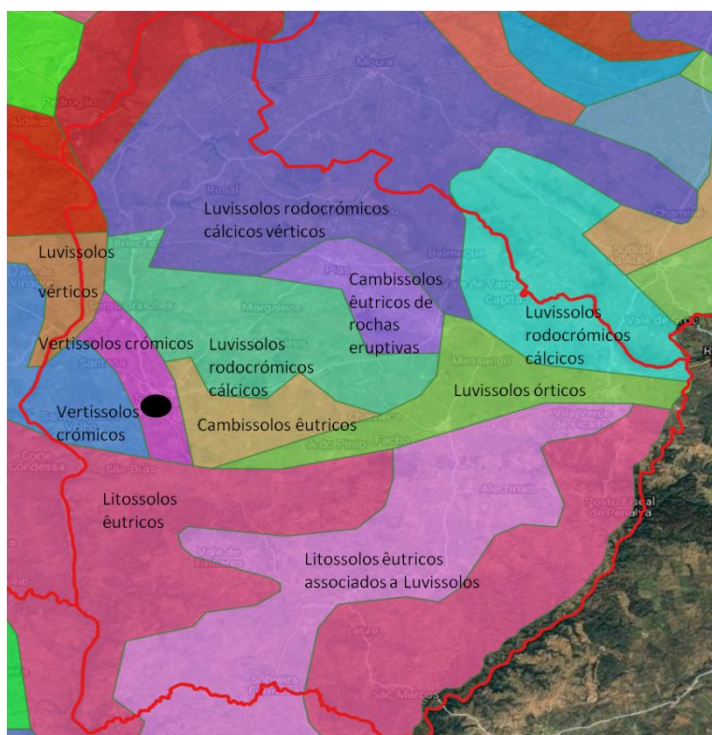


Figura 4.3 – Carta de solos. A vermelho indica-se o limite do concelho de Serpa, a preto a sede do concelho. Fonte: Carta de Solos de Portugal

De acordo com o programa Corine Land Cover 2000, os solos no concelho de Serpa são maioritariamente de ocupação agrícola, seguindo-se os matos e pastagens.

#### 4.4. GEOMORFOLOGIA E GEOLOGIA

De acordo com Galopim de Carvalho (2004), o Alentejo contém ocorrências geológicas únicas no território nacional. De entre essas ocorrências, no Baixo Alentejo sobressaem a Faixa Piritosa que deu vida a São Domingos, Aljustrel e Neves Corvo. Esta formação integra-se no chamado Maciço Antigo Ibérico, substrato rígido da Ibéria, pequena parte do que resta de uma velha cadeia de montanhas. Esta importante cordilheira prolongava-se da Alemanha para ocidente, pela França e sul de Inglaterra, de onde inflectia para sul, pelo que é hoje o território de Portugal e de Espanha, continuando-se por Marrocos e pelo continente norte-americano (em parte dos montes Apalaches) então ainda unido à Europa.

No sudoeste peninsular, o Alentejo é a região mais rebaixada do que resta desta velha cadeia, que começou a elevar-se, há cerca de 380 milhões de anos. O trabalho da erosão, que se seguiu à formação desta grande cordilheira, acabou por destruí-la, reduzindo-a à superfície planáltica que dá pelo nome de *Meseta Ibérica*.

O concelho de Serpa enquadra-se na unidade geomorfológica designada por Peneplanície Alentejana. A Peneplanície Alentejana corresponde à principal unidade de relevo do Alentejo, na qual o valor dos declives se situa maioritariamente entre os 0% e os 5%. Esta unidade caracteriza-se por uma variação de cotas reduzidas que, em geral, se processa de forma gradual, com exceção de alguns relevos residuais, com origem diferente. No concelho de Serpa esses relevos são a Serra de Serpa, a Serra de Ficalho e parte da Serra da Adiça.

De acordo com a Folha 8 da Carta Geológica de Portugal (escala 1:200 000), as unidades litológicas mais importantes no concelho de Serpa são:

- Antiformas de Ficalho, Serpa e São Brissos (complexo vulcano-sedimentar de Ficalho: metavulcanitos ácidos e mármore e calcários dolomíticos)
- Maciço de Beja (granitos)
- Antiforma do Pulo do Lobo (formação da ribeira de Limas: quartzovaques, filitos e raros tufitos; formação de Santa Iria: turbiditos; formação do Pulo do Lobo: filitos e quartzitos com quartzo de exsudação, raros metavulcanitos ácidos e metabasaltos)

- Bacia de Moura (conglomerados, arenitos, margas com concreções calcárias e argilas, às vezes com ataulpíte; argilas, margas, calcários e conglomerados)

Apesar de não se reconhecerem no concelho de Serpa jazidas de importância similar às aquelas localizadas um pouco mais a sul, podem, contudo, distinguir-se na margem esquerda do Guadiana três regiões mineiras ([www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt), acessado em outubro de 2020). A primeira, abrangendo as serras de Ficalho, Adiça e Preguiça, integra minas de ferro, cobre, zinco e galenas argentíferas; a segunda, na região de Barrancos, compreende minas de cobre; a terceira, situada entre Mértola e o rio Chança, enquadra minas de chumbo, cobre e manganês. Até uma época recente laborou-se nas minas de ferro da Orada, as quais poderão ter sido exploradas também na antiguidade.

A riqueza em recursos minerais da zona está associada à Faixa Zincífera e Magnetítica Alentejana, que se estende desde Montemor-o-Novo até Espanha, passando por Portel, Moura e Ficalho, onde são de destacar as mineralizações de zinco (Zn), cobre (Cu) e Chumbo (Pb) e à Faixa Piritosa Ibérica, onde se destacam as mineralizações de sulfuretos polimetálicos de Ferro (Fe), zinco (Zn), cobre (Cu), chumbo (Pb), prata (Ag), estanho (Sn), Manganês (Mn) e Bário (Ba) (SGP, 1988b).

De acordo com o PROF Alentejo, no Baixo Alentejo existem diversos geosítios classificados com elevado valor científico, educativo, estético e cultural, nomeadamente o Pulo do Lobo nos concelhos de Mértola/Serpa.

## **4.5. RECURSOS HÍDRICOS**

### **4.5.1. Recursos hídricos superficiais**

O principal rio do Baixo Alentejo é o Guadiana que delimita todo o concelho de Serpa a oeste. O Guadiana é o coletor principal dos cursos de água do Alentejo oriental, do território espanhol contíguo e dos cursos de água da vertente NE da Serra do Caldeirão. A sua rede hidrográfica é muito densa, apresentando, regra geral, as vertentes dos cursos de água formas retilíneas ou complexas (retilínea/convexa ou convexa/côncava) e os vales encaixados. O rio Guadiana é considerado um dos recursos naturais mais importantes do Baixo Alentejo, é um rio internacional da

Península Ibérica que nasce em Espanha (nas lagoas de Olhos do Guadiana), e quando chega a Portugal, no Alentejo, segue a linha da fronteira. Tem cerca de 870 quilómetros de comprimento, em que apenas 260 km se encontram em Portugal, delimita a denominada “Margem Esquerda do Guadiana”. As suas paisagens, de elevado valor histórico e natural, são testemunhas vivas da ação humana que ao longo dos tempos transformou o coberto natural original numa diversidade de ecossistemas, adaptados à secura e aridez do clima.

As ribeiras do concelho de Serpa apresentam sub-bacias hidrográficas importantes, nomeadamente as ribeiras de Chança, Limas e Enxôé e são, todas elas, afluentes do Guadiana (Figura 4.4).

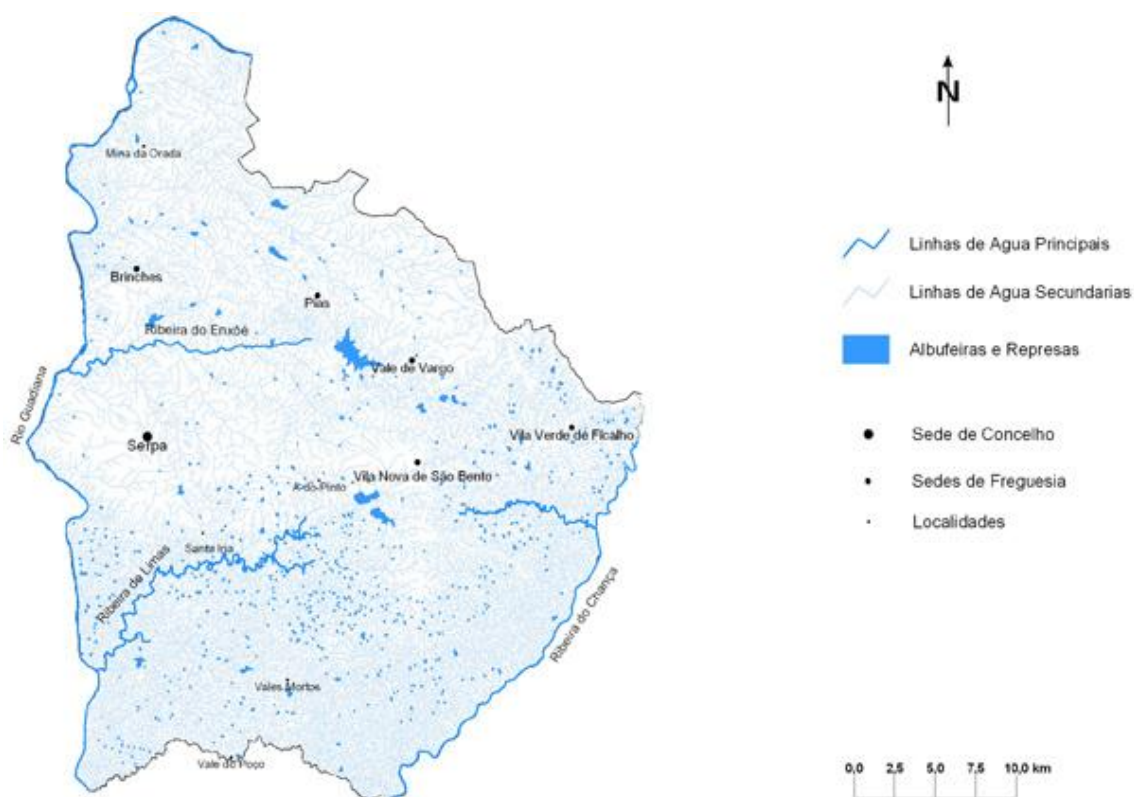


Figura 4.4 – Rede hidrográfica do concelho de Serpa. Fonte: <http://aguadoconselhoserpa.blogspot.com>

#### 4.5.2. Recursos hídricos subterrâneos

Do ponto de vista hidrogeológico, Serpa insere-se na Unidade Hidrogeológica designada de Maciço Antigo e integra o Sistema Gabros de Beja e o Sistema Moura-Ficalho. O primeiro abrange os concelhos de Beja, Ferreira do Alentejo e Serpa, tem cerca de 387 km<sup>2</sup>, apresenta-se em geral como aquífero livre, tem uma produtividade média da ordem dos 5 l/s, podendo atingir os 36 l/s. O sistema Moura-Ficalho abrange os concelhos de Moura e Serpa, tem uma área de 185,8 km<sup>2</sup>, é constituído por um aquífero principal, Aquífero Moura-Ficalho e dois aquíferos subsidiários: Aquífero Moura-Brenhas e Aquífero dos Calcários de Moura. São aquíferos livres a confinados, com comportamento cársico e fissurado. A produtividade média é de 8,3 l/s (Almeida *et al.*, 2000).

#### 4.6. PAISAGEM

Em termos ambientais e paisagísticos este concelho é bastante rico, englobando a tradicional paisagem alentejana que, de acordo com Cancela d'Abreu, et al. (2004) integra 4 unidades de paisagem (Figura 4.5).

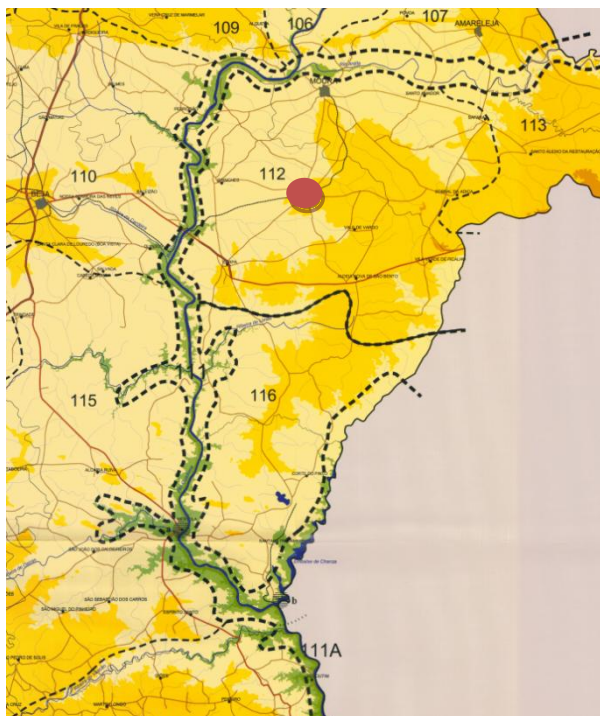


Figura 4.5 – Unidades de paisagem encontradas no concelho de Serpa. Fonte: Cancela, et al. (2004). Sem escala. Círculo vermelho: cidade de Serpa.

Estas unidades caracterizam-se por uma vasta planície, associada ao uso extensivo do cereal, pouco arborizada e com povoamentos concentrados. São elas:

#### Unidade 110 – Terras Fortes do Baixo Alentejo

Paisagem dominada pela horizontalidade e por um uso agrícola sob a forma de grandes propriedades ocupadas por sistemas arvenses de sequeiro (para grão ou forragem) e pela produção intensiva (Figura 4.6). Atualmente, a utilização agrícola é tanto mais diversificada quanto próximo se está da albufeira do Alqueva e do Rio Guadiana. O povoamento é do tipo concentrado, de pequena dimensão, sendo rodeado por um mosaico agrícola onde pontualmente surge o olival em quadrícula. Bem característicos desta paisagem alentejana são também os “montes”, construções de piso térreo com as paredes caiadas de branco, correspondentes a assentos de lavoura dos latifúndios já referidos.



Figura 4.6 - Unidade 110 – Terras Fortes do Baixo Alentejo. Fonte: [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt). Autor: Amélia Fernandes

#### Unidade 111 – Vale do Baixo Guadiana e afluentes

Paisagem caracterizada pelo vale encaixado do Rio Guadiana que “interrompe” a peneplanície do Baixo Alentejo, com encostas muito declivosas de xistos com diferentes densidades e composição de coberto vegetal (Figura 4.7). No vale entre a barragem do Alqueva e o Pulo do Lobo identificam-se elementos construídos associados ao tipo de topografia e usos do solo, nomeadamente, açudes e azenhas, sistemas de pesca e fortificação do séc. XVII/XVIII para proteção da linha de fronteira.

A jusante do Pulo do Lobo o encaixe do rio acentua-se evidenciando-se a sua presença na paisagem.



Figura 4.7 - Unidade 111 – Vale do Baixo Guadiana e afluentes. Fonte: Shutterstock

#### Unidade 112 – Olivais de Moura e Serpa

Esta unidade de paisagem é dominada pela quase constante presença de olival, associado aos solos mediterrâneos vermelhos de materiais calcários (ou solos calcários vermelhos), sobre um relevo ondulado (Figura 4.8). A par dos olivais, que se apresentam em plantações com diferentes idades e compassos de plantação, é possível observar ainda uma expansão recente da vinha e ainda diversas áreas com culturas arvenses de sequeiro, bem como montado de azinho. O povoamento é do tipo concentrado em pequenos ou médios aglomerados. Na paisagem destacam-se ainda os característicos “montes” localizados nalgumas cumeadas principais. A característica que mais se destaca na paisagem é a fertilidade dos solos e, conseqüentemente, a sua vocação agrícola. De uma forma geral, trata-se de uma paisagem harmoniosa, em termos de aptidão de usos, e grandiosa, em termos de amplitude visual. A expansão da agricultura intensiva de regadio (olival e vinha) prevista com a construção da Barragem do Alqueva é um processo em curso.



Figura 4.8 - Unidade 112 – Olivais de Moura e Serpa. Fonte: <http://obomalentejo.blogspot.com>

#### Unidade 116 – Serra de Serpa e Mértola

Unidade de Paisagem com altitudes médias de 200 m, que alternam entre colinas mais ou menos pronunciadas, revestidas com matos de sobreiro e de azinho com alguma densidade. No sub-coberto surgem pastagens (Figura 4.9). Observa-se uma tendência para o abandono do sistema cerealífero de sequeiro. O tipo de solos Mediterrânicos Xistosos conferem à paisagem tonalidades de vermelho. Presença da Mina de S. Domingos, que constitui um antigo complexo mineiro a sul, e que se diferencia na paisagem.



Figura 4.9 - Unidade 116 – Serra de Serpa e Mértola. Fonte: [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt). Autor: Nicola Di Nunzio

## 4.7. COMPONENTE ECOLÓGICA

### 4.7.1. Biogeografia

A área em estudo, de acordo com a Carta Biogeográfica de Portugal, à escala 1:1000000 (Costa *et al.*, 1998), enquadra-se nas seguintes unidades:

Região: Mediterrânica

Província: Luso-Extremadurense

Sector: Mariânico-Monchiquense

Subsector: Baixo Alentejano-Monchiquense

Relativamente aos Superdistrito, o concelho de Serpa insere-se em dois, no Superdistrito Baixo Alentejano e no Superdistrito Aracencense.

Na Província Luso-Extremadurense, Serpa integra-se no Sector Mariânico-Monchiquense. Os sobreirais e azinhais transformados em montados são predominantes na paisagem. No leito torrencial das ribeiras encontra-se salgueirais de *Salicetum atrocinnereae-australis*. Encontram-se nesta província as espécies endémicas *Euphorbia monchiquensis* e *Genista polyacanthos*. Como espécies representativas são indicadas a *Centaurea ornata* subsp. *ornata*, *Cytisus baeticus*, *Cytisus scoparius* var. *bourgaei*, *Echium boisseri*, *Marsilea batardea*, *Serratula abulensis*, *Thymelaea villosa* (Costa *et al.*, 1998).

O Superdistrito Baixo Alentejano é um território plano, menos chuvoso e mais continental. Tem um ombroclima sub-húmido a seco e situa-se maioritariamente no andar termomediterrânico, podendo atingir, em alguns locais, o andar mesomediterrânico. Os solos são na sua maioria xistosos, no entanto, são de realçar os “Barros de Beja” que correspondem a solos vérticos com origem em rochas máficas (dioritos, gabros, andesitos e basaltos).

O Superdistrito Baixo Alentejano é caracterizado pelos montados que resultam do *Pyro bourgaeanae-Quercetum rotundifoliae* e o esteval *Genisto hirsutae-Cistetum ladaniferi*. Contudo, em alguns locais poderá ocorrer o azinhal termófilo de *Myrto-Quercetum rotundifoliae*, os matagais espinhosos *Asparago dealbi-Rhamnetum oleoidis* e o zambujal-lentiscal de *Oleo-Pistacietum lentisci sensu auct.*, o esteval de *Phlomidio purpureo-Cistetum albidum* e o escoval de *Genistetum polyanthi*. Os montados de sobreiro (*Myrto-Quercetum suberis* e *Sanguisorbo-Quercetum suberis*) ocorrem

esporadicamente em algumas situações climaticamente mais favoráveis. Nos solos hidromórficos é frequente observar os juncais *Holoschoeno-Juncetum acuti*. *Linaria ricardoi* e *Armeria neglecta* são dois endemismos do Superdistrito, atualmente em vias de extinção.

Trifolio-Holoschoenetum e Juncetum rugosi-effusi, bem como os prados Gaudinio fragilis-Agrostietum castellanae, Pulicario paludosae-Agrostietum pourretii, Trifolio resupinati-Caricetum chaetophyllae, Loto subbiflori-Chaetopogenetum fasciculati e Hyperico humifusi-Chaetopogonetum fasciculati. Os prados (malhadas) do Poo bulbosae-Trifolietum subterranei e do Poo bulbosae-Astragaletum sesamei também ocorrem esporadicamente (Costa et al., 1998).

O Superdistrito Aracenense em Portugal encontra-se representado pela serras da Adiça, Ficalho e pelo vale do Guadiana a sul do Pulo do Lobo, é essencialmente termomediterrânico seco, mas pode atingir o mesomediterrânico sub-húmido nas zonas mais altas (St.<sup>a</sup> Iria e Contenda Sul). *Armeria linkiana*, *Campanula transtagana*, *Daucus setifolius*, *Dianthus crassipes*, *Erica andevalensis*, e *Scabiosa stellata* ocorrem nesta área. A série dos azinhais silicícolas termomediterrânicos - *Myrto communis-Querceto rotundifoliae* S. predomina neste território, contudo a paisagem encontra-se dominada por etapas subseriais: o esteval termófilo *Genisto hirsutae-Cistetum ladaniferi cistetosum monspeliensis*, e o espargueiral / zambujal / carrascal *Asparago albi-Rhamnetum oleoidis*. Os sobreirais do *Sanguisorbo-Quercetum suberis* são menos frequentes e encontram-se nas zonas mais húmidas à semelhança do seu urzal / tojal subserial, neste território: *Ulici eriocladi-Ericetum umbellatae*. As comunidades semi-nitrófilas rupícolas do leito rochoso do rio - *Centauro ornatae-Festucetum duriotaganae* (*Festucion duriotaganae*, *Rumicetalia induratae*, *Phagnalo-Rumicetea*) têm o seu ótimo biogeográfico nesta unidade biogeográfica.

Nas zonas secas e semi-áridas do vale do Guadiana assinalam-se as maiores originalidades do território em comparação com os outros dois Superdistritos do Subsector: os zimbrais reliquiaes edafoixerófilos do *Phlomido purpureae-Juniperetum turbinatae*, os escovais do *Genistetum polyanthie* o esteval *Phlomido purpureae-Cistetum albidum*. As comunidades semi-nitrófilas rupícolas do leito rochoso do rio - *Centauro ornatae-Festucetum duriotaganae* (*Festucion duriotaganae*, *Rumicetalia*

*induratae*, *Phagnalo-Rumicetea*) tem o seu óptimo biogeográfico nesta unidade biogeográfica.

#### 4.7.2. Flora, Fauna e Vegetação

Serpa apresenta uma grande variedade de habitats, associados aos vários tipos de solos, geologia, geomorfologia e recursos hídricos do concelho. Para além dos biótopos naturais associados aos matos e galerias rípicolas, as atividades humanas, nomeadamente o montado e a produção agrícola levaram ao surgimento de outro tipo de biótopos, não menos importantes.

De forma a compreender a grande diversidade ecológica presente no concelho de estudo apresentam-se seguidamente os principais biótopos terrestres do concelho e a sua caracterização, de acordo com EDIA (2019):

##### Povoamentos de quercíneas

Englobam os espaços florestais em que a espécie arbórea dominante é a azinheira e/ou o sobreiro, cujas densidades satisfazem os limites conferidos na alínea ii) do artigo 1º do Decreto-Lei n.º 169/2001, de 25 de maio, alterado pelo Decreto-Lei n.º 155/2004, de 30 de junho, mas que devido ao tipo de ocupação no subcoberto, não possam ser enquadradas no habitat 6310 (Montados de *Quercus* spp. de folha perene) do Anexo B-I, do Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de Abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 24 de Fevereiro. Estas áreas caracterizam-se por manchas de azinho e/ou sobreiro, cujo subcoberto é maioritariamente ocupado por pastagens semi-naturais, muitas vezes melhoradas. As comunidades herbáceas, predominantemente anuais, presentes na área de estudo integram as associações *Galactito-Vulpietum membranaceae*, que contam com as características *Echium plantagineum*, *Vulpia geniculata* e *Galactites tomentosa*, *Coleostepho myconis-Galactitetum tomentosae* de onde se destacam as espécies *Galactites tomentosa* e *Coleostephus myconis*, *Bromus scoparii-Hordeetum leporini* em que o *Hordeum murinum subsp. leporinum* assume clara dominância, *Carlino corymbosae-Carthametum lanati*, vulgarmente designadas de cardais e onde estão presentes as espécies *Carthamus lanatus*, *Carlina corymbosa* e *Scolymus hispanicus*, entre outras.

Embora não seja um habitat muito relevante para os anfíbios, algumas espécies podem ocorrer esporadicamente em povoamentos de quercíneas, sobretudo nas áreas em que se mantêm alguma humidade e ensombramento. Entre as espécies potenciais destacam-se a possível ocorrência de salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), o sapinho-de-verrugas-verdes (*Pelodytes* sp.), ou do sapo-comum (*Bufo bufo*).

Este habitat pode ser frequentado por alguns répteis ubíquos e adaptados a áreas de bosque, tais como a lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*), o sardão (*Timon lepida*), a cobra-de-escada (*Rhinechis scalaris*), a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*) ou a víbora-cornuda (*Vipera latastei*). Nas zonas mais pedregosas poderão ocorrer ainda a osga-comum (*Tarentola mauritanica*) e a osga-turca (*Hemidactylus turcicus*).

As áreas de povoamentos de quercíneas acolhem uma elevada diversidade avifaunística, salientando-se espécies como o milhafe-preto (*Milvus migrans*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), o ógea (*Falco subbuteo*), a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), a trepadeira-azul (*sitta europaea*), a trepadeira (*Certhia brachydactyla*), o papa-figos (*Oriolus oriolus*), a águia-calçada (*Hieraetus pennatus*), o chapim-real (*Parus major*), a milheira (*Serinus serinus*), o tentilhão (*Fringilla coelebs*), o búteovespeiro (*Pernis apivorus*), o milhafre-real (*Milvus milvus*), a coruja-do-mato (*Strix aluco*), a gralha-preta (*Corvus corone*), ou o gaio (*Garrulus glandarius*).

A diversidade de mamíferos neste biótopo pode também ser elevada, como por exemplo o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), a lebre (*Lepus granatensis*), a raposa (*Vulpes vulpes*), ou o veado (*Cervus elaphus*). Poderão ainda ocorrer algumas das espécies potenciais elencadas, tais como o ouriço cacheiro (*Erinaceus europaeus*), o morcego-pigmeu (*Pipistrellus pygmaeus*), o morcego de Kuhl (*Pipistrellus kuhlii*), o morcego-arborícola-gigante (*Nyctalus leisleri*), o leirão (*Eliomys quercinus*), o texugo (*Meles meles*), a fuinha (*Martes foina*), o gato-bravo (*Felis silvestres*), ou o javali (*Sus scrofa*).

## Outros povoamentos florestais

Nestas formações incluem-se pinhais e eucaliptais. Devido à densidade e manejo destes povoamentos o subcoberto apresenta-se frequentemente desprovido de vegetação, pelo que estes são muito pobres do ponto de vista da riqueza florística, apresentando apenas algumas espécies herbáceas como *Dactylis glomerata*, *Cynosurus echinatus*, *Briza maxima* e *Bromus hordeaceus* e lenhosas como *Cistus salviifolius*, *Cistus monspeliensis*, *Cistus crispus* e *Asparagus aphyllus* nas áreas de clareira e nas orlas de contacto com as unidades adjacentes. No entanto, são uma mais valia para a fauna existente, já que servem de refúgio para as diferentes espécies faunísticas presentes.

As áreas de povoamentos florestais de produção não são biótopos muito propícios à ocorrência de anfíbios, pois são biótopos onde se verifica uma reduzida retenção de humidade junto ao solo. Contudo, poderão ocorrer algumas espécies mais ubíquistas e com menos exigências hídricas, tais como a salamandra-de-pintas-amarelas, ou o sapo-comum.

Estas áreas poderão albergar algumas espécies de répteis adaptadas a ambientes florestais, ou de ocorrência ubíquista, tais como a lagartixa-do-mato, a cobra-de-escada, a cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*) e a cobra-rateira.

Na comunidade avifaunística, algumas espécies encontram-se bem adaptadas às áreas de povoamentos florestais, das quais se destacam a águia-de-asa-redonda, a águia-calçada, a toutinegra-de-barrete, o chapim-real, a trepadeira, ou o tentilhão (*Fringilla coelebs*). São também de ocorrência potencial o gavião (*Accipiter nisus*), a coruja-do-mato, o picapau-malhado (*Dendrocopos major*), a carriça (*Troglodytes troglodytes*) ou a gralha-preta, entre outras.

A diversidade da comunidade de mamíferos deste biótopo depende em parte da estrutura do subcoberto, tendendo a ser mais diversa, na presença de formações arbustivas. Entre as espécies de ocorrência potencial destacam-se o ouriço-cacheiro, ou o javali (*Sus scrofa*).

Este biótopo também pode ser utilizado como área de alimentação por algumas espécies de morcegos, como por exemplo o morcego de Kuhl (*Pipistrellus kuhlii*).

#### Olivais de sequeiro

Estes olivais são de exploração extensiva e permitem o desenvolvimento de um mosaico diverso de comunidades herbáceas terófiticas e hemicriptófitas de que se salientam algumas espécies como *Chamaemelum mixtum*, *Lolium rigidum*, *Avena barbata*, *Hordeum murinum* subsp. *leporinum*, *Chenopodium sp.*, *Daucus carota*, *Galactites tomentosa*, *Medicago polymorpha*, *Agrostis pourreti*. Esta unidade constitui biótopo de refúgio e alimentação para algumas espécies faunísticas, nomeadamente para a avifauna. Nesta unidade, nomeadamente em solos predominantemente calcários, é possível identificar a espécie *Linaria ricardoi*, trata-se de uma espécie prioritária para a conservação e que se encontra incluída no Decreto-Lei nº140/99 de 24 de abril, republicado pelo Decreto-Lei 49/2005 de 24 de fevereiro- Anexos B-II e B-IV.

Os olivais de sequeiro não reúnem condições muito favoráveis à ocorrência de anfíbios, podendo no entanto ocorrer algumas espécies mais generalistas e com menos exigência em termos hídricos, tais como a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapo-de-unha-negra (*Pelobates cultripes*), o sapo-comum, ou o sapo-corredor (*Epidalea calamita*).

A escassez de refúgio (ausência de pedras e de coberto arbustivo) torna este meio pouco favorável a uma grande diversidade de répteis, no entanto, poderão ocorrer algumas espécies escavadoras, ou que utilizem as fendas das oliveiras como locais de refúgio. Destaca-se por exemplo a osga-comum, a cobra-cega (*Blanus cinereus*), o fura-pastos (*Chalcides striatus*), ou a cobra-de-ferradura (*Hemorrhoids hippocrepis*).

As áreas de olival extensivo proporcionam uma fonte de alimentação importante para a comunidade avifaunística, sobretudo no período de outono e inverno, providenciando também abrigo e local de reprodução. Podem ser associadas a este biótopo as seguintes: a perdiz (*Alectoris rufa*), a codorniz (*Coturnix coturnix*), o estorninho-preto (*Sturnus unicolor*), a cegonha-branca (*Ciconia ciconia*), o cartaxo (*Saxicola torquatus*),

o sisão (*Tetrax tetrax*), a rola-brava (*Streptopelia turtur*), o cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*) e a calhandra-real (*Melanocorypha calandra*).

Relativamente à mamofauna, podemos encontrar espécies de pequeno porte neste biótopo, das quais se destacam o coelho-bravo, a lebre, a raposa (*Vulpes vulpes*), o ouriço-cacheiro, ou o texugo.

#### Olivais de regadio

Os olivais de regadio são, cada vez mais, uma unidade com grande representação no concelho, no subcoberto e nas entrelinhas destes olivais podem ser observadas algumas comunidades herbáceas de baixo porte, com forte influência antrópica e pertencentes predominantemente às classes fitossociológicas *Stellarietea mediae* em que dominam as espécies *Bromus hordeaceus*, *Bromus diandrus*, *Bromus rigidus*, *Avena barbata*, *Silene gallica* e *Trifolium angustifolium* e à classe *Polygono-Poetea annuae*, de onde se destacam as características territoriais *Plantago coronopus* e *Polygonum aviculare*.

Este biótopo possui melhores condições ambientais quando comparado com os olivais de sequeiro, uma vez que armazena ao nível do solo superior mais humidade. Desta forma, poderão ocorrer a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapo-de-unha-negra, o sapo-comum, o sapo-corredor ou a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*). No entanto, a quantidade de pesticidas adicionados a estas culturas poderão condicionar a comunidade de anfíbios em presença, uma vez que são espécies insectívoras.

Em termos de comunidade de répteis esta deverá incluir, sobretudo, espécies escavadoras, tais como a cobra-cega, ou associadas a prados húmidos e lameiros como a cobra-de-pernas-pentadáctila (*Chalcides bedriagai*), ou o fura-pastos.

O olival de regadio apresenta maior densidade de oliveiras que o “olival de sequeiro” e adicionalmente uma maior mobilização do solo. Estas variáveis têm influência no elenco da avifauna, que poderá incluir o pintassilgo (*Carduelis carduelis*), o pintarroxo

(*Carduelis cannabina*), o cartaxo, a perdiz, a codorniz, o trigueirão (*Miliaria calandra*) e a calhandra-real (*Melanocorypha calandra*).

A comunidade de mamíferos que ocorre nos olivais de regadio deverá ser semelhante, mas menos diversa do que a que ocupa os olivais de sequeiro, destacando-se o coelho-bravo e o ouriço-cacheiro.

#### Vinha de regadio

Unidade de vegetação de *Vitis vinifera* dotada de rega, as entrelinhas são frequentemente colonizadas com espécies ruderais de ampla distribuição, que geralmente recebem a designação de ervas infestantes. Nestas comunidades são, maioritariamente, dominadas por espécies anuais das famílias botânicas *Poaceae*, *Fabaceae*, *Urticaceae* e *Chenopodiaceae*. Como espécies dominantes dentro das gramíneas destacam-se *Bromus rigidus*, *Bromus diandrus*, *Hordeum murinum* subsp. *leporinum*, *Cynodon dactylon* e *Vulpia geniculata*, nas leguminosas destacam-se alguns trevos o *Trifolium tomentosum*, *Trifolium resupinatum*, *Medicago polymorpha*.

Este biótopo possui melhores condições ambientais quando comparado com as “vinhas de sequeiro”, uma vez que armazena mais humidade ao nível do solo superior. Desta forma, poderão ocorrer a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapo-de-unha-negra, o sapo-comum, o sapo-corredor, ou a rã-de-focinho-pontiagudo. No entanto, a quantidade de pesticidas adicionados a estas culturas poderão condicionar a comunidade de anfíbios em presença, uma vez que são espécies insectívoras.

Em termos de comunidade de répteis esta deverá incluir sobretudo espécies escavadoras, tais como a cobra-cega, ou associadas a prados húmidos e lameiros como a cobra-de- pernas-pentadáctila, ou o fura-pastos.

A vinha de regadio deverá proporcionar condições de habitat para a avifauna semelhantes às observadas no “olival de regadio”. Assim, o elenco deste biótopo poderá incluir o pintassilgo, o pintarroxo, o cartaxo, a perdiz, a codorniz, o trigueirão e a calhandra-real.

A comunidade de mamíferos que ocorre nas vinhas de regadio deverá ser semelhante, mas menos diversa do que a que ocupa as vinhas de sequeiro, destacando-se o coelho-bravo e o ouriço-cacheiro.

#### Culturas anuais de sequeiro

Nesta unidade de vegetação incluem-se as culturas cerealíferas de sequeiro (trigo, aveia e cevada), estas formações fazem parte do uso tradicional na região. Ocupam áreas planas, ou quase planas, possuem alto valor para as espécies faunísticas ocorrentes na área, uma vez que funcionam como biótopo de alimentação e de reprodução para muitas espécies. Do ponto de vista da biodiversidade florística, estas formações podem ser interessantes, podendo mesmo albergar alguns *Taxa* com estatuto de conservação como a *Linaria ricardoi*.

As áreas de culturas de sequeiro são pouco propícias à ocorrência de anfíbios, destacando-se apenas uma espécie de ocorrência potencial o sapo-de-unha-negra. No entanto, este biótopo pode representar um importante local de alimentação para répteis, face à disponibilidade alimentar (e.g. pequenos roedores, e invertebrados) que nestes pode ocorrer. Destacam-se o sardão, a cobra-cega, o fura-pastos, a cobra-de-ferradura, a cobra-de-escada, a cobra-de-capuz, ou a cobra-rateira.

A comunidade avifaunística que poderá ocorrer nestes meios inclui espécies adaptadas ao biótopo usualmente designado “estepe cerealífera” e pode ser muito diversa. Entre elas destacam-se o peneireiro-cinzento (*Elanus caeruleus*), a águia-de-asa-redonda, a águia-caçadeira (*Circus pygargus*), o carraceiro (*Bubulcus íbis*), a cegonha-branca (*Ciconia ciconia*), a cotovia-de-poupa (*Galerida cristata*), a cotovia-escura (*Galerida theklae*), o trigueirão, o peneireiro (*Falco tinnunculus*), o sisão, a abetarda (*Otis tarda*), o abibe (*Vanellus vanellus*), a tarambola-dourada (*Pluvialis apricaria*), a calhandra-real (*Melanocorypha calandra*), a petinha-dos-prados (*Anthus pratensis*), ou a alvéola-branca (*Motacilla alba*).

Devido à escassez de locais de abrigo, a comunidade de mamíferos destas áreas é, sobretudo, dominada por espécies de pequeno porte, tais como ouriço-cacheiro. Mas poderão também ocorrer algumas espécies de médio ou grande porte, que usam estes locais como áreas de alimentação, tais como a raposa, o texugo, ou o javali. Também

algumas espécies de morcegos alimentam-se neste biótopo, como por exemplo o morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*), o morcego-rato-grande (*Myotis myotis*), o morcego de Kuhl, ou o morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*).

## Pastagens

Nesta unidade estão integradas as parcelas de pousios, pastos e prados naturais. Nestas comunidades herbáceas são características as espécies das classes fitossociológicas *Stellarietea mediae* e *Tuberarietea guttatae*: *Agrostis pourretii* (erva-sapa), *Aira caryophyllea*, *Avena barbata* (balanco-bravo), *Bromus hordeaceus* (bromo-doce), *Bromus lanceolatus*, *Bromus rigidus*, *Chamaemelum mixtum* (margaça), *Coleostephus myconis* (pampilho-de-micão), *Echium plantagineum* (soagem), *Galactites tomentosa* (cardo), *Lolium rigidum* (azevém), *Plantago lagopus* (erva-da-mosca), *Trifolium angustifolium* (trevo-das-folhas-estreitas), *Taeniatherum caput-medusae* (cabeça-de-medusa), *Vulpia ciliata*, *Briza maxima* (bole-bole-maior), *Ornithopus compressus* (serradela-brava), *Rumex bucephalophorus* (catacuzes), *Tolpis barbata* (olho-de-mocho), *Trifolium arvense* (pé-de-lebre), *Trifolium campestre* (trevo-amarelo) e *Tuberaria guttata*. As comunidades fitossociológicas mais frequentes são *Galactito-Vulpietum membranaceae*, *Coleostepho myconis-Galactitetum tomentosae*, *Bromo scoparii-Hordeetum leporini*, *Carlino corymbosae-Carthametum lanati*, entre outras.

Nesta unidade é possível identificar o Habitat prioritário 6220 (Subestepes de gramíneas e anuais da *Thero-Brachypodietea*), neste incluem-se as comunidades herbáceas e/ou vivazes submetidas a uma pressão variável de pastoreio.

A comunidade faunística das pastagens deverá ser muito semelhante à identificada para as “Culturas anuais de sequeiro”. Assim, a nível da comunidade de anfíbios poderá ocorrer o sapo-de-unha-negra. Enquanto da comunidade de répteis poderão ocorrer o sardão, a cobra-cega, o fura-pastos, a cobra-de-ferradura, a cobra-de-escada, a cobra-de-capuz, ou a cobra-rateira. Na presença de maciços rochosos pode ainda ocorrer a cobra-lisa-meridional (*Coronella girondica*).

Também neste biótopo deverão surgir espécies adaptadas à “estepe cerealífera”. De onde se destacam o peneireiro-cinzento, a águia-de-asa-redonda, a águia-caçadeira, o carraceiro, a cegonha-branca, a cotovia-de-poupa, a cotovia-escura, o trigueirão, o peneireiro, o sisão, a abetarda, o alcaravão (*Burhinus oedicnemus*), o abibe, a tarambola-dourada, a calhandra-real, a petinha-dos-prados, ou a alvéola-branca.

Tal como na classe “Culturas anuais de sequeiro”, este biótopo proporciona pouca disponibilidade de locais de abrigo, para a comunidade de mamíferos. Estas áreas são sobretudo dominadas por espécies de pequeno porte, tais como ouriço-cacheiro, mas poderão também ocorrer algumas espécies de médio ou grande porte, que usam estes locais como áreas de alimentação, tais como a raposa, o texugo, ou o javali. Também algumas espécies de morcegos alimentam-se neste biótopo, como por exemplo o morcego-de-ferradura-pequeno, o morcego-rato-grande, o morcego de Kuhl, ou o morcego-de-peluche.

#### Culturas anuais de sequeiro com árvores dispersas

Esta classe resulta da conversão gradual, que se observa de forma generalizada na região, de ambientes agro-silvo-pastoris para ambientes tendencialmente mais agrícolas ou agropastoris. Ou seja, resulta da fragmentação da densidade de coberto arbóreo de áreas anteriormente ocupadas por montados ou povoamentos de quercíneas, e intensificação da exploração agrícola do subcoberto. Assim, nesta classe incluem-se as culturas anuais de sequeiro com presença dispersa de espécies arbóreas, nomeadamente *Quercus rotundifolia* (azinheira). Estas áreas apresentam uma composição semelhante à descrita na classe anterior, ao nível do extrato herbáceo, sendo dominada por culturas cerealíferas de sequeiro (trigo, aveia e cevada).

A presença de árvores proporciona um aumento da humidade junto ao solo e da disponibilidade de ensombramento, aspeto que favorece a ocorrência de anfíbios de hábitos mais terrestres, tais como a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapinho-de-verrugas-verdes, o sapo-comum, e ainda o sapo-de-unha-negra.

Também a comunidade de répteis tenderá a ser mais diversa que a que ocorre na classe de usos do solo anterior, uma vez que a presença de árvores proporciona um

aumento de locais de refúgio e da diversidade de presas. Assim, para além das espécies mencionadas para as “Culturas anuais de sequeiro” (sardão, cobra-cega, fura-pastos, obra-de-ferradura, cobra-de-escada, cobra-de-capuz e cobra-rateira), poderão ainda ocorrer a osga e a osga-turca.

A comunidade avifaunística deste biótopo tende a ser muito semelhante à identificada para as “Culturas anuais de sequeiro”, podendo ocorrer para além das espécies já mencionadas (peneireiro-cinzento, águia-de-asa-redonda, águia-caçadeira, carraceiro, cegonha-branca, cotovia-de-poupa, cotovia-escura, trigueirão, peneireiro, sisão, abetarda, abibe, tarambola-dourada, calhandra-real, petinha-dos-prados e alvéola-branca), algumas espécies que recorrem a árvores isoladas para nidificar, como por exemplo o milhafre-preto, o milhafre-real, ou a água-cobreira.

Também para a comunidade de mamíferos a presença de árvores dispersas proporciona uma maior diversidade de nichos e refúgio, sendo por isso esta comunidade mais diversa que a da classe de uso do solo anterior. Assim, para além das espécies acima identificadas (raposa, texugo, javali, morcego-de-ferradura-pequeno, morcego-rato-grande, morcego de Kuhl e o morcego-de-peluche), poderão ocorrer também o ouriço-cacheiro, a geneta (*Genetta genetta*), ou o leirão.

#### Pastagens com árvores dispersas

À semelhança do que é referido para a classe “culturas anuais de sequeiro com árvores dispersas”, também estas pastagens resultam da fragmentação da densidade de coberto arbóreo de áreas anteriormente ocupadas por montados ou povoamentos de quercíneas, neste caso, no entanto, mantem-se a exploração pecuária através do pastoreio. As comunidades herbáceas em presença são em tudo semelhantes às descritas para a classe “pastagens”.

A comunidade faunística das pastagens com árvores dispersas deverá ser muito semelhante à identificada para as “Culturas anuais de sequeiro com árvores dispersas”. Também neste caso a presença de árvores proporciona um aumento da humidade junto ao solo e da disponibilidade de ensombramento, aspeto que favorece a ocorrência de anfíbios de hábitos mais terrestres, tais como a salamandra-de-pintas-

amarelas, o sapinho-de-verrugas-verdes, o sapo-comum, e ainda o sapo-de-unha-negra.

Também a comunidade de répteis tenderá a ser mais diversa que a que ocorre na classe de usos do solo anterior, uma vez que a presença de árvores proporciona um aumento de locais de refúgio e da diversidade de presas. Assim, para além das espécies mencionadas para as “Pastagens” (sardão, cobra-cega, fura-pastos, obra-de-ferradura, cobra-de-escada, cobra-de-capuz, cobra-rateira e a cobra-lisa-meridional), poderão ainda ocorrer a osga e a osga-turca.

A comunidade avifaunística deste biótopo tenderá também a ser muito semelhante à identificada para “Culturas anuais de sequeiro com árvores dispersas”, podendo ocorrer as espécies mais associadas a espaços rurais abertos: peneireiro-cinzento, águia-de-asa-redonda, águia-caçadeira, carraceiro, cegonha-branca, cotovia-de-poupa, cotovia-escura, trigueirão, peneireiro, sisão, abetarda, alcaravão, abibe, tarambola-dourada, calhandra-real, petinha-dos-prados e alvéola-branca e algumas espécies que recorrem a árvores isoladas para nidificar, como por exemplo o milhafre-preto, o milhafre-real, ou a água-cobreira.

Também para a comunidade de mamíferos a presença de árvores dispersas proporciona uma maior diversidade de nichos e refúgio, sendo por isso esta comunidade mais diversa que a da classe de uso do solo anterior. Assim, para além das espécies acima identificadas (raposa, texugo, javali, morcego-de-ferradura-pequeno, morcego-rato-grande, morcego de Kuhl e o morcego-de-peluche), poderão ocorrer também o ouriço-cacheiro, a geneta, ou o leirão.

#### Culturas anuais de regadio

Esta classe inclui as culturas anuais herbáceas regadas, essencialmente constituídas por formações monoespecíficas para uso agrícola. Estas formações possuem diversidade específica muito baixa, uma vez que pela sua alta densidade de sementeira e pelo manejo realizado não permite a ocorrência de grande variedade de espécies autóctones, pelo que não possuem especial interesse para conservação para a componente florística.

As culturas de anuais de regadio proporcionam uma disponibilidade de humidade junto ao solo, mesmo nos períodos mais secos, o que permite o estabelecimento de algumas espécies de anfíbios mais terrestres como, por exemplo, a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapinho-de-verrugas-verdes, o sapo-comum, o sapo-de-unha-negra e ainda o tritão-de-ventre-laranja (*Lissotriton boscai*).

Em contrapartida, estes ambientes são menos propícios à ocorrência de répteis, ocorrendo sobretudo espécies mais generalistas ou que encontram nestes meios as suas presas preferenciais, tais como a cobra-cega, o fura-pastos, ou a cobra-rateira.

Em comparação com as áreas de “Culturas anuais de sequeiro”, as áreas de culturas anuais de regadio, são menos favoráveis à presença de algumas espécies cuja presença pode ser associada à atividade agrícola, devido ao excesso de humidade no solo e ao aumento da atividade humana. Sendo menos favoráveis sobretudo a espécies que nidificam no solo, e que por isso podem ter as suas posturas comprometidas ou inviabilizadas. Ainda assim, estes locais proporcionam alimento e refúgio a algumas espécies confirmadas na área de estudo tais como o peneireiro-cinzento, a águia-de-asa-redonda, o carraceiro, a cegonha-branca, a cotovia-de-poupa, o trigueirão, o peneireiro, o francelho, a tarambola-dourada, o abibe, a petinha-dos-prados ou a alvéola-branca.

A comunidade de mamíferos destes meios deverá ser semelhante à que ocorre na classe “Culturas anuais de sequeiro”, podendo ocorrer a raposa, o texugo, o javali, o morcego-rato-grande, ou o morcego de Kuhl.

#### Pomares

Nesta unidade estão enquadradas as hortas e outras áreas agrícolas, como pequenos pomares de laranjeiras, limoeiros, oliveiras, romãzeiras, entre outras e que ocorrem de forma muito localizada, geralmente na envolvente de áreas habitacionais. Estruturalmente são mais compartimentadas que as classes anteriores e também mais diversas em termos de ocupação, incluindo hortas e pomares. Devido à proximidade com áreas artificiais, poderão albergar espécies mais oportunistas.

Assim, as espécies de anfíbios que poderão ocorrer nestes meios tendem a ser generalistas e com menos exigência em termos hídricos, tais como a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapo-de-unha-negra, o sapo-comum, ou o sapo-corredor. Mas também poderão ocorrer algumas espécies associadas às estruturas de apoio à agricultura, como poços, ou bombas de furos, tais como o tritão-de-ventre-laranja e o tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*).

No que diz respeito aos répteis poderão ocorrer algumas espécies escavadoras, e/ou associadas a meios humanizados, tais como osga-turca, a osga, a cobra-cega, o furapastos, a cobra-de-ferradura, ou a cobra-de-escada.

Dada a proximidade com áreas humanizadas, a comunidade avifaunística deste biótopo, tenderá a ser mais generalista, podendo ocorrer a rola-turca (*Streptopelia decaocto*), o pardal (*Passer domesticus*), o pardal-espanhol, o tentilhão a cotovia-dos-bosques, a milheira, o verdilhão (*Carduelis chloris*), o pintassilgo, ou o pintarroxo.

As espécies de mamíferos que poderão ocorrer nestes meios, são essencialmente espécies de pequeno porte, associadas a vegetação herbácea que se desenvolve em subcoberto, tais como o ouriço-cacheiro, o coelho-bravo, ou o leirão e espécies oportunistas associadas a ambientes humanizados. Estas áreas poderão também ser usadas como biótopo de alimentação pelo morcego-de-ferradura-pequeno, o morcego-de-ferradura-mourisco, ou o morcego-rato-grande.

#### Matos

Do ponto de vista florístico dominam as espécies arbustivas *Cistus ladanifer* (esteva), *Cistus monspeliensis* (sargacinho), *Ulex eriocladus* (tojo), *Genista hirsuta*, *Lavandula stoechas* (rosmaninho) e *Lavandula viridis* (rosmaninho-verde) que pertencem à classe fitossociológica *Cisto-Lavanduletea* e definem a associação *Genista hirsutae-Cistetum ladaniferi*; Estes matos são subseriais do azinhal *Pyro bourgeanae-Quercetum rotundifoliae* que conta com as indicadoras *Quercus coccifera* (carrasco), *Pyrus bourgeana* (pereira-brava), *Quercus rotundifolia* (azinheira), *Daphne gnidium* (trovisco), *Olea sylvestris* (zambujeiro).

Em virtude da possibilidade de aridez acentuada do biótopo matos, o mesmo não é propício à colonização por anfíbios, podendo, no entanto, ocorrer algumas espécies mais tolerantes à insuficiência de humidade como o sapo-comum, ou o sapo-corredor.

Por outro lado, é possível encontrar uma comunidade de répteis interessante como sejam o sardão, a lagartixa-do-mato, a cobra-de-ferradura, a cobra-rateira ou a cobra-de-escada.

Nos matos residem comunidades de avifauna características, bem adaptadas a este meio. Destacam-se a toutinegra-do-mato (*Sylvia undata*) e a toutinegra-de-cabeça-preta (*Sylvia melanocephala*), a ferreirinha (*Prunella modularis*), o melro-azul (*Monticola solitarius*), a felosa-poliglota (*Hippolais polyglotta*), a toutinegra-tomilheira (*Sylvia conspicillata*), a toutinegra-dos-bigodes (*Sylvia cantillans*), ou a cia (*Emberiza cia*).

Os matos são caracterizados por uma diversidade de espécies considerável, uma vez que fornecem grande disponibilidade de refúgio e alimento. São exemplo algumas espécies, que utilizam este biótopo o coelho-bravo, a lebre a raposa, o toirão (*Mustela putorius*), o texugo, a geneta, o sacarrabos (*Herpestes ichneumon*), o gato-bravo ou o lince-ibérico (*Lynx pardinus*), podem ocorrer também algumas espécies que usam este biótopo como área de alimentação como, o morcego-de-ferradura-pequeno ou o morcego de Kuhl.

#### Planos de água

Estas comunidades surgem associadas às massas de água de origem antrópica, criadas para a contenção de água, nomeadamente charcas e barragens que servem para a rega de campos agrícolas e bebedouro para o gado. Do ponto de vista florístico têm algum interesse, uma vez que a variação do nível de acumulação de água permite a ocorrência de comunidades herbáceas temporárias. Nestas formações características de zonas depressionárias, em que é frequente acumulação de água no solo, podem ser observadas algumas comunidades associadas às classes fitossociológicas *Isoeto-Nanojuncetea*, de que fazem parte as características *Juncus bufonius*, *Lythrum hyssopifolia*, *Mentha pulegium*, *Juncus capitatus*, *Agrostis pourretii* e

a classe *Molinio Arrheneteretea*, *Crepis capillaris*, *Holcus lanatus*, *Gaudinia fragilis* e *Trifolium resupinatum*.

A maioria destas massas de água lênticas não aparentam possuir condições para a sustentabilidade da maioria dos taxa piscícolas, mas existem algumas – albufeiras e charcas de maiores dimensões – que apresentam potencialidades para albergar comunidades ictiofaunísticas. Contudo, em virtude das suas características (profundidade reduzida e pequena extensão da linha de água a montante), a comunidade faunística deverá ser exclusivamente constituída por espécies exóticas com interesse desportivo – nomeadamente achigã – e espécies forrageiras (e.g., alburno, gambúsia), que tenham sido introduzidas por ação antrópica. A única exceção a nível das espécies nativas restringe-se ao verdemã-comum, em resultado da sua ampla utilização como isco vivo – embora a sua captura tenha sido proibida pela Portaria n.º 624/2010, de 23 de agosto de 2010, respeitante a condicionantes à pesca e comercialização de cobitídeos – para a pesca ao achigã.

A comunidade de herpetofauna que ocorre associada aos planos de água é similar à que se encontra relacionada com as linhas de água e vegetação ripícola. Se os sistemas lênticos possuírem zonas de baixa profundidade e vegetação herbácea ou arbustiva, a diversidade será maior, uma vez que existirão áreas propícias ao refúgio e reprodução. Uma das espécies mais comuns de anfíbios presente é a rã-verde. Estes meio proporcionam ainda boas condições para a ocorrência de salamandra-de-costelas-salientes (*Pleurodeles waltl*), tritão-marmorado, rã-de-focinho-pontiagudo, ou rela-meridional, bem como de espécies de hábitos mais terrestres que encontram neste biótopo condições adequadas para a reprodução como a salamandra-de-pintas-amarelas, o sapo-de-unha-negra, o sapo-comum, ou o sapo-corredor.

Relativamente aos répteis, a comunidade será semelhante à referida para as linhas de água e vegetação ripícola, incluindo o cágado-mediterrânico, o cágado-de-carapaça-estriada, a cobra-de-água-viperina e a cobra-de-água-de-colar.

A comunidade avifaunística presente no biótopo planos de água é caracterizada por espécies que estão adaptadas a ambientes lênticos, onde se alimentam no sedimento do leito ou nas margens do plano de água, encontram refúgio ou condições para a

reprodução. São exemplo disso espécies como a garça-branca-pequena, a cegonha-preta, a galinha-de-água, o mergulhão-pequeno (*Tachybaptus ruficollis*), a garça-real (*Ardea cinerea*), a frisada (*Mareca strepera*), o pato-real (*Anas platyrhynchos*), o zarro (*Aythya ferina*), o galeirão (*Fulica atra*), o pemilongo (*Himantopus himantopus*), ou o borrelho-pequeno-de-coleira (*Charadrius dubius*).

Este biótopo acolhe um elenco de espécies de mamíferos semelhante ao biótopo “Linhas de água e vegetação ripícola”, ou seja, alberga mamofauna cuja relação ecológica com meios hídricos e vegetação ripícola é estreita. Destas destacam-se o coelho-bravo, a lontra, o toirão, o morcego de Kuhl, o morcego-pigmeu, ou o morcego-arborícola-gigante.

Encontram-se também no concelho de Serpa muitos Habitats da Diretiva Habitats, são alguns exemplos:

- Habitat 6310 - Montados de *Quercus* spp. de folha perene;
- Habitat 6420 - Pradarias húmidas mediterrânicas da *Molinio-Holochoenion*;
- Habitat 92D0 - Galerias e matos ribeirinhos meridionais (*Nerio-Tamaricetea e Securinegion tinctoriae*);
- Habitat 5210 – Zimbrais;
- Habitat 5330 – Medronhais ;
- Habitat 4030 - Charnecas secas do Baixo Alentejo: urzais, urzais-estevais e tojais-estevais.

Também é possível encontrar no concelho muitas espécies com estatuto de conservação. A título de exemplo apresenta-se, seguidamente, 31 espécies ameaçadas. Destas 21 estão classificadas como “Vulneráveis” (VU), são elas: a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a osga -turca (*Hemidactylus turcicus*), a cegonha-preta (*Ciconia nigra*), a frisada (*Mareca strepera*), o zarro (*Aythya ferina*) – população invernante, o búteo-vespeiro (*Pernis apivorus*), o milhafre-real (*Milvus milvus*)–população invernante, o tartaranhão-cinzento (*Circus cyaneus*)–população invernante, o ógea (*Falco subbuteo*), o sisão (*Tetrax tetrax*), o alcarvão (*Burhinus oedicephalus*), o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*), o noitibó-de-nuca-vermelha (*Caprimulgus ruficollis*), o chasco-ruivo (*Oenanthe hispanica*), a

gaivota-de-asa-escura (*Larus fuscus*) -população nidificante, o cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*), o chasco-ruivo (*Oenanthe hispanica*), o morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*), o morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*), o morcego-rato-grande (*Myotis myotis*), o morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*), e o gato-bravo (*Felis silvestris*); seis estão classificadas como “Em Perigo” (EN): o cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*), o zarro –população residente, a águia-caçadeira (*Circus pygargus*), a águia-real (*Aquila chrysaetos*), a abetarda (*Otis tarda*) e a petinha-ribeirinha (*Anthus spinoletta*) – população nidificante; e sete estão classificadas como “ criticamente em Perigo” (CR): o milhafre-real –população residente, o abutre-preto (*Aegypius monachus*), o tartaranhão-cinzento –população residente, a águia-imperial (*Aquila adalberti*), a narceja (*Gallinago gallinago*), o morcego-de-ferradura-mourisco (*Rhinolophus mehelyi*) e o lince-ibérico (*Lynx pardinus*).

#### **4.7.3. Áreas Sensíveis**

O concelho de Serpa engloba uma importante área sensível para a conservação da natureza, o Vale do Guadiana, que está classificada como: Parque Natural; PTCON0013 - Sítio da Lista Nacional de Sítios Rede Natura 2000; PTZPE0047 Zona de Proteção Especial Vale do Guadiana; PT030 – Áreas Importantes para Aves - Rio Guadiana.

A este, o concelho é também abrangido por: PTCON0053 – Sítio da Lista Nacional de Sítios Rede Natura 2000 - Moura/Barrancos (cerca de 3% deste Sítio localiza-se no concelho); e PTZPE0045 Zona de Proteção Especial – Mourão/Moura/Barrancos (apenas 1% desta ZPE localiza-se no concelho).

No concelho de Serpa foram ainda identificados pelo Instituto da Conservação da Natureza e Florestas dois sítios de grande interesse do ponto de vista dos seus valores naturais: o sítio de Malpique e o sítio de Vila Nova de S. Bento.

O Parque Natural do Vale do Guadiana enquadra-se em grande parte do concelho de Mértola e uma pequena parte do concelho de Serpa (União das Freguesias de Santa Maria e São Salvador). Foi criado pelo Decreto Regulamentar n.º 28/95, de 18 de Novembro, e estende-se ao longo de uma área de 69 600 ha, que corresponde ao troço médio do vale do Guadiana, entre a zona a montante do Pulo do Lobo e a foz da ribeira do Vascão. Na área do Parque encontram-se três grandes unidades

paisagísticas: os vales encaixados do rio Guadiana e seus afluentes, as elevações quartzíticas das serras de Alcaria (com altitude máxima de 370 m) e São Barão e as ondulantes planícies que dominam em extensão esta área protegida. O Parque compreende uma grande diversidade de habitats, que vão do rio sujeito a marés, bancos de vasa e areia, a formações ripícolas e rupícolas, matos, azinhal, pinhal, áreas agrícolas com culturas arvenses, cereais e pastagens. Na fauna destacam-se os mamíferos (com a presença de algumas espécies raras ou ameaçadas, nomeadamente o lince), aves (existência de grandes rapinas bem como de alguns dos maiores garçais do país) e peixes (de referir algumas espécies endémicas de grande interesse científico e económico). Também no que respeita à flora e vegetação é de assinalar um razoável elenco de espécies endémicas raras ou ameaçadas.

O Sítio Guadiana, com 39 257 ha, sobrepõe-se a parte do Parque. Entre os valores naturais deste sítio, estritamente ligados aos cursos de água, distinguem-se unidades florísticas peculiares e únicas, como é o caso da vegetação ribeirinha de cursos de água mediterrânicos intermitentes.

O Guadiana é o único rio em Portugal no qual o esturjão (espécie prioritária, migradora, classificada "em perigo") tem uma presença regular. Para além desta espécie, ocorrem mais três espécies migradoras, o sável, a savelha e a lampreia, e pelo menos dois endemismos ibéricos, a cumba e o bordalo (classificada como ameaçada). As formações ripícolas suportam uma avifauna característica, de grande importância conservacionista. O lince tem uma ocorrência provável na área. Verificam-se ainda endemismos associados ao rio e ribeiras afluentes.

O Sítio Moura/Barrancos é uma área de 43 309 ha, muito heterogénea do ponto de vista biofísico, observando-se a existência de zonas de planície cerealífera, de pastagens e de montados de sobro e azinho. Inclui ainda cursos de água de características torrenciais com alguns troços de vegetação típica em bom estado de conservação. Abrange um território com condições muito favoráveis à permanência do lince-ibérico e ainda o segundo abrigo mais importante do país para morcegos, que é um dos mais importantes da Europa em número de efetivos e o principal abrigo de hibernação em Portugal de espécies do género *Rhinolophus* (morcego-de-ferradura). Inclui também cursos de água importantes para a lontra e cágados. Esta zona constitui um local extremamente importante em relação à avifauna, quer pela presença de importantes populações de aves estepárias como a abetarda, entre outras, quer pela existência de um importante local de invernagem de grou.

A ZPE de Mourão/Moura/Barrancos, tem 84 909 ha e sobrepõe-se, em parte, à SIC Moura/Barrancos. Apresenta uma paisagem bastante heterogénea com extensas áreas agrícolas e florestais, vales dos afluentes do rio Guadiana, incluindo uma parte da albufeira de Alqueva. A agricultura inclui áreas com pastagens, culturas de cereal, olivais e vinhas. As áreas florestais estão bem representadas na ZPE e são dominadas por montados mais ou menos dispersos de azinho e de sobro. Relativamente à biodiversidade, esta ZPE é muito importante para a conservação das aves estepárias e para várias espécies de aves de presa, como o Abutre-preto (*Aegypius monachus*), a Águia-real (*Aquila chrysaetus*), a Águia-imperial (*Aquila adalberti*) e a Águia-de-Bonelli (*Aquila fasciata*). Esta é a área de invernada de Grou (*Grus grus*) mais importante de Portugal. Esta é também uma das áreas prioritárias para a conservação do Lince-ibérico (*Linx pardinus*) em Portugal e alberga a segunda área mais importante para espécies ameaçadas de morcegos do país. É ainda uma importante área de invernada para a Abetarda (*Otis tarda*) e abriga a segunda maior população nacional reprodutora de Sisão (*Tetrax tetrax*).

A zona de Malpique, em conjunto com as Serras da Adiça e de Ficalho, constitui um núcleo de vegetação de calcários isolados no seio de uma enorme extensão de solos siliciosos. Trata-se de uma "ilha" muito original de refúgio de flora e vegetação de calcários (um dos raros habitats de orquídeas calcícolas do Alentejo). O estado de conservação da vegetação nestas serras é também excecionalmente elevado, encontrando-se aqui bosques e matagais densos, de elevada maturidade ecológica. Este sítio tem igualmente uma enorme diversidade de habitats e de paisagem vegetal. É um núcleo de flora e vegetação bem conservada, original, madura e já muito rara no sul de Portugal, constituindo um importante contributo para a manutenção da biodiversidade à escala regional.

Vila Nova de S. Bento é uma área de montados de azinho e pontualmente de sobro, com densidades elevadas em combinação com uma área importante do rio Chança. Nos montados encontram-se alguns exemplos das raras pastagens naturais vivazes bem conservadas do Alentejo. No vale deste rio internacional são frequentes, também, bosques de azinheira próximos do estado clímax ou em recuperação rápida para este estado. Como tal, possuem grande maturidade ecológica e interesse de conservação. A vegetação de "tamujos" e loendreiros torna este rio importante para a conservação regional deste tipo de vegetação. Foi ainda detetada uma população importante de *Marsilea batardae*.

De acordo com o site da Câmara Municipal de Serpa ([www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt), acedido em outubro de 2020), no concelho estão classificadas como árvores de Interesse Público cinco exemplares de *Olea europaea* L. var. *europaea*, vulgarmente conhecidas por oliveiras, duas em frente ao Jardim Municipal e três na Rua dos Arcos, na cidade de Serpa.

#### 4.8. DEMOGRAFIA

De acordo com os Censos 2011 ([www.ine.pt](http://www.ine.pt), acedido em julho de 2020) a população do concelho era de 15 623 habitantes, valor esse que tem vindo a decrescer desde os anos 60 em que a população residente era de 32 476 habitantes. De acordo com o Anuário Estatístico da Região do Alentejo – 2018, nesse ano, Serpa já só apresentava 14 374 habitantes, sendo a maioria mulheres. O grupo etário que apresenta maior população é o grupo dos 25 aos 74 anos, com 7641 indivíduos, seguindo-se o grupo dos 65 e mais anos, com 5762, nas faixas etárias mais baixas o número de indivíduos não chega aos 1600 cada uma (Tabela 4.2).

	Total			0 a 14 anos			15 a 24 anos		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Portugal	10 276 617	4 852 366	5 424 251	1 407 566	718 939	688 627	1 091 449	555 057	536 392
Continente	9 779 826	4 615 656	5 164 170	1 335 327	681 957	653 370	1 028 481	522 716	505 765
Alentejo	705 478	338 876	366 602	88 445	45 050	43 395	69 444	35 714	33 730
Baixo Alentejo	116 557	56 430	60 127	15 203	7 720	7 483	11 399	5 904	5 495
Beja	33 550	16 333	17 217	5 078	2 593	2 485	3 321	1 773	1 548
Mértola	6 202	2 967	3 235	567	294	273	446	244	202
Moura	13 749	6 638	7 111	2 053	1 048	1 005	1 529	782	747
Serpa	14 374	7 008	7 366	1 573	807	766	1 441	753	688

	25-64 anos			65 e mais anos					
	HM	H	M	Total			75 e mais anos		
				HM	H	M	HM	H	M
Portugal	5 533 377	2 641 298	2 892 079	2 244 225	937 072	1 307 153	1 087 612	416 048	671 564
Continente	5 249 468	2 504 013	2 745 455	2 166 550	906 970	1 259 580	1 053 266	404 819	648 447
Alentejo	367 921	182 570	185 351	179 668	75 542	104 126	96 256	37 075	59 181
Baixo Alentejo	60 868	30 894	29 974	29 087	11 912	17 175	15 515	5 612	9 903
Beja	17 610	8 826	8 784	7 541	3 141	4 400	3 688	1 355	2 333
Mértola	2 982	1 588	1 394	2 207	841	1 366	1 427	485	942
Moura	7 029	3 570	3 459	3 138	1 238	1 900	1 631	550	1 081
Serpa	7 641	3 903	3 738	3 719	1 545	2 174	2 043	763	1 280

Tabela 4.2. – População residente segundo grupos etários. Fonte: Anuário Estatístico do Alentejo - 2018

Segundo a mesma publicação o concelho tinha uma taxa de crescimento efetivo de -1,7%, enquanto que a do Baixo Alentejo se situava nos -1,12% e de Portugal nos -0,14%. Dos concelhos vizinhos apenas Mértola apresenta um crescimento mais baixo. O índice de envelhecimento era de 236,4 contra 191,3 da Região Baixo Alentejo e 159,4 do país. Mais uma vez, dos concelhos vizinhos, só Mértola apresenta um índice de envelhecimento mais baixo. Por sua vez, Serpa apresenta a taxa bruta de mortalidade mais alta do que os seus vizinhos, do que o Baixo Alentejo e do que Portugal (9‰) (Tabela 4.3.).

	<u>Densidade populacional</u>	<u>Taxa de crescimento efetivo</u>	<u>Taxa bruta de mortalidade</u>	<u>Índice de envelhecimento</u>	<u>Índice de longevidade</u>
	N.º/km²	%	‰	N.º	
<b>Portugal</b>	111,4	- 0,14	11,0	159,4	48,5
<b>Continente</b>	109,8	- 0,13	11,0	162,2	48,6
<b>Alentejo</b>	22,3	- 0,91	14,8	203,1	53,6
<b>Baixo Alentejo</b>	13,6	- 1,12	17,2	191,3	53,3
Beja	29,3	- 0,75	15,1	148,5	48,9
Mértola	4,8	- 1,87	18,5	389,2	64,7
Moura	14,3	- 1,29	16,9	152,8	52,0
Serpa	13,0	- 1,70	19,0	236,4	54,9

Tabela 4.3 – Alguns indicadores de população. Fonte: Anuário Estatístico do Alentejo – 2018

#### 4.9. ATIVIDADES ECONÓMICAS

A base da economia de Serpa esteve, desde o período romano até ao século XVI ligada à caça, à pastorícia e às malhadas. No início do reinado de D. Manuel, Serpa era dos mais importantes portos secos de Portugal. A par da pastorícia e da agricultura, a produção artesanal e o comércio eram fatores de peso para a economia.

Em 1690, foi instituído o Celeiro Comum de Serpa, que tinha como objetivo ajudar os lavradores mais pobres em anos de crise, é a prova de como a partir do século XVII a cultura dos cereais se tornou na principal produção da região. O Celeiro funcionou até 1840, altura em que os seus fundos foram convertidos em ações e deram origem ao Banco Rural.

A cultura cerealífera fazia-se, sobretudo, pelo campesinato que trabalhava as terras dos lavradores, com alguns direitos, nomeadamente o de ter uma pequena courela

para sua subsistência. Contudo, com a introdução de maquinaria e a contratação de trabalhadores que aceitavam salários inferiores, as ligações pacíficas entre trabalhadores e patrões foram-se degradando e levaram muitos locais ao desemprego.

Em 2017, segundo o Anuário Estatístico Regional de 2018, o concelho apresentava um total de 1 848 empresas, com quase 50% no setor primário (763 empresas), contudo, apenas 81 empresas faziam parte da indústria transformadora. No comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos, existiam 341 empresas, 144 no alojamento, restauração e similares e 116 nas atividades administrativas e dos serviços de apoio. Apresentado todas as outras seções menos de 100 empresas.

Dentro do setor primário têm mais relevância a produção de vinho, o cultivo de cereais, prados temporários e culturas forrageiras, cortiça, pastagens permanentes e olival. A pecuária também tem uma forte representação com a produção de ovinos, caprinos e suínos. Ligadas a este setor aparecem importantes indústrias alimentares, apesar de em número reduzido, de transformação de carne de suíno e produção de queijos, nomeadamente do tradicional Queijo de Serpa de D.O.P..

No que concerne aos recursos naturais, embora sendo a agricultura e setores complementares a principal atividade, parece ser certo que as populações aqui existentes na antiguidade direta ou indiretamente acederam aos minérios da região. Não se reconhecendo nesta área jazidas de importância similar às existentes mais a sul, contudo, podem distinguir-se na margem esquerda do Guadiana três regiões mineiras. A primeira, abrangendo as serras de Ficalho, Adiça e Preguiça, integra minas de ferro, cobre, zinco e galenas argentíferas; a segunda, na região de Barrancos, compreende minas de cobre; a terceira, situada entre Mértola e o rio Chança, enquadra minas de chumbo, cobre e manganês. Até há relativamente pouco tempo laborou-se nas minas de ferro da Orada, as quais poderão ter sido exploradas também na antiguidade ([www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt), acedido em julho de 2020).

Relativamente aos estabelecimentos de alojamento turístico o concelho apresentava em 2018 uma capacidade de alojamento de 12,9 por 1000 habitantes, enquanto que o Baixo Alentejo apresentava 25,7. O n.º de dormidas de hóspedes estrangeiros situava-se nas 1,9 noites, o mesmo valor da Região, o número de hóspedes por habitante era de 0,7, um ponto percentual abaixo da média regional. Enquanto que a proporção de hóspedes estrangeiros era de 60,6% no país, no Baixo Alentejo situava-se nos 22,9%

e em Serpa apenas nos 7,8% (Tabela 4.4). A estadia média no alojamento era de 1,6 noites, enquanto que em Portugal se situava nas 2,7 noites. A taxa líquida de ocupação era a mais baixa, comparando com Portugal, a Região e os concelhos vizinhos, não indo para lá dos 25,6% (Tabela 4.5). O número de alojamentos era de 10, repartidos por 1 na hotelaria, 2 no alojamento local e 7 no turismo no espaço rural e turismo de habitação, prefazendo ao todo 187 camas (Tabela 4.6). O número total de hóspedes em 2018 foi de 9 881, o que equivaleu a 16 055 dormidas (Tabela 4.7). A grande maioria dos hóspedes era de nacionalidade portuguesa (9 106), sendo 732 da Europa, 2 de África, 28 da América, 8 da Ásia e 5 da Oceânia (INE, 2019) (Tabela 4.8).

	Estadia média de hóspedes estrangeiras/os	<u>Capacidade de alojamento por 1000 habitantes</u>	Hóspedes por habitante	<u>Proporção de hóspedes de países estrangeiros</u>	Proporção de dormidas entre julho-setembro	<u>Dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico por 100 habitantes</u>	Proveitos de aposento por capacidade de alojamento
	N.º de noites	N.º		%	N.º		milhares de euros
<b>Portugal</b>	<b>3,1</b>	<b>41,1</b>	<b>2,5</b>	<b>60,6</b>	<b>36,7</b>	<b>657,9</b>	<b>7,1</b>
<b>Continente</b>	<b>2,9</b>	<b>37,4</b>	<b>2,3</b>	<b>59,5</b>	<b>37,3</b>	<b>584,4</b>	<b>7,2</b>
<b>Alentejo</b>	<b>1,9</b>	<b>33,7</b>	<b>2,1</b>	<b>35,4</b>	<b>40,8</b>	<b>377,6</b>	<b>4,6</b>
<b>Baixo Alentejo</b>	<b>1,9</b>	<b>25,7</b>	<b>1,7</b>	<b>22,9</b>	<b>37,4</b>	<b>299,1</b>	<b>4,4</b>
Beja	1,9	24,0	2,4	30,7	34,1	434,2	8,7
Mértola	1,8	66,8	4,6	32,1	38,3	799,5	3,0
Moura	1,8	15,8	1,4	17,6	40,1	218,8	3,0
Serpa	1,9	12,9	0,7	7,8	41,5	110,7	2,4

Tabela 4.4 - Indicadores dos estabelecimentos de alojamento turístico. Fonte: INE, 2019.

	<u>Estadia média no estabelecimento</u>				<u>Taxa líquida de ocupação-cama</u>			
	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação
	N.º de noites				%			
<b>Portugal</b>	<b>2,7</b>	<b>2,8</b>	<b>2,4</b>	<b>2,1</b>	<b>47,8</b>	<b>51,9</b>	<b>37,0</b>	<b>24,3</b>
<b>Continente</b>	<b>2,5</b>	<b>2,6</b>	<b>2,2</b>	<b>2,0</b>	<b>46,8</b>	<b>50,4</b>	<b>37,8</b>	<b>23,2</b>
<b>Alentejo</b>	<b>1,8</b>	<b>1,8</b>	<b>1,8</b>	<b>2,0</b>	<b>33,2</b>	<b>40,1</b>	<b>24,0</b>	<b>23,6</b>
<b>Baixo Alentejo</b>	<b>1,7</b>	<b>1,8</b>	<b>1,5</b>	<b>1,8</b>	<b>32,4</b>	<b>43,3</b>	<b>23,2</b>	<b>21,6</b>
Beja	1,8	1,8	...	...	42,4	50,4	...	...
Mértola	1,8	...	...	1,9	36,2	...	...	19,7
Moura	1,6	1,7	...	...	38,7	46,3	...	...

Serpa 1,6 ... 1,7 25,6 ... 28,9

Tabela 4.5 - Indicadores dos estabelecimentos de alojamento turístico (cont.). Fonte: INE, 2019.

	Estabelecimentos				Capacidade de alojamento			
	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação
<b>Portugal</b>	<b>6 868</b>	<b>1 865</b>	<b>3 534</b>	<b>1 469</b>	<b>423 152</b>	<b>321 010</b>	<b>78 155</b>	<b>23 987</b>
<b>Continente</b>	<b>4 963</b>	<b>1 627</b>	<b>2 027</b>	<b>1 309</b>	<b>366 426</b>	<b>279 674</b>	<b>65 042</b>	<b>21 710</b>
<b>Alentejo</b>	<b>625</b>	<b>132</b>	<b>180</b>	<b>313</b>	<b>23 852</b>	<b>13 427</b>	<b>4 553</b>	<b>5 872</b>
<b>Baixo Alentejo</b>	<b>103</b>	<b>20</b>	<b>21</b>	<b>62</b>	<b>3 010</b>	<b>1 338</b>	<b>616</b>	<b>1 056</b>
Beja	15	6	1	8	809	565	...	...
Mértola	17	2	5	10	418	...	...	149
Moura	8	3	1	4	218	152	...	...
Serpa	10	1	2	7	187	...	...	97

Tabela 4.6 - Estabelecimentos e capacidade de alojamento. Fonte: INE, 2019.

	Hóspedes				Dormidas				Proveitos de aposento			
	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e Turismo de habitação
	N.º								milhares de euros			
<b>Portugal</b>	<b>25 249 904</b>	<b>20 450 232</b>	<b>3 951 007</b>	<b>848 665</b>	<b>67 662 103</b>	<b>56 561 305</b>	<b>9 310 035</b>	<b>1 790 763</b>	<b>2 993 197</b>	<b>2 633 189</b>	<b>277 424</b>	<b>82 584</b>
<b>Continente</b>	<b>22 926 413</b>	<b>18 503 592</b>	<b>3 635 657</b>	<b>787 164</b>	<b>57 192 011</b>	<b>47 742 488</b>	<b>7 897 596</b>	<b>1 551 927</b>	<b>2 633 225</b>	<b>2 304 892</b>	<b>254 597</b>	<b>73 736</b>
<b>Alentejo</b>	<b>1 470 950</b>	<b>1 041 013</b>	<b>209 241</b>	<b>696</b>	<b>2 675 945</b>	<b>1 873 187</b>	<b>368 228</b>	<b>530</b>	<b>109 930</b>	<b>109 78 071</b>	<b>10 599</b>	<b>21 260</b>
<b>Baixo Alentejo</b>	<b>202 534</b>	<b>127 287</b>	<b>33 335</b>	<b>41 912</b>	<b>350 619</b>	<b>226 065</b>	<b>50 510</b>	<b>74 044</b>	<b>13 338</b>	<b>7 574</b>	<b>1 202</b>	<b>4 563</b>
Beja	79 496	68 989	...	...	146 237	125 445	...	...	7 068	4 740	...	...
Mértola	28 577	...	...	4 746	50 053	...	...	8 942	1 251	...	...	207
Moura	18 867	15 728	...	...	30 282	25 962	...	...	645	499	...	...
Serpa	9 881	...	...	4 974	16 055	...	...	8 607	448	...	...	241

Tabela 4.7 - Hospedes, dormidas e proveito dos aposentos. Fonte: INE, 2019

	Total	Portugal	Europa (excluido o Portugal)	UE28 (excluindo Portugal)					África	América	Ásia	Oceâni a / n.e.
				Total	da qual:							
					Aleman ha	Espanh a	França	Reino Unido				
Portugal	25 249	9 941	11 296	10 602	1 602	2 069	1 641	2 042	195	2 648	993	173
	904	747	849	067	066	645	912	867	954	454	201	699
Continente	22 926	9 276	9 778	9 168	1 196	1 991	1 440	1 705	191	2 531	978	169
	413	122	686	756	839	400	616	845	570	915	325	795
Alentejo	1 470	949								117	41	
	950	547	352 417	333 387	54 841	98 848	49 499	29 376	2 869	494	413	7 210
Baixo Alentejo	202 534	183	38 986	37 263	6 425	12 008	4 331	3 214	252	5 499	1 249	365
Beja	79 496	55 091	20 090	19 365	4 244	5 848	1 559	1 336	122	3 131	921	141
Mértola	28 577	19 400	7 775	7 387	1 120	2 064	1 181	742	34	1 142	105	121
Moura	18 867	15 546	3 051	2 859	230	1 247	433	264	14	207	21	28
Serpa	9 881	9 106	732	658	48	330	124	41	2	28	8	5

Tabela 4.8 - Origem dos hóspedes. Fonte: INE, 2019

#### 4.10. HISTÓRIA

Na zona sul do Baixo Alentejo adquiriram importância os eixos Castro Verde-Almodôvar e Ourique-S. Marcos da Serra, por serem passagens naturais para o sul e, sobretudo, o porto de Mértola que funcionou até ao século XI como ligação entre o interior alentejano e o Algarve. Para noroeste do Guadiana desenvolvia-se, com uma expressão territorial assinalável, o campo de Ourique, que envolvia os atuais concelhos de Mértola, Almodôvar, Odemira, Castro Verde, Ourique, Aljustrel e Santiago do Cacém, que deteve até ao século XIX uma elevada importância histórica e económica. Embora fosse terra de pão assumia-se, sobretudo, como terra de montado e de pastorícia, destino trasumante de ovinos e de bovinos, vindos de rotas próximas e distantes (da serra algarvia, da margem esquerda do Guadiana a da Serra da Estrela (Ramalho e Mateus, 2007)).

Na zona mais a este o Baixo Alentejo, tendo por referência o Rio Guadiana e o Rio Chança, rios de fronteira com Espanha, a sua presença e o acidentado vale encaixado em que corre o Guadiana, configuram um território com características singulares e que adquiriu entidade histórica, a Ribeira d’Odiva dos tempos medievais, ou seja, o território da Margem Esquerda, de Mértola a Barrancos, onde predominavam o montado de azinho, a oliveira e a charneca, que proporcionavam boas condições à criação extensiva de gados e à caça.

Terra de recursos diversificados desde a fertilidade agrícola, à riqueza mineral do subsolo, o potencial cinegético das serras e montados e piscícola do seus rios e ribeiros, as boas condições de defesa e de fortificação dos relevos serranos, dominantes sobre a peneplanície e a comunicação pelo Guadiana, facilitando o contacto e comércio com o mediterrâneo e a costa atlântica, foram os fatores dinâmicos da história milenar da presença humana na região (Lopes, 2007).

Tendo a região vivido épocas de apogeu e desenvolvimento como se verificou, em particular, nos períodos Calcolítico e na Idade do Ferro; nos séculos II e III, sob domínio romano; entre meados do século XI e o primeiro quartel do século XII, sob domínio islâmico; entre meados do século XIII e inícios do século XIV, no contexto da definição de fronteiras e das políticas de povoamento do reino; entre finais do século XV e meados do século XVI, no quadro da expansão marítima portuguesa e entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX com a industrialização mineira (Ramalho e Mateus, 2007).

A altura ao certo em que o homem ocupou, pela primeira vez, as terras do concelho de Serpa é incerta. Segundo estes autores, as primeiras comunidades instalaram-se no concelho por volta do V milénio a.C.. Eram caçadores recoletores e instalaram-se na região a norte de Serpa, entre o Guadiana e o último troço da ribeira do Enxoé. Mais tarde, com o domínio da agricultura, as comunidades de pastores-agricultores procuraram terras mais férteis para se instalar, mantendo-se próximos das linhas de água. Foi no IV milénio que apareceram na zona de Serpa os primeiros monumentos megalíticos, de que o menir do lugar de Testudos é exemplo. Na viragem do II milénio, o povoamento estende-se a regiões de acesso mais difícil como Serpa e a Serra de Ficalho.

Lopes *et al.* (1997) vão de encontro a esta afirmação. Para os autores a cronologia paleolítica que, tradicionalmente, tem sido atribuída a muitos milhares de peças macrolíticas recolhidas ao longo do Guadiana, é questionada, aceitando-se como mais correta uma cronologia pós-paleolítica. Segundo estes autores, face ao atual estado de conhecimentos, é possível correlacionar algumas destas peças com as primeiras comunidades de caçadores-recoletores epipaleolíticos. Ainda que mal conhecidos e bastante fragmentários, os mais antigos testemunhos humanos atribuíveis a contextos cronológicos de relativa segurança podem remontar ao V milénio a.C..

Os Romanos chegaram ao Alentejo na primeira metade do século II a.C., tendo apenas investido na construção de estruturas para a sua fixação na segunda metade do século I a.C. (Lopes *et al.*, 1997). Segundo os autores Serpa e Fines (Vila Verde de Ficalho) devem ter sido aglomerados secundários. Serpa, um importante povoado desde a II Idade do Ferro, pela sua posição estratégica no eixo das vias terrestres que ligavam o sudoeste peninsular e na proximidade do Guadiana, onde circulavam produtos, sobretudo metais, desempenha importante papel durante as guerras entre César e os Oinoeios. Durante esse período, um dos privilégios que Serpa terá usufruído seria o de cunhar moeda. Serpa terá sido um dos aglomerados secundários do território de Pax Iulia, implantando num nó importante da via que ligava Pax Iulia a Onuba (Huelva).

Após atravessar a Serra Morena e passar pela cidade de Arucci (Sam Mamés de Aroche), esta via seguiria ao longo da margem esquerda do rio Chança, entrando no atual território nacional próximo de Vila Verde de Ficalho, a antiga Fines. A importância de Fines durante este período deriva certamente do facto de constituir, tal como o nome sugere, um limite territorial, certamente entre as províncias de Lusitânia e da Bética.

No ano de 181 a.C. os romanos conquistaram Serpa, tendo-a perdido pouco depois, só voltando a ser reconquistada por Pompeu em 63 a.C. Devido à sua posição perante o Guadiana e aos eixos viários, Serpa evoluiu de posto militar para uma civitas permanente. A fundação de Pax Julia (atual Beja), por volta do ano 30 a.C., fez com que Serpa tenha perdido parte da sua independência, tendo passado a um aglomerado secundário.

Dos vestígios romanos há a destacar várias villae, nomeadamente as da Cidade das Rosas (S. Salvador), do Monte das Oliveiras (S. Salvador), da Horta dos Banhos (Santa Maria), da Salsa (Brinches) e da Aldeia do Grilo (Santa Maria) e parte de uma antiga barragem no Barranco da Morgadinha, junto a Vila Nova de S. Bento (Lopes *et al.*, 1997).

Após a conquista islâmica Serpa continuou a ser habitada e integrada no distrito (kura) de Beja. Da presença muçulmana no concelho, cuja conquista do território ibérico terá começado em 711, há poucos vestígios. Na sede de concelho esse testemunho é mais evidente pois, pela sua posição geográfica, Serpa era uma povoação de importância estratégica, tendo sido erguido um castelo pelos muçulmanos no final do

século IX e reforçado nos séculos XI e XII, sendo visíveis alguns troços embutidos na muralha, a Torre da Horta e a Torre do Relógio.

A história de Serpa remonta a antes do domínio dos Romanos, contudo foram estes que fomentaram o desenvolvimento do concelho, em especial a nível agrícola. Em 1166, Serpa foi conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques.

Desde 1166, Serpa tal como outros pontos do Alentejo foi conquistada e perdida vezes sem conta nas constantes lutas da Reconquista, só em 1232 Serpa passa definitivamente a ser cristã, juntamente com Moura, tendo sido conquistada pelas hostes militares de D. Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de Santiago, já no reinado de D. Sancho I (Lopes *et al.*, 1997).

Pouco depois, o senhorio destas terras é dado por D. Sancho ao seu irmão o infante D. Fernando, que aqui estabelece residência, contudo em 1246 este é obrigado a exilar-se em Castela, passando Serpa e Moura a pertencer aos Hospitalários, que as dão ao rei de Castela em troca de Covelas do Douro. Ficam sob a alçada de Castela até ao Reinado de D. Dinis. Assim, a partir de 1295, Serpa volta a integrar o território português e a ter um foral idêntico ao de Évora e, tendo em conta a importância estratégica na defesa da fronteira, D. Dinis manda levantar um novo recinto amuralhado. A vila ficou assim totalmente envolvida pelas novas muralhas que tinham 5 portas: Beja, Moura, Corredoura, Sevilha e Porta Nova. Ainda com D. Dinis terá sido iniciada, junto ao castelo, a construção da igreja de Sta. Maria, que para alguns autores ocuparia o espaço da antiga mesquita (Lopes *et al.*, 1997).

O infante D. Fernando, irmão do rei D. Sancho I, ficou conhecido como o infante de Serpa, por ter recebido do monarca o senhorio desta vila e nela ter vivido, terá também participado na sua conquista aos mouros em 1232 (Lopes, 2003). Depois da reconquista acordos entre Castela e Portugal tentam definir as fronteiras e manter a paz entre os dois reinos, em 1267, o Guadiana assume a linha divisória entre os dois reinos, procurando Castela assegurar o seu domínio da margem esquerda do Guadiana. Afonso X obtem o escambo de Serpa e Moura por outras povoações de Leão e as outorga, juntamente com Mourão e Noudar, a D. Beatriz sua filha e viúva de Afonso III. D. Dinis, filho da infanta, aproveitando os conflitos desencadeados em Castela por razões de sucessão, consegue em 1295 que lhe sejam entregues Serpa e Moura. Este domínio foi confirmado dois anos depois pelo tratado de Alcanices (Lopes, 2003). Em 1295, D. Dinis concede foral a Serpa e Moura e outorga a estas

vilas privilégio para que nunca saíssem da posse da coroa. Mais tarde, dá ainda aos seus moradores a garantia de que estes não sejam nunca penhorados, nem os seus bens, móveis ou de raiz, por dívidas, salvo ao rei. E outorga ao concelho isenção do pagamento de portagens e foros por todo o reino. D. Pedro, atendendo à importância deste região fronteira e a necessidade de não a ver despovoada, para além de confirmar privilégios concedidos por seu avô, D. Dinis, outorga-lhe ainda outros, zelando para que alcaides e oficiais régios não exijam dos moradores mais do que são obrigados (Lopes, 2003).

Segundo Ramalho e Mateus (2007), o território foi pouco povoado durante a primeira dinastia portuguesa, mantendo a vegetação nativa de matos. A base da economia assentava assim na pastorícia e, sobretudo, nas “malhadas de colmeias” que davam grande rendimento. D. Dinis terá adicionado uma adenda ao foral para a instituição de mais malhadas (zonas cercadas por muros para proteção das colmeias, onde existia a casa do malhadeiro que tratava das colmeias. A importância da produção de mel e cera manteve-se até ao reinado de D. Manuel, altura em que a chegada de muitos judeus fugidos de Castela levou ao arroteamento de muitas terras e à produção de cereais.

Os pisões do Guadiana são também recuperados pela Ordem de Avis e são construídos novos, nomeadamente junto ao Chaça, o que significava que a produção de saragoças e outros tecidos de lã estava em franco progresso.

Segundo estes autores, após a crise aberta em 1383 pela sucessão do rei D. Fernando, a que se seguiu D. João I, o território conheceu séculos de paz e de prosperidade. Na guerra da sucessão Serpa terá sempre estado com o Mestre D’Avis. Encontrada a paz com Castela, D. João I outorga a seu filho D. João I os direitos reais de Serpa em 1424 (Lopes, 2003).

Em 1453, D. Fernando recebe, para além do ducado de Beja, os senhorios jurisdicionais de Serpa e Moura. Estes senhorios, importantes sobretudo pela sua posição geostratégica, vêm contribuir, de forma significativa, para a criação de um grande espaço senhorial no Alentejo, sob o domínio do infante, e alargar, consideravelmente, a sua casa e o seu poder (Lopes, 2003).

D. Fernando, o infante irmão de Afonso V, recebe do rei os senhorios de Serpa e Moura, em 1453, depois do regresso da fuga para Ceuta. Tanto no caso de Serpa

como de Moura, as vilas são doadas com os seus castelos, direitos, rendas e jurisdição, vitaliciamente. D. Fernando usufruiu dos direitos que tinham sido do infante D. João, seu tio e sogro, na sua condição de senhor. Depois da morte de D. Fernando, a infanta D. Beatriz, sua viúva e filha do infante D. João, requer de D. João II, a confirmação dos direitos de Serpa que seu pai tinha recebido em 1424, mas o rei nega. D. Manuel, no entanto, reconhece à mãe, em 1496, o uso dos direitos reais de Serpa. Depois da morte de D. Diogo, filho de D. Fernando, D. João II mostra-se interessado nas vilas de Serpa e Moura, mas estas só ficarão para a coroa com D. Manuel. D. João III, porém, volta a desistir delas, em 1524, a favor do infante D. Luis.

No âmbito da reforma dos forais levada a cabo por D. Manuel, Serpa recebe no início do século XVI, um foral de Leitura Nova. Em 1505, pediria a sua Misericórdia, que ficava encarregue de gerir o hospital que já existia na vila.

Na centúria de Quinhentos Serpa apresentava-se como uma das mais importantes vilas do Alentejo e do próprio reino, cujo desenvolvimento assentava na agricultura dos cereais e do gado, mas também no artesanato poderoso, voltado para o comércio, e numa aliança muito estreita com o rei ([www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt), acedido em julho de 2020).

Até à Restauração, altura em que a proximidade de Serpa à fronteira a envolveu nas lutas que sucederam ao 1º de Dezembro de 1640, pouco se conhece sobre a sua história militar. Após a subida ao trono de D. João IV, esta região viu-se, durante quase 30 anos, envolvida em lutas permanentes.

Em 1674, o príncipe regente, futuro rei D. Pedro II, confere à vila o título e os privilégios de "Vila Notável", justificados pelo número de moradores - mais de mil e quinhentos -, pela nobreza das gentes, saindo dela muitos homens insignes, tanto nas letras como nas armas, e pela posição militar estratégica que ocupava, junto à linha de fronteira, em ocasiões de guerra.

No início do século XVIII, D. João V apoia o arquiduque Carlos na sua pretensão à coroa de Espanha. Como seria de esperar, a região de Serpa é de novo martirizada: em 1700 uma incursão espanhola leva à destruição da Aldeia Nova (construída no sec. XVII a partir de um campo entrincheirado como posto avançado para defesa de Serpa do inimigo vindo de Paymogo) e de Sto. Aleixo; em 1707, Serpa foi ocupada; em 1708, o exército espanhol foi obrigado a sair tendo, como retaliação, feito explodir os paíóis da vila, com a destruição de grande parte do castelo.

Em meados do século XVIII, o concelho perde preponderância militar e, ao contrário do resto do país, a sua população não aumenta, talvez pelas inúmeras situações de crise registadas devido a maus anos agrícolas. No final da centúria de Setecentos o concelho está mais próximo do século XVII do que do século XIX.

Serpa, durante o Antigo Regime, fazia assim parte da Casa e Estado do Infantado, sendo um concelho que se integrava num senhorio com jurisdição própria que pertencia a um membro da casa real; na prática, a gestão concelhia dispunha de uma dinâmica própria, mas por se tratar de domínio de um donatário obedecia a uma estrutura específica no que se refere à nomeação dos indivíduos para cargos na governança local; em última análise dependia da decisão e despacho do órgão superior, neste caso da Junta da Casa do Infantado (Lobão, 2009).

No Antigo Regime, a população de Serpa e seu termo cingia-se, sobretudo, aos espaços urbanos, constituídos pelas freguesias da vila (Santa Maria e Salvador) e pelas freguesias de Aldeia Nova de S. Bento e Brinches, concentrando-se nestes locais grande parte dos habitantes do concelho.

No final do Antigo Regime a economia local era essencialmente agrícola e baseava-se num esquema de propriedade um tanto ou quanto complexo (Lobão, 2009), que ia da posse da terra no sentido pleno, à enfiteuse (posse por acordo por uma ou mais gerações), e em termos de exploração, do arrendamento e subarrendamento, à exploração por conta própria e em parceria (caso dos seareiros), envolvendo inúmeros intervenientes numa exploração fundiária repleta de particularidades mas, em termos produtivos, considerada já com relativa importância. Serpa, no final do século XVIII, era fundamentalmente produtora de trigo, azeite, lã, cera, mel e queijos, sendo as principais atividades o cultivo de cereais e a criação de gado. Contudo, o uso da terra era ainda relativamente deficiente. Apenas no final do século XIX o nível de produção aumentou substancialmente sobretudo na área cerealífera, olival, montado e vinha.

Mas, segundo Lobão (2009), a importância económica de Serpa era anterior ao século XVIII; desde finais do século XVII que se criara o Celeiro Comum por alvará de 27 de maio de 1690, o organismo de crédito aos agricultores menos abastados. A criação do Celeiro revelava que a agricultura naquela zona, nomeadamente a produção de trigo, teria já uma dimensão suficiente para beneficiar do apoio de uma estrutura daquela categoria. O concelho de Serpa teve durante o Antigo Regime suficiente expressão

económica e potencial de desenvolvimento para lhe conferir um certo destaque, nomeadamente a participação em reunião de Cortes de gente da governança local.

As terras férteis do concelho estavam nas mãos dos grandes proprietários, que controlavam a vida municipal, e constituiu-se uma massa crescente de camponeses sujeitos a crises cíclicas de trabalho e a uma situação de subsistência miserável. Para fazer face a esta realidade crescente, em 1906, a Câmara Municipal dividiu os 40000 hectares que possuía na Serra de Serpa por 5 000 famílias, contudo esta solução não veio resolver o problema, levando a que houvesse um grande êxodo de população. Em 1911, deu-se a imigração de uma só vez de cerca de 1000 pessoas para o Hawai e depois para o Brasil.

Com as Campanhas do Trigo decretadas para o Alentejo em 1929 por Oliveira Salazar, a vida dos pequenos proprietários que trabalhavam a terra ainda se degradou mais, não conseguindo acompanhar a introdução massiva de maquinaria e o custo dos adubos, muitos deles abriram falência, tendo sido obrigados a vender as terras. Neste contexto, as décadas de 1930 e 1940 foram décadas de fome, que levaram à mendicidade e fizeram proliferar as ideologias marxistas. Seguiu-se a perseguição política pela polícia política até 1974 com confrontos, perseguições, prisão e deportação de muitos trabalhadores. Por todas estas razões, a partir da década de 1950 a emigração levou ao despovoamento, que ainda hoje se continua a verificar (Ramalho e Mateus, 2007).

Contudo, ao contrário dos trabalhadores agrícolas os lavradores aumentaram o seu bem-estar económico, como se pode comprovar pelas novas casas que mandaram construir em toda a vila (Caldeira, 2000).

#### **4.11. PATRIMÓNIO**

Serpa dispõe de um rico e diversificado património histórico, arquitetónico, cultural, imaterial e oral. Que se reflete nas vastas ermidas, castelo, museus, e na própria cidade e aldeias (Figuras 4.10 a 4.12). O relacionamento cénico entre o património edificado e os espaços envolventes, ambos com vincada identidade, contribui para a marcada singularidade e harmonia paisagística deste território. O património cultural apresenta uma grande riqueza e variedade. A arquitetura e o urbanismo

consubstanciam uma importante e distinta identidade e imagem urbana que constitui um recurso diferenciador.



Figura 4.10 – Ermida de S. Gens, à entrada da vila de Serpa . Fonte: [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt). Autor: Vasco Neves



Figura 4.11 – Torre do Relógio, na vila de Serpa. Fonte: [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt). Autor: Nicola



Figura 4.12 – Aqueduto, na vila de Serpa. Fonte: [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt). Autor: Vasco Neves

#### **4.11.1. Património Arquitetónico**

Segundo o site [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt) (acedido em janeiro de 2021) no concelho de Serpa pode-se encontrar o seguinte património arquitetónico protegido:

- igreja paroquial de Santa Iria/Igreja de Santa Iria – União das Freguesias de Serpa  
Igreja paroquial de fundação manuelina, posteriormente intervencionada em termos decorativos no período maneirista

- Barragem Romana do Muro dos Mouros - União das Freguesias de Serpa - Imóvel de Interesse Público

Barragem romana, de rega com aproveitamento de curso irregular de água

- Núcleo urbano da cidade de Serpa / Núcleo intramuros de Serpa - União das Freguesias de Serpa - Conjunto de Interesse Público

- Muralhas de Serpa / Castelo e cerca urbana de Serpa - União das freguesias de Serpa - Monumento Nacional

Castelo de fundação medieval, com reconstrução ducentista e fortificação seiscentista.

- Igreja Paroquial de Serpa / Igreja de Santa Maria / Igreja de Nossa Senhora da Assunção - União das freguesias de Serpa - Imóvel de Interesse Público

Arquitetura religiosa, igreja, gótica, maneirista.

- Palácio dos Condes de Ficalho / Palácio Ficalho / Palácio dos Melos / Casa do Castelo - União das freguesias de Serpa - Monumento Nacional

Arquitetura residencial, barroca. Destaque para o aqueduto de 19 arcos e respetiva nora, que transportava a água em exclusivo para o palácio, a partir de um poço situado na extremidade sul da muralha.

- Ermida de Santa Luzia – Pias - Imóvel de Interesse Público

Arquitetura religiosa, manuelina capela, popular.

- Ponte sobre a Ribeira do Enxoé - União das freguesias de Serpa - Monumento de Interesse Público

Ponte construída na época moderna sobre uma provável pré-existência medieval, de tabuleiro em cavalete assente em 6 arcos e pilares reforçados de talhamares triangulares.

Outros conjuntos arquitetónicos e estruturas, não classificados, mas que de acordo como o inventário do património arquitetónico se podem encontrar no concelho de Serpa:

- Bairro de casas para famílias pobres/Bairro Municipal/Bairro Árabe/Bairro Operário – União das Freguesias de Serpa

Conjunto arquitetónico residencial unifamiliar. Habitação económica de promoção pública estatal (DGSU) e municipal. Conjunto de Casas para Famílias Pobres de pequena dimensão, composto por casas em banda térreas e de dois pisos com logradouro no tardo, formando quarteirões.

- Bairro de S. Pedro – União das Freguesias de Serpa

Conjunto arquitetónico residencial unifamiliar. Habitação económica de promoção pública estatal (FFH). Conjunto de média dimensão, composto por casas em banda unifamiliares de dois pisos, formando quarteirões abertos.

- Capela de Nossa Senhora da Consolação – Brinches

Arquitetura religiosa, quinhentista, popular, vernácula, barroca.

- Capela de Nossa Sra. dos Remédios / Ermida de N. Sra. dos Remédios – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, maneirista.

- Capela de S. Roque - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, manuelina, maneirista, popular, vernácula.

- Capela do Calvário - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, barroca, popular.

- Casa do Povo de Serpa / Escola Nacional de Artes e Ofícios Tradicionais - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura educativa. Escola profissional

- Casa Lopes - União das Freguesias de Serpa

Casa construída no séc. XIX sobre pré-existências setecentistas.

- Casa Manuelina no Largo D. João - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura residencial, manuelina.

- Casa no Largo da Corredoura n.º 10 - União das Freguesias de Serpa

Casa unifamiliar, construída no início do séc. 20, de dois pisos e marcada pela introdução de azulejos Arte Nova.

- Celeiro Comum de Serpa/ Banco Rural de Serpa / Restaurante Alentejano - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura assistencial, popular, vernácula. Celeiro comum onde é patente toda a contenção formal da arquitetura popular do Alentejo, com paredes totalmente despojadas, caiadas e animada apenas pelas molduras coloridas dos vãos, socos e cornijas.

- Cemitério de Santa Maria - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura funerária, neoclássica. Cemitério

- Chafariz Marreira - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura infraestrutural, maneirista, popular, vernácula.

- Chafariz da Rua Serpa Pinto - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura infraestrutural, ecléctica. Notável exemplo do revivalismo de sinal classicizante e de tradição académica.

- Chafariz do Salvador - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura infraestrutural, ecléctica. Edifício de carácter utilitário marcado por um grande sentido de despojamento e qualidade construtiva que retoma a forma de uma ara romana.

- Chafariz no Largo do Côrro – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura infraestrutural, neoclássica, ecléctica. Chafariz de tanque com arca d'água de marcado pendor eclecticista, integrando elementos do repertório construtivo do Neoclassicismo.

- Cine-teatro de Pias / Cine-teatro D. Maria – Pias

Arquitetura cultural e recreativa, do Séc. XX. Cine-teatro com capacidade inicial para 496 lugares.

- Convento do Mosteirinho/Museu do Relógio - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, quinhentista. Convento.

- Convento e Igreja de S. Paulo / Mosteiro de Nossa Sra. da Consolação/Hospital de S. Paulo - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, chã, barroca, rococó. Igreja e convento de frades paulistas, da Serra de Ossa.

- Cruz Nova - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, maneirista. Cruzeiro de marcada austeridade, correspondendo ao estilo chão, documenta a devoção ao Santo Lenho.

- Edifício da Alfândega de Vila Verde de Ficalho - Vila Verde de Ficalho

Arquitetura financeira, do Séc. XX. Delegação aduaneira.

- Edifício da Caixa Geral de Depósitos - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura financeira, do Séc. XX. Edifício da CGD

- Edifício e Igreja da Sta. Casa da Misericórdia de Serpa - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, gótica, manuelina, maneirista, barroca, neoclássica. Igreja de Misericórdia, reedificada sobre as ruínas de um templo mais antigo, conserva um portal ogival de traça gótica e feitura claramente popular.

- Ermida de N. Sra. das Pazes - Vila Verde de Ficalho

Arquitetura religiosa, manuelina, barroca, popular

- Ermida de N. Sra. de Guadalupe /Ermida de S. Gens / Santuário de N. Sra da Guadalupe – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, popular, vernácula.

- Ermida de Santana - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, manuelina, popular, vernácula.

- Ermida de S. Brás - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, maneirista, popular, vernácula

- Ermida de S. Pedro - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, manuelina, maneirista, popular, vernácula.

- Ermida de S. Sebastião - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, manuelina, maneirista, popular, vernácula.

- Escola Primária de Vila Verde de Ficalho/ Escola Básica do 1.º ciclo de Vila Verde de Ficalho - Vila Verde de Ficalho

Escola primária que obedece à formulação do projecto tipo III do Centro dos modelos da Repartição de Construções Escolares, adaptado ao espaço e à realidade da vila.

- Estação Ferroviárias de Pias – Pias

Estação ferroviária do Ramal de Moura, construída no séc. XIX, pelo Estado, conservando o edifício de passageiros, as instalações sanitárias públicas e o cais coberto, servido por um cais descoberto, com implantação lateral, paralela às linhas férreas.

- Estação Ferroviária de Serpa-Brinches - União das Freguesias de Serpa

Estação ferroviária do Ramal de Moura, construída no séc. XIX, pelo Estado, conservando o edifício de passageiros e as instalações sanitárias, com implantação lateral, paralela às linhas férreas

- Estação Fronteira de Vila Verde de Ficalho - Vila Verde de Ficalho

Arquitetura financeira, do Séc. XX. Estação fronteira

- Estação Pecuária da Vila Nova de S. Bento – União das Freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo

Arquitetura científica. Estação agrária

- Fonte do Hortezim – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura infraestrutural, neoclássica, ecléctica. Fonte com mãe de água que releva de um esquema compositivo de marcado pendor neoclássico

- Herdade de Vale de Perditos - União das freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo

Arquitetura agrícola. Herdade

- Igreja de N. Sra. da Saúde – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, maneirista, barroca, rococó.

- Igreja de S. Bento - União das freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo  
Arquitetura religiosa, barroca, rococó.

- Igreja Paroquial de Vila Nova de S. Bento/Igreja de S. Bento - União das freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo

Arquitetura religiosa, barroca, popular, ecléctica.

- Igreja Paroquial de Brinches/ Igreja de N. Sra das Neves – Brinches

Arquitetura religiosa, popular, vernácula, quinhentista, maneirista, barroca, neoclássica.

- Igreja Paroquial de Sto. Estêvão /Igreja de Sto. Estêvão – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, quinhentista, seiscentista.

- Igreja Paroquial de Vale de Vargo / Igreja de S. Sebastião - União das freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo

Arquitetura religiosa, popular, vernácula, manuelina, chã, ecléctica.

- Igreja Paroquial de Vila Verde de Ficalho / Igreja de S. Jorge - Vila Verde de Ficalho  
Igreja paroquial neoclássica, de planta em cruz grega, que revela uma concepção erudita buscando uma uniformidade e regularidade na concepção dos espaços e no tratamento dos alçados

- Igreja Paroquial de Vila Verde de Ficalho / Igreja de S. Jorge / Igreja Velha/ Museu de Vila Verde de Ficalho - Vila Verde de Ficalho

Arquitetura religiosa, popular, maneirista. Igreja paroquial, de construção popular, que revela no exterior um total despojamento.

- Igreja Paroquial do Salvador /Igreja de S. Salvador /Igreja de Nossa Sra. da Guadalupe – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, maneirista, barroca, rococó.

- Jardim de Infância de Vila Verde de Ficalho - Vila Verde de Ficalho

Arquitetura educativa. Jardim de infância

- Mercado de Serpa / Museu Etnográfico de Serpa - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura comercial, oitocentista.

- Oratório da Rua de S. Roque - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, barroca, popular, vernácula.

- Oratório das Portas de Beja - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, barroca, popular, vernácula

- Posto da Guarda Fiscal de S. Marcos - União das freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo

Arquitetura financeira do Séc. 20. Posto da Guarda Fiscal.

- Pousada de S. Gens / Estalagem de S. Gens – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura de turismo, do século XX, de expressão "regionalista".

- Santuário de N. Sra. do Carmo – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura religiosa, neoclássica

- Torre do Relógio de Serpa - União das Freguesias de Serpa

Arquitetura militar e de comunicações, gótica, manuelina.

- Torre Sineira / Torre do Relógio – Pias

Arquitetura religiosa, neoclássica, ecléctica. Torre sineira de uma igreja que nunca chegou a ser concluída.

- Tribunal de Serpa / Casa do Juíz - União das Freguesias de Serpa

Tribunal

- Tribunal Judicial de Serpa – União das Freguesias de Serpa

Arquitetura judicial. Tribunal

#### **4.11.2. Equipamento culturais**

De acordo com dados do INE (Anuário Estatístico da Região Alentejo-2018), Serpa e Castro Verde são os municípios do Baixo Alentejo que têm mais museus públicos (3 museus cada) a seguir à capital de distrito (6 museus). Em Serpa podemos encontrar o Museu Municipal de Arqueologia, o Museu Municipal de Etnografia, Galeria

Municipal de Arte Contemporânea, o Museu do Relógio (particular), o Centro Musibéria, o Cineteatro Municipal de Serpa e a Biblioteca Municipal Abade Correia da Serra.

Segundo o site da câmara Municipal de Serpa ([www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt), acedido em janeiro de 2021), a rede museológica do concelho está a crescer, resultado de uma aposta do Município, que se encontra a criar novos espaços culturais nas freguesias do concelho. São eles a Casa do Rio, em Brinches, a Casa das Artes, em Vila Verde de Ficalho, a Taberna dos Camponeses, em Pias, a Casa da Resistência, em Vale de Vargo, e o Casão do Cante, que irá nascer em Vila Nova de São Bento. Além destes cinco novos espaços, cujas empreitadas devem arrancar a curto prazo, devem ainda surgir a Casa da Memória, em Pias, e o Lagar de Azeite, em Vila Nova de São Bento.

Em Brinches, pretende-se que a relação histórica entre a população e o rio Guadiana seja o elemento central de um local onde este património natural e histórico, bem como a sua biodiversidade, sejam exponenciados com novas atratividades, ligadas à promoção turística e dos produtos locais e gastronómicos. O Rio Guadiana, enquanto elemento identitário ligado ao modo de vida, aos hábitos, às tradições e à cultura da freguesia de Brinches e a Casa do Rio, irá fazer essa ponte.

Segundo a Câmara, esta intervenção da Casa do Rio é complementada - e complementar - a outras intervenções e projetos, nomeadamente o Serpa Museu Aberto, que é o plano estratégico para a rede museográfica do concelho de Serpa, que tem como objetivo a requalificação dos núcleos existentes e a criação de novos núcleos museológicos e de centros interpretativos nas principais localidades do concelho, que deverão funcionar de forma integrada e numa lógica de complementaridade.

#### **4.11.3. Festas religiosas e populares**

As festas religiosas e populares existentes em todas as aldeias para festejar os seus santos padroeiros contribuem para a memória coletiva do concelho. São de destacar:

- Festas da Nossa Sra. da Guadalupe – acontece em Serpa, durante a Páscoa, desde Sexta-feira Santa até à terça-feira seguinte (dia de feriado municipal). A Nossa Senhora de Guadalupe é a padroeira oficial do concelho desde de meados do século

XX. Noutros tempos, os festejos em honra de Nossa Senhora de Guadalupe realizavam-se na ermida e compreendiam duas festas: a "dos homens", por ocasião da Páscoa, e a "das mulheres", pela época das vindimas.

O Cortejo Histórico e Etnográfico – integra-se nas Festas de Nossa Sra. da Guadalupe - e, segundo o site da Câmara Municipal, foi realizado pela primeira vez em 1979, organizado pela Comissão de Festas da altura, e pretendia representar quadros locais, mostrando a história, a etnografia e o património construído. Com cerca de 700 participantes, entre figurantes, motoristas e equipa de trabalho, é parte importante nas festas de Serpa, chamariz de visitantes e orgulho de quem o organiza. O Cortejo realiza-se há já quatro décadas, sempre no domingo de Páscoa.

Os Jordões – realizam-se em Pias, pelas festividades dos Santos Populares, com origem desconhecida, mas com grande importância religiosa. Segundo Ramalho e Mateus (2007), a cenografia do rio homónimo, ocupa um compartimento da casa, cujas paredes teto e chão são cobertos por um vasto conjunto de verdura. Os homens levavam a vegetação e as mulheres tratavam da decoração, durante a tarde e noite da antevéspera, de modo a que tudo estivesse pronto na noite de S. João. Junto ao altar, com nichos para os três santos, é colocado um recipiente grande com água, simbolizando o rio, onde as pessoas se vão benzer.

- Festa das Santas Cruzes - em Vila Nova de S. Bento no início de Maio, inclui procissão (com rosmaninho espalhado no chão) ao Cruzeiro, onde há missa e por vezes garraida. Em diversas casas da vila é enfeitada uma divisão com a Santa Cruz, um altar em degraus coberto de tecido claro, normalmente com bordados e enfeitado com flores, figuras de culto e velas, culminado com a "Santa Cruz" ([www.wikipedia.pt](http://www.wikipedia.pt), acedido em janeiro de 2021).

#### **4.11.4. Gastronomia**

A existência de uma gastronomia rica e variada, baseada em produtos tradicionais como as carnes e o pão, rica numa diversidade de ervas aromáticas características desta região também faz parte do património concelhio.

Como referia João Mário Caldeira, no seu livro “Margem Esquerda do Guadiana – as gentes, a terra, os bichos”, a culinária alentejana é a mais criativa do nosso país. “Tão

inventiva, que a partir de dois púcaros de água, um dedal de azeite, um dente de alho, uma pitada de sal e um naco de pão se pode confeccionar um prato capaz de figurar na carta dos melhores restaurantes. Tão inesperada, que a partir da mesma base tão simples se pode cozinhar manjar de verão ou comida quente de inverno. Tão prática, que tanto se pode preparar no local mais sofisticado, como no mais desamparado lugar da planície”.

#### **4.11.5. Chaminés**

Serpa tem uma característica especial: as suas chaminés. De acordo com Caldeira (2000) as chaminés de Serpa são de todas as formas e feitios, com mais de 30 tipos diferentes, desde as cilíndricas, às de cúpula ou de escuta, nas quais se podia ouvir tudo o que se dizia na rua.

#### **4.11.6. Cante Alentejano**

O Cante Alentejano está classificado como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura UNESCO), desde o dia 27 de novembro de 2014. A Câmara Municipal de Serpa, a 30 de setembro de 2014, já havia classificado esta forma de expressão como Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal, tendo apostado na divulgação e salvaguarda do Cante, com a criação da Casa do Cante e um projeto de sensibilização dos jovens nas escolas sobre o Cante.

Caldeira (2000), define o Cante como uma forma de expressão simples, que muitas vezes se originava espontaneamente, quando os homens se reuniam para trabalhar, no tempo do descanso ou nas ocasiões festivas. As letras que suportam a melodia (o “estilo”) são versos simples carregados de emoção: o amor, a solidão, a alegria e a liberdade, todas as mágoas e todas as esperanças dos trabalhadores rurais. A combinação entre a música e a letra é a “moda”, e representa uma forma muito particular de cantar, primeiros dos homens, depois em cantorias mistas nas saídas do campo, agora cada vez mais na co-existência de grupos organizados de vozes masculinas e femininas.

As modas são cantadas a 3 vezes por grupos de homens, regra geral, de formação espontânea. São vozes telúricas que se fazem ouvir, em passo cadenciado, comandadas pelo “ponto, modelo de timbre e colocação, abrindo caminho ao agudo “alto”, que lança a entrada do coro. Com letras tão simples como as gentes que as cantam, ganham a forma de espessões repassadas de dolência e religiosidade, assumem-se como a verdadeira expressão musical das terras do Baixo Alentejo (Catarino e Ramos, 2003).

Em Serpa, o cantar à alentejana ainda é um ato de socialização importante, com grupos corais de renome, nomeadamente:

- Grupo Coral e Etnográfico da Academia Sénior de Serpa
- Grupo Coral Feminino “As Ceifeiras de Pias”
- Grupo Coral Feminino Flores do Chança
- Grupo Coral Feminino Madrigal
- Rancho Coral Feminino Papoilas do Enxoé
- Rancho de Cantadores de Aldeia Nova de São Bento
- Grupo Coral Os Ceifeiros de Serpa
- Grupo Coral e Etnográfico Os Camponeses de Pias
- Rancho Coral e Etnográfico Os Camponeses de Vale de Vargo
- Grupo Coral “Os Arraianos” de Vila Verde de Ficalho
- Rancho Coral e Etnográfico de Vila Nova de São Bento
- Grupo Coral e Etnográfico da Casa do Povo de Serpa

Independentemente das origens que o cante alentejano pode ter: modos de cantar ancestrais, influências magrebina, ou expansão a partir de escolas religiosas de cante existentes em conventos, o concelho de Serpa, quer pela sua antiguidade, quer pelas influências que assimilou da cultura árabe, foi certamente segundo Ramalho e Mateus (2007), um dos territórios que acompanhou o seu nascimento e desenvolvimento enquanto rica expressão cultural das suas gentes.

#### **4.11.7. Produtos da terra**

Uma reflexão de Caldeira (2000) – “Talvez não haja em Portugal outra região, onde o homem tenha desenvolvido uma relação tão íntima e fundamental com a terra, como o Alentejo” é o mote para a introdução dos afamados produtos que a terra dá no concelho de Serpa, nomeadamente:

- o Queijo de Serpa DOP (Denominação de Origem Protegida) – segundo a Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (<https://tradicional.dgadr.gov.pt>, acessado em janeiro de 2021), o queijo Serpa DOP é um queijo curado, de pasta semimole, amanteigada com poucos ou nenhuns olhos, obtida por esgotamento lento da coalhada após coagulação do leite cru de ovelha, estreme, por ação de uma infusão de cardo (*Cynara cardunculus* L.). O queijo Serpa DOP tem como particularidades de processo o facto do corte ser feito com apenas quatro movimentos, praticados com base em crenças religiosas. Tem ainda a singularidade do pano utilizado para a filtração do leite ser dobrado rigorosamente 40 vezes. A área geográfica de produção abrange os concelhos de Mértola, Beja, Castro Verde, Almodôvar, Cuba, Ourique, Moura, Serpa, Vidigueira, Aljustrel, Ferreira do Alentejo, Alvito, Odemira, Santiago do Cacém, Grândola e Alcácer do Sal, nos distritos de Beja e Setúbal.

- o Azeite de Moura DOP – de acordo com a mesma fonte, trata-se de um azeite virgem e virgem extra composto pelas variedades de azeitona Verdeal (entre 15 e 20%), variedade Cordovil (entre 35 a 40%) e variedade Galega (percentagem restante). É produzido na localidade de Moura e de Serpa (distrito de Beja) e, também, em Mourão (distrito de Évora). A sua produção era já conhecida pelos Romanos e citada por Plínio (I século), que se admirava da arte do povo desta região no que respeita a olivicultura. Estrabão faz referência às exportações para Roma do magnífico azeite proveniente da planície do Alentejo.

- O Borrego do Baixo Alentejo IGP (Indicação Geográfica Protegida) - provém do cruzamento das raças Campaniça e Merino Branco com outras raças não autóctones. É produzido nos concelhos de Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Ourique, Serpa, Viana do Alentejo e Vidigueira

- o Cabrito do Alentejo IGP - é obtido a partir de animais da raça Caprina Serpentina ou de cabrito proveniente de cruzamento com pai da Raça Serpentina. A área de produção engloba os distritos de Portalegre, Évora e Beja.

- a Carnalentejana DOP - é obtida a partir de bovinos da raça Alentejana. A área geográfica de produção abrange todos os concelhos do Distrito de Beja, Évora e Portalegre, entre outros.

- a Carne de Porco Alentejano DOP - considerada como um dos símbolos da gastronomia nacional. Os porcos da raça Alentejana são animais de tamanho médio, com pele cor de ardósia, cabeça alongada e orelhas pequenas. Engloba o distrito de Évora, a quase totalidade dos distritos de Beja e Portalegre. A carne do porco alentejano tem uma fama ancestral, gozando já de bom prestígio nos tempos do

Império Romano. Até à década de 1960, o porco da raça alentejana era o principal responsável pelo abastecimento de carne em todo o país.

- Mangotes de Aldeia Nova - Enchido feito de chispe de porco desossado e recheado com rim, orelha e lombo, que é cozido em água e vinho branco e posteriormente secado, no forno ou no fumeiro.

- Mel do Alentejo DOP - é produzido por abelhas de raça local, *Apis mellifera* (*sp. Ibérica*). Existe Mel do Alentejo DOP monofloral (Rosmaninho, Soagem, Eucalipto e Laranjeira) e multifloral. Serpa é um dos concelhos de produção

- Pão Alentejano - Pão preparado com farinha de trigo, fermento, sal e água que baste para amassar. Pesa entre 1 a 1,5 kg. É um pão de testa (mais levantado numa das extremidades, assemelhando-se a uma dobra) e tem côdea castanho-clara e miolo esbranquiçado.

- requeijão de Serpa - Massa branca, com consistência próxima da do Queijo Serpa ao sair dos cinchos, embora menos ligada e untuosa, e um pouco mais granulada

- a doçaria regional onde se incluem as queijadas, as costas, as popias

- os vinhos

- os espargos

- os cogumelos

A terra não deu só o sustento ao homem no Alentejo, deu-lhe também abrigo são disso exemplo as casas típicas alentejanas construídas em taipa.

#### **4.11.8. Património etnográfico**

O Baixo Alentejo, em particular a Margem Esquerda do Guadiana, devido aos longos períodos de ocupação a que esteve sujeito apresenta ainda um grande léxico e vocabulário com origem nesses povos, que não se utilizam em qualquer outra parte do território português.

Para além disso, Caldeira (2000) identifica outra característica no contexto da linguagem alentejana, a atribuição de alcunhas e apelidos jocosos. Segundo este autor, são formas de humor, fruto da recreação permanente do viver coletivo das gentes do Alentejo. A alcunha é uma cumplicidade social praticada entre iguais e perfeitamente assumida, quase como forma de divertimento.

A hierarquia do trabalho no campo apresentava muitos detalhes e regras, existindo desde cerimónias de passagem a pronto dos trabalhadores (Caldeira, 2000), a dias próprios para contratação de pessoal, ou para mudar o gado de pastagem. Até a deslocação das próprias quadrilas de trabalho tinham regras, não podendo os trabalhadores passar à frente do capataz, enquanto iam ou regressavam do trabalho. Outro exemplo deste aprumo e complexidade, é o traje das mondadeiras que era composto por 16 peças entre calçado, vestuário, chapéus e atavios (Caldeira, 2000).

#### **4.11.9. Artesanato**

De acordo com a publicação “Artesanato da Região Alentejo”, em Serpa destacava-se a olaria, os trabalhos em madeira, em metal, em peles e couros e a cestaria. Contudo, esta publicação é já do ano 2000, pelo que é possível que alguns dos artesãos do concelho, nela mencionados, tenham já falecido e a sua arte desaparecido.

#### **4.11.10. Iniciativas Culturais**

De acordo com o site da Câmara Municipal de Serpa, de entre as iniciativas culturais do concelho destacam-se:

- o Encontro de Culturas que se realiza anualmente no Centro Histórico, promovido pela Câmara Municipal de Serpa. Tem como objetivo principal a promoção da cultura enquanto fator de desenvolvimento e de união entre os povos e integra na programação espetáculos musicais, exposições, mostras de fotografia, mesas redondas e *stands* temáticos.

- A Feira Histórica de Serpa que se realiza anualmente em agosto, no fim de semana mais próximo de dia 24. Em todas as edições é escolhido um tema, sendo que depois a feira é montada com base nessa temática. Durante três dias há recriações históricas das operações bélicas da época, teatralizações, espetáculos de fogo, música e dança, manjares tradicionais, entre outros. Esta iniciativa está inserida na estratégia de dinamização do Centro Histórico, é organizada pelo Município, e conta com o apoio do movimento associativo do concelho.

- O Cante Fest que se realiza desde 2015 e celebra a elevação do Cante Alentejano a Património Cultural Imaterial da UNESCO. Promovido pelo Município de Serpa, decorre habitualmente em Lisboa e em Serpa, incluindo exposições, apresentações de filmes ou documentários, palestras e colóquios, espetáculos e atuações musicais de cante e outros géneros polifónicos.

- O Prémio Internacional de Serpa para Álbum Ilustrado, promovido pelo Município em colaboração com a editora Planeta Tangerina e visa incentivar a criação de projetos na área do Álbum Ilustrado com um conceito e/ou uma narrativa originais e divulgar novos autores.

- O Prémio Ibérico de Escultura Cidade de Serpa, promovido pelo Município no âmbito de uma política que aposta no desenvolvimento de meios inovadores e criativos que potenciem o concelho como valor único. Neste contexto são planificadas e produzidas acções e eventos com forte componente cultural, de descentralização e de formação de novos públicos, nas quais se enquadra este Prémio Ibérico de Escultura.

#### **4.12. PERSONALIDADES**

##### Abade Correia da Serra

José Francisco Correia da Serra, mais conhecido como o Abade Correia da Serra, nasceu em Serpa em 1751. Em 1757, foi viver para Itália com os pais, o médico Luís Dias Correia e Francisca Luisa da Serra. Os seus estudos em Roma tiveram o auxílio do Duque de Lafões, João de Bragança (1719-1806). Em 1775 ordenou-se presbítero. Regressou a Portugal em 1777. Criou a Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1779, com o Duque de Lafões. Foi para França em 1786, onde permaneceu até 1791. Em 1797 foi para Inglaterra. Em Londres foi nomeado Conselheiro da Delegação Portuguesa, mas logo de seguida foi destituído e seguiu para Paris, onde residiu até 1813. De Paris saiu para os Estados Unidos, onde viveu até 1821 e onde desempenhou o cargo de Ministro Plenipotenciário junto do governo norte-americano. Regressou a Portugal em 1821 onde veio a ser eleito, em 1822, deputado às Cortes pelo círculo de Beja. Faleceu nas Caldas da Rainha a 11 de Setembro de 1823.

Como já referido, o Abade Correia da Serra foi, com o Duque de Lafões, fundador da Academia Real das Ciências de Lisboa. Foi Secretário da Academia nos seus

primeiros anos de atividade e aí desenvolveu uma intensa atividade de organização dos programas e atividades de promoção da investigação científica e de publicação de textos científicos. Desenvolveu uma actividade assinalável no domínio da investigação botânica, publicou regularmente em algumas das mais prestigiadas publicações científicas da sua época, foi membro da Royal Society e da Linnean Society, entre outras. O seu trabalho de investigação na Botânica desenvolveu-se principalmente no domínio da sistemática, nomeadamente na classificação sistemática das espécies vegetais. Realizou ainda investigações no domínio da Geologia, nomeadamente estudando a formação dos solos no Kentucky.

#### António Carlos Calisto

António Carlos Calisto, nasceu em Serpa, em 1863, e faleceu em Lisboa, em 1913. Foi fundador e primeiro Secretário-Geral do Automóvel Club de Portugal (A.C.P). Foi uma figura política de relevo e conhecido jornalista, tendo sido, entre outros, redator de “O Século”, para além de ter sido um dos principais impulsionadores do automobilismo nacional.

Na administração pública, exerceu o cargo de Chefe de Repartição da Secretaria da Assembleia Nacional Constituinte, foi Chefe de Gabinete de Brito Camacho quando este ocupou a pasta do Fomento (1910-1911), sendo eleito Deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo de Beja.

#### Conde de Ficalho

Francisco Manuel de Melo Breyner, 4º Conde de Ficalho, nasceu em Serpa, em 1837, e faleceu em Lisboa, em 1903. Passou os primeiros anos da sua vida no Alentejo, em Serpa, tendo ido depois para Lisboa frequentar a Escola Politécnica. Aos 17 anos de idade, com o Curso Preparatório concluído, fez parte da comitiva do rei D. Pedro V e de D. Luís, nas viagens realizadas a diferentes cortes da Europa, em 1854 e 1855.

O 4º Conde de Ficalho foi escritor, botânico e Professor catedrático de botânica da Escola Politécnica de Lisboa. Em conjunto com Andrade Corvo, Professor na mesma instituição, delineou o Jardim Botânico, no sítio do Monte Olivete e junto à Escola Politécnica, que começou a ser plantado em 1873 e foi inaugurado em 1878. Incentivou o incremento dos estudos da flora portuguesa, e, no desempenho do lugar

de Director do Instituto Agrícola (1864 a 1877), deu grande impulso ao Jardim Botânico. Desempenhou ainda o lugar de Inspector-Geral de Belas-Artes. Foi sócio da Academia Real das Ciências. Deixou vasta colaboração literária e científica, em várias revistas, e alguns escritos sobre Serpa e o Alentejo. Pertenceu ao célebre grupo dos «Vencidos da Vida», ao qual presidiu.

#### Filipe La Féria

Luís Filipe de La Féria Valente y Orta nasceu em Serpa, em 1945, é um encenador e dramaturgo português, responsável pela revitalização do teatro ligeiro português. Proveniente de uma família de lavradores e ganadeiros abastados, é o mais novo de seis irmãos. Por volta dos 18 anos, mudou-se de Serpa para Lisboa, matriculou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mas deixou esses estudos para ingressar na Escola de Teatro do Conservatório Nacional.

Em 1963, estreava-se como ator, na Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Seguiu-se a participação em peças de teatro, tendo sido ator durante 12 anos. Foi assistente de encenação no Teatro Experimental de Cascais e a seguir, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, fixou-se em Londres, onde obteve um diploma em Encenação.

Ao regressar de Londres, assumiu durante 16 anos consecutivos a direção da Casa da Comédia. Em 1990, escreve e encena “What happened to Madalena Iglésias” e aceita o convite de apresentar a peça da sua autoria “Passa por Mim no Rossio”, no Teatro Nacional D. Maria II. Também produziu e encenou para a RTP1, autor de todas as canções desses programas.

Em 2000, escreveu e encenou o musical “Amália”, que esteve durante seis anos em cena e ultrapassou os 16 milhões de espetadores. Desde essa altura tem estreado muitos outros sucessos.

#### Nicolau Breyner

João Nicolau de Melo Breyner Lopes, nasceu em Serpa, em 1940, e faleceu em 2016, foi um ator e realizador português. Depois da infância em Serpa, onde nasceu no seio de uma família de proprietários agrícolas, mudou-se para Lisboa com os pais e o avô materno. Na capital estudou canto e integrou o coro da Juventude Musical Portuguesa,

ao mesmo tempo que prosseguia os estudos. Ingressou na Faculdade de Direito, com a ambição de se tornar diplomata. Viria a desistir de Direito, optando por se diplomar no Conservatório Nacional, nos cursos de Teatro e Canto.

A sua estreia como ator dá-se quando ainda frequentava o Conservatório. No teatro de revista, através da interpretação de papéis cómicos, tornou-se conhecido do grande público, revelando-se um dos mais bem sucedidos atores da sua geração.

Após o 25 de abril de 1974 concebeu o seu primeiro programa televisivo. Em princípios da década de 1980 surge como ator e, simultaneamente, diretor de atores e co-autor do guião da primeira novela portuguesa, Vila Faia (1982). Segue-se a fundação da NBP Produções, hoje Plural Entertainment, a sua própria produtora de televisão, onde foi administrador, produtor e realizador; atividades que fazem dele um verdadeiro precursor da indústria de ficção televisiva em Portugal. Ao longo da sua carreira somou quase 50 participações no cinema, para além de dobragem de filmes de animação.

A 9 de junho de 2005, foi agraciado pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Mérito e, a 22 de abril de 2016, por Marcelo Rebelo de Sousa, com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, a título póstumo.

#### Manuel Soares Monge

Manuel Soares Monge nasceu em Serpa em 1938, é um militar e político português. Desde muito novo que se mostrou interessado pela carreira das armas, tendo passado pela Academia Militar. Combateu na Guerra Colonial. A partir de 1968, António de Spínola, nomeado comandante-chefe da Guiné, escolhe os melhores oficiais para conduzir a nova estratégia na província, então à beira da derrota militar. Manuel Monge é um dos eleitos. Participou na tentativa falhada de revolução em 16 de Março de 1974, e depois na Revolução de 25 de Abril de 1974, tendo sido membro do Movimento dos Capitães e da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas. Foi assessor militar de António de Spínola e Mário Soares na Presidência da República, foi responsável pelo pelouro das relações com Macau, tendo igualmente servido naquele território, no posto de secretário-adjunto do Governo. Em Setembro de 1996, tornou-se secretário-adjunto para a Segurança, substituindo Lajes Ribeiro. Em Março de 2005, foi eleito pelo governo, então liderado por José Sócrates, para o posto de Governador Civil em Beja.

## **5. PROPOSTA: PROJETO DE TURISMO CRIATIVO NO CONCELHO DE SERPA**

A bibliografia consultada sobre como implementar um projeto de Turismo Criativo ressalva que é importante demonstrar que o Turismo Criativo pode ser visualizado e criado de muitos modos diferentes. Não existe uma fórmula única de implementação.

Os autores referidos no capítulo 3.5., foram aqueles que desenvolveram metodologias que pareceram mais adequadas ao objetivo do trabalho a desenvolver. Assim, a estrutura utilizada para elaborar a proposta de TC da presente dissertação resultou de um complemento entre a metodologia apresentada por Richards *et al.* (2018) e por Simião (2016). Contudo, nenhuma das duas foi seguida na íntegra, utilizando-se os elementos que se consideram mais pertinentes de ambas e que se adaptam melhor à realidade do território, ao âmbito do trabalho (um trabalho académico), bem como à sensibilidade da autora.

Foram também efetuadas adaptações e alterações à metodologia proposta inicialmente aquando da escolha do tema, tendo em consideração as limitações sociais que o atual contexto pandémico tem incutido à realização de eventos.

Assim, a parte do projeto que deveria ser desenvolvida em conjunto com os stakeholders do concelho não teve lugar, nomeadamente a idealização das atividades. Contudo, foram criados um conjunto de temas padrão para o desenvolvimento de atividades específicas consoante o tipo de stakeholders com interesse em participar no processo.

### **5.1. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

Para Richards *et al.* (2018), pretende-se numa primeira abordagem responder às questões: “o que pode um turista criativo fazer aqui? O que pode aprender? Em que processos pode estar envolvido? Que capacidades e experiências temos nós para oferecer que outros não têm?”

Para tal é necessário um conhecimento aprofundado do território em questão, bem como das "local skills" ou habilidades locais.

Numa primeira fase Simião (2016), propõe também conhecer o território, bem como os seus elementos que podem ser valorizados, os setores criativos, empreendedores, equipamentos, empresas, atividades culturais, comércio de artesanato, referências gastronómicas, artes plásticas, artes cénicas, personagens locais, história, lendas, música e todo o tipo de criatividade que seja reconhecida e parte da cultura local.

A caracterização apresentada no ponto 4, bem como as fontes de informação apresentadas no ponto 5.1.2., pretendem, não só, ser uma base de trabalho para o projeto em questão, mas também uma fonte de informação para o desenvolvimento de outros projetos desta natureza.

Assim, o primeiro passo efetuado foi a caracterização do território. No capítulo 4 é apresentado esse trabalho realizado com base em bibliografia disponível, recorrendo-se a informação online, à biblioteca Abade Correia da Serra, à biblioteca da Universidade do Algarve, à Biblioteca Digital do Alentejo, a informação do município, entre outros.

A caracterização foi elaborada ao nível dos seguintes descritores: clima, solo e capacidade de uso do solo, geomorfologia e geologia, recursos hídricos, paisagem, componente ecológica, demografia, atividades económicas, história, património, equipamentos culturais, festividades, gastronomia, personalidades, produtos regionais, artesanato, património etnográfico e iniciativas culturais.

O processo de caracterização do concelho deve ser um processo evolutivo e contínuo, pelo que o levantamento dos potenciais elementos diferenciadores do concelho pode e deve ser complementado recorrentemente.

#### **5.1.1. Fontes de informação**

Para além da compilação da informação apresentada foi efetuado um levantamento bibliográfico na Biblioteca Municipal Abade Correia da Serra de todos os títulos com informações relevantes que podem auxiliar no desenvolvimento de atividades/experiências a incluir num projeto de turismo criativo. Apresentam-se seguidamente os títulos e potenciais contributos:

## Artes e ofícios

- Pereira, M. L. G. V. (2008). *Arquitetura de terra no Baixo Alentejo: Vila de Pias, um caso em estudo*. Serpa: [s.n.] – apresenta a construção típica em taipa, nomeadamente a história desta arquitetura, dos seus materiais e técnicas de construção
  
- Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa (2000). *Casa Tradicional Alentejana*. Serpa: [s.n.] – livro técnico sobre o processo de fabrico das casas de taipa
  
- Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa (2001). *Construção em Tijolo Maciço: um património para o futuro*. Serpa: [s.n.] – livro técnico sobre a produção de tijolos maciços de barro
  
- Escola de Artes e Ofícios Tradicionais de Serpa (s.d). *Artes tradicionais no Alentejo e ostrogothia*. Serpa: [s.n.] – descreve as artes e ofícios tradicionais que se desenvolviam no Alentejo, materiais utilizados, produtos criados e termos utilizados para os descrever.
  
- Rota do Guadiana (2008). *Queijo de Serpa: um património a preservar*. Serpa: [s.n.] – conta a história do queijo de Serpa: forma de fabrico, materiais e equipamentos utilizados
  
- Caldeira, J. M. (2000). *Margem Esquerda do Guadiana – As gentes, a terra, os bichos*. Lisboa: [s.n.] - apresenta uma descrição exaustiva e completa das atividades, das artes, dos ofícios, dos seus intervenientes incluindo costumes, trajes, habitações. Nomeadamente do pastor, do cabreiro, do vareiro, do cadeireiro e sua arte, do mestre de taipa e o seu ofício, do oleiro e olaria, das tecedeiras, do roupeiro e da produção do queijo
  
- Rota do Guadiana (2009). *O queijo de Serpa. Subsídios para o seu estudo técnico/económico*. Serpa: Rota do Guadiana – apresenta a história e o processo de fabrico do queijo
  
- Saramago, A. (2000). *Artesanato da Região Alentejo: catálogo*. Lisboa: Turismo de Portugal – descreve o tipo de trabalhos característicos de cada concelho e os seus mestres.

## História e arqueologia

- Lopes, M. C.; Carvalho, P. C.; Gomes, S. M. (1997). *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa – trata-se da Carta Arqueológica de Serpa com um inventário de todo o património arqueológico identificado até ao momento, resultante de trabalho de campo e laboratório.

- Lopes, S. A. P. (2003). *O Infante D. Fernando e a Nobreza Fundiária de Serpa e Moura (1453-1470)*. Serpa: [s.n.] – uma abordagem para outro período da história de Serpa que pretende dar a conhecer as suas gentes, a ligação que tinham à terra e as relações de poder, dependência, solidariedade e conflitualidade estabelecidas entre eles.

- Boiça, J. M. F. (2018). *Serpa na Formação do Reino de Portugal – 1166-1295*. Lisboa: [s.n.] - descreve pormenorizadamente os acontecimentos que ocorreram em Serpa, seus intervenientes e importância história no período abordado.

- Lobão, A. C. (2009). *As Elites e o Poder Local em Serpa na Transição do Antigo Regime para o Liberalismo (1790-1842)*. Lisboa: [s.n.] – mostra como a maior ruptura política da história contemporânea de Portugal foi vivida e os seus protagonistas nas elites de Serpa, apresenta os seus intervenientes e importância local.

- Borges, E. S. (2015). *A Guerra da Restauração no Baixo Alentejo* Lisboa [s.n.] – explica como foi vivido este período da história nacional nesta região.

- Câmara Municipal de Serpa (2010). *Museu Municipal de Arqueologia de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa – apresenta o espólio presente no museu

- Carneiro, A. (2004). *Itinerários romanos do Alentejo*. Beja: [s.n.] – apresenta, entre outras a rota Pax Iulia – Onubia, estrada romana que ligava a atual cidade de Beja à atual cidade de Huelva, em Espanha, que seguia por Serpa e Vila Verde de Ficalho

## Freguesias

- Quaresma, A. M. (2016). *Vila Nova de S. Bento – Génese de uma povoação fronteiriça*. Serpa: [s.n.] – fala da génese, história, monumentos, atividades e festas da localidade

- Estévens, D. J. V. (2012). *O Último Piseiro: contributos para a história de Brinches*. Serpa [s.n.] – narra a história da freguesia, pontos de interesse, curiosidades.

- Estévens, D. J. V. (2017). *As antigas confrarias de Brinches*. Serpa: [s.n.] – descreve as confrarias existentes na aldeia, o que representavam, faziam e para que serviam.

#### Etnografia

- Fortes, A. (1933). *Nótulas acerca dum falar da Margem Esquerda do Guadiana*. Mértola: [s.n.] – glossário de termos regionais de A a Z.

- Delgado, M. J. (1983). *A linguagem popular do Baixo Alentejo e o dialeto barranquenho*. Barrancos: [s.n.] – cita e explica os regionalismos usados na região.

- Mira, F. (1995). *Falar de Pias: recolha de tradição oral e literatura popular*. Serpa: [s.n.] – apresenta a história da freguesias, poemas, contos, lenga-lengas, trava-línguas, provérbios e cantigas oriundos da freguesia.

- Delgado, M. J. (1985). *A etnografia e o folclore no Baixo Alentejo*. Beja: [s.n.] – apesar de não falar particularmente de Serpa, apresenta muito património oral da região, nomeadamente “rezas”, versos, jogos tradicionais, termos regionais, lendas.

- Ficalho, C. (1979). *Notas históricas acerca de Serpa e o elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos*. Serpa: [s.n.] – outro documento sobre as expressões e linguagem popular usada.

- Cortez, M. R. O. P. (1994). *Cancioneiro de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa – faz uma compilação de lendas, provérbios, ditos populares de Serpa e os famosos “medos”.

- Caldeira (2000) também apresenta um glossário de termos regionais.

- Revista etnográfica “Tradição” editada em Serpa entre 1899 e 1904 - Em 1899, Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes criaram em Serpa "A Tradição", "revista mensal de etnografia portuguesa ilustrada", tendo como principal objetivo dar a conhecer as manifestações tanto "de carácter físico como de carácter mental" relativas ao país, em particular ao Alentejo. Considerando que essas manifestações se encontravam votadas à indiferença, os mentores da revista propunham-se trazer para as suas

páginas assuntos tais como "festas religiosas, linguagem, jogos, lendas, cantos corais, superstições, artesanato (...)". Nos seus cinco anos de vida, "A Tradição" contou com a participação de colaboradores como Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos, Carolina Michaelis e o Conde de Ficalho ([www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt), acessado em janeiro de 2021).

#### Biodiversidade

- Elias, G. et al. (1997). As aves invernantes do concelho de Serpa – apresenta a avifauna que utiliza o concelho como local de invernada.

#### Vários

- Ramalho, M.M. & Mateus, R. (2007). História e Histórias: Serpa – trata-se de uma compilação sobre o concelho que inclui história, monumentos, personalidades do concelho, curiosidades, festas e freguesias.

- Catarino, A. & Ramos, L. (2003). Rotas do Guadiana. Por esses campos fora – descreve e apresenta o road book de vários percursos para Todo-o-Terreno no concelho.

- Costa, F.D. (1991). Maravilhoso Guadiana: as grandezas, as misérias, o mistério – apesar de não aprofundar especificamente a vivência do Rio no concelho de Serpa, faz uma abordagem interessante ao mesmo (desde Espanha a Vila Real de Sto. António) do ponto de vista ecológico e como contributo para o desenvolvimento das comunidades próximas.

### **5.1.2. Situação atual**

Sendo o TC um conceito novo, mas que já conta com 20 anos, tentou-se perceber se ao nível do concelho, desenvolvido por particulares ou por entidades públicas, se registava algum tipo de atividade que se possa enquadrar como Turismo Criativo.

Para tal efetuou-se uma pesquisa através das internet, em sites relacionados com a atividades turística, nomeadamente os sites:

- [www.visitalentejo.pt](http://www.visitalentejo.pt)

- <https://www.herancasdoalentejo.net/experiencias-e-actividades>

- [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt)

Apenas se encontraram duas experiências promovidas por particulares, a saber: visitas ao lagar, visitas guiadas e provas de azeite, no olival da Risca Grande no Monte Novo da Fonte Corcho em Sta. Iria; e em Pias, na Herdade dos Vinhos Margaça, provas de vinhos e visitas à adega.

O facto de só se terem encontrado duas referências que se possam integrar neste contexto, não implica que sejam as únicas, revela sim que são as mais divulgadas, encontrando-se em sites para além daqueles das entidades que lhes deram origem.

O município de Serpa desenvolveu um conceito que tem potencial de enquadramento no TC, o projeto “Serpa Museu Aberto”, de acordo com o site [www.visitserpa.pt](http://www.visitserpa.pt), acedido em fevereiro de 2021, trata-se de “uma ideologia de desenvolvimento sustentável inspirada na nova museologia que assenta no Território como produto a potenciar, identificando e sinalizando os seus Pontos Notáveis. Estes funcionam como pólos de dinâmicas sociais, culturais, turísticas e económicas, entre eles e com o espaço envolvente, seja ele concelhio, regional, nacional ou transfronteiriço”.

Segundo esta fonte, o conceito “Serpa Museu Aberto” encerra os seguintes significados:

“Quando enunciamos Serpa, queremos fazer corresponder o nome ao Território concelhio, à paisagem cultural/rural e à construção social enquanto verdadeiros recursos endógenos do seu Património, portanto Pontos Notáveis únicos, identitários mas plurais e complexos na sua diversidade e ligações. No Museu, que é portanto o território, somos convidados a visitar e a (re)conhecer os seus pontos notáveis enquanto objetos vivos e a experienciar quer individualmente, quer em conjuntos temáticos, desenhando rotas pelo espaço concelhio. Ao dizer (Museu) Aberto pretendemos desconstruir a ideia de espaço museológico encerrado, a imagem de caixa, queremos que todo este território, este espaço geográfico, convide à visitação, permitindo o desfrute total e a convivência entre visitantes, paisagem, pessoas e cultura local.”

### **5.1.3. Análise SWOT**

Apesar de esta não ser contemplada pela metodologia dos autores seguidos, considerou-se pertinente desenvolver uma matriz SWOT da informação recolhida

(Tabela 5.1), de forma a ter uma visão mais concisa dessa mesma informação, permitindo agrupá-la nos vários quadrantes da matriz, e com base nesses cruzamentos definir estratégias a seguir para o desenvolvimento de potenciais atividades/experiências para um turismo de base criativa no concelho de Serpa.

Pontos fortes	Pontos fracos
Produtos de qualidade e reconhecidos	População envelhecida
Produtos certificados e DOP	Perda do saber oral e do saber fazer
Gastronomia tradicional rica	Perda de artesões
Tradição agro-pastoril	Dificuldade de fixar população jovem
Paisagem típica alentejana	Falta de recursos humanos especializados
Diversidade de paisagens	Abandono dos campos e produções tradicionais
Grande diversidade biológica e natural	Sazonalidade turística
Importante área protegida	Fracas acessibilidades
Importante rio internacional e outras linhas de água de relevo	Pouca oferta turística
Importantes recursos cinegéticos	Perda de artes e ofícios tradicionais
Grande património cultural	
Origem muito antiga	
Grande importância histórica	
Vasto património agrícola e etnográfico	
Edificado tradicional preservado	
Património geológico	
População afável e que gosta de partilhar	
Crescente desenvolvimento turístico	
Importantes tradições/festas de cariz cultural	
Cante Alentejano - património cultural imaterial da Humanidade	

Concelho seguro	
Muita bibliografia com informação sobre o concelho	
<b>Oportunidades</b>	<b>Ameaças</b>
Diferenciação do concelho pelo seu elevado património e riqueza ambiental e paisagística	Dinâmicas recessivas dos centros urbanos e rurais
Multifuncionalidade da agricultura	Falta de condições para a permanência ou regresso da população ao meio rural
Crescente procura de produtos regionais e com certificado de origem	Fraco investimento na região
Crescente procura de produtos de agricultura biológica	Recessão económica
Aproveitamento de Fundos Comunitários	Alterações climáticas (secas extremas, desertificação, incêndios)
Aumento da atividade associativa como forma de dinamização	Destrução da paisagem "típica alentejana" pelas monoculturas de regadio, nomeadamente olivais e amendoais
Crescimento do turismo	Perda de biodiversidade
Aparecimento de um turista mais participativo	
Criação de produtos de design associados a atividades artesanais	

Tabela 5.1 – Análise SWOT do concelho de Serpa.

#### 5.1.4. Stakeholders

A importância dos stakeholders é abordada de forma muito incipiente por Richards *et al.* (2018). Estes autores apenas lhes dão importância como detentores de "local skills" ou habilidades locais e não como os verdadeiros intervenientes no processo de conceção do produto a oferecer ao turista criativo. Por seu lado, Simião (2016) foca a sua metodologia na participação dos stakeholders ao longo de todo o processo.

Esta proposta para aplicação do conceito de TC é válida como forma de responsabilização dos participantes e do seu compromisso na adesão ao projeto. Contudo, a vertente um pouco mais teórica da metodologia de Richards *et al.* (2018) também é válida, sobretudo se se estiver a trabalhar com pessoas que têm pouco conhecimento sobre esta base e como a desenvolver.

Assim, considerou-se que na primeira fase da conceção do projeto se deveria efetuar uma abordagem seguindo Richards *et al.* (2018) idealizando um projeto com base na análise SWOT efetuada com foco em experiências temáticas, workshops, atividades etc.

Esta fase de conceção procurou seguir as indicações de Richards *et al.* (2018), tentando-se ter em atenção no desenvolvimento das temáticas apresentadas os seguintes fatores:

- Nível de autenticidade
- Inovação
- Educacional
- Entretenimento
- Ligação com eventos anuais
- Equilíbrio entre partilha do recurso e sua preservação
- Como se integra nos valores da comunidade

Na definição concreta das atividades, para Simião (2016) é importante a participação de stakeholders do turismo, atividades económicas, cultura local e associações, criando espaço para a troca de ideias, cujo objetivo é fazer algo tangível que demonstre a construção coletiva.

Este passo para a definição de um projeto concreto é muito importante propondo-se no futuro a realização de trabalhos de desenvolvimento com stakeholders, onde vigorem metodologias participativas e dinâmicas que promovam o debate e a apresentação de soluções, nomeadamente: workshops, sessões de brainstorming, design thinking, storytelling.

Só assim será possível partir da base teórica aqui apresentada, moldando-a e tornando as suas temáticas mais aptas e capazes de serem implementadas na prática pelos stakeholders que se proponham a realizá-las.

Com base no reconhecimento efetuado do concelho, foram identificados como possíveis stakeholders com potencial para participar no projeto:

- indústrias transformadoras
- panificadoras
- queijarias
- lagares
- apicultores
- corticeiros
- artesãos
- lojas de artesanato
- restaurantes
- adegas
- oficina do Cante Alentejano
- escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa
- empresas de turismo
- associações, nomeadamente de produtores, caçadores, culturais, etc.
- agentes culturais
- comissões de festas
- artistas
- costureiras / alfaiates (de trajes típicos como pelicas)
- herdades
- agricultores / produtores pecuários
- produtores de plantas aromáticas

O CADES (Centro de Apoio ao Desenvolvimento Económico de Serpa), conjuntamente com o Município de Serpa, é a entidade mais bem posicionada para efetuar esta mediação.

Para além das atividades concretas a desenvolver dentro das várias temáticas apresentadas, devem ainda ser debatidos com os stakeholders, para cada atividade, os seguintes temas:

- Definição do público-alvo
- Potenciais locais para a implementação da atividade
- Potenciais interessados em implementar
- Época do ano a realizar

### **5.1.5. Temas base para atividades a desenvolver**

Para além da análise SWOT efetuada e dos elementos definidos acima, tentou-se ainda ter presente na definição das temáticas identificadas outros elementos considerados pelos autores, nomeadamente a importância que possa ter para o visitante ver, cheirar, provar, ouvir ou ter percepção, enquanto interage com as atividades criativas, o "*storytelling*", desenvolver sensações, experiências ou a integração nas comunidades locais.

Com base na análise SWOT realizada identificaram-se três temas base, com potencial para integrar um projeto de TC para o concelho, são eles:

- a história/património
- a ruralidade
- a paisagem/biodiversidade

Assim, criaram-se três temáticas para o TC, cada uma correspondendo a um elemento base:

#### **Em serpa, a aprender**

Nesta temática pretende-se que o visitante tome conhecimento da história e do vasto património arqueológico, arquitetónico, cultural e etnográfico existente, com atividades de cariz mais educativo, na base do "storytelling", nomeadamente com workshops, teatro, cante, etc.

#### **Em Serpa, a experimentar**

Propõe-se que neste tema o visitante possa usufruir, como o nome indica, de experiências que o envolvam na ruralidade e na vida da comunidade, que desenvolva atividades que não estão presentes no seu dia-a-dia, ou atividades que já não têm lugar nos tempos modernos. Este tema é centrado no "fazer", com atividades de carácter bastante ativo e prático.

#### **Em Serpa, a descobrir**

Este tema deve centrar-se na paisagem e biodiversidade do concelho, com atividades ao ar livre, ajudando o visitante a (re)descobrir a Natureza. Devem ser privilegiadas atividades que apelem aos sentidos dos participantes e que façam despertar sensações, através de cheiros, cores, sons.

Também a “calma” que tanto caracteriza os alentejanos e que está tão esquecida nas metrópoles e na vida quotidiana, deve ser (re)descoberta, para tal deve-se apostar em atividades que privilegiem o contacto com a natureza, mas simultaneamente o contacto com o Eu interior de cada visitante, numa perspetiva de desenvolvimento pessoal e emocional.

#### **5.1.6. Propostas de atividades que podem ser desenvolvidas em cada um dos temas base**

Como já foi referido, em virtude do contexto pandémico, não foi possível realizar o desenvolvimento das várias atividades em parceria com os *stakeholders*, apresentando-se seguidamente um conjunto de atividades propostas para cada tema. Para cada atividade indicam-se os intervenientes, o público alvo e a época a realizar. Contudo, estas devem ser levadas a escrutínio dos vários intervenientes antes da formalização da sua aplicação, seguindo os passos apresentados na metodologia proposta.

##### **Em Serpa, a aprender**

No âmbito deste tema são propostas três atividades, com a designação de “Pertença à Festa”; “Mãos à Obra”; “História com Teatro”, conforme se apresenta em seguida.

- **Pertença à Festa**

Nesta atividade pretende-se que os participantes tenham uma vivência mais próxima e demorada na interação com as comunidades locais. Assim, deve ser possível a participação na Comissão de Festas das várias festas populares e religiosas do concelho, nomeadamente no Cortejo Histórico e Etnográfico, na Festa das Santas Cruzes, nos Jordões, etc.. Durante o período de preparação das mesmas os interessados são convidados a participar nas várias tarefas a desenvolver pelas comunidades locais.

##### **Intervenientes:**

- Associações ou comissões de festa das várias comunidades do concelho.

##### **Público-alvo:**

Adultos que participam individualmente.

Época a realizar:

Durante a preparação das várias festas.

- **Mãos à Obra**

Participação na construção de habitações típicas. Desde a preparação dos materiais a utilizar, nomeadamente a recolha de canas ou barro, ou a preparação da cal, até à sua aplicação.

Público-alvo:

Grupos de até 5 pessoas. Adultos.

Intervenientes:

- Empresas do ramo existentes no concelho
- Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa

Época do ano a realizar:

Durante o ano inteiro.

- **História com Teatro**

Dinamização de internatos de teatro com a duração de 3 ou 4 dias, com preparação de uma peça sobre um aspeto da História do concelho, a apresentar no final da atividade no cineteatro municipal de Serpa.

Intervenientes:

Município – fornecimento das instalações e logística associada

Argumentista – endereçar convite a escritor em parceria com historiador do concelho para criar a peça

Formador – endereçar convite a artistas nascidos no concelho para levar a cabo a ação

Público-alvo:

Adultos que se inscrevem individualmente ou não. A dimensão dos grupos deve ser definido em função das peças propostas.

Época do ano a realizar:

Em qualquer altura.

### **Em Serpa, a experimentar**

No âmbito deste tema são propostas quatro atividades, com a designação de “Manhã de ceifa”; “Dia do Pão”; “Dar vida ao queijo” e “Faz-se na herdade”, conforme se apresenta em seguida.

- **Manhã da Ceifa**

Pretende-se que esta atividade dê a conhecer as tarefas típicas da produção de cereais que se realizavam antigamente no concelho e que tão bem caracterizam o Baixo Alentejo. Para tal, deve ser feita uma recriação histórica e etnográfica desta atividade, com a participação de grupos de teatro (dinamizadores da atividade) e antigos trabalhadores rurais (*storytellers*). As atividades devem ser recriadas na íntegra com utilização dos trajes típicos, regras de conduta, ferramentas, cantares e alimentação.

#### Intervenientes:

Costureiras – elaboração de trajes

Artesãos – elaboração das ferramentas e utensílios utilizados

Agricultores – com disponibilização dos campos semeados

Antigos trabalhadores rurais para explicarem o processo

#### Público-alvo:

Adultos que se podem inscrever individualmente ou não. Os grupos podem ter até um limite de 20 pessoas.

#### Época do ano a realizar:

Altura da ceifa (junho-julho).

- **Dia do Pão**

Atividade que pode ser desenvolvida em consonância com a Manhã da Ceifa. Pretende-se que os participantes aprendam a arte de fazer o tradicional pão alentejano, envolvendo-se em todas as atividades desta tarefa, desde peneirar a farinha e amassar até ao tratar do forno e, o “deitar” o pão. A atividade deve também incluir a confeção da pastelaria associada à “massa do pão”, como o bolo da amassadura, as popias e as costas. Deve seguir-se a prova dos produtos obtidos acompanhados com produtos do concelho, por exemplo: azeite, queijo, enchidos, doces. Para esta atividade deve ser efetuado um levantamento dos fornos de lenha tradicionais ainda em funcionamento ou recuperados para a atividade.

Intervenientes:

- pessoa com conhecimento na realização desta tarefa
- *storyteller* com formação na história do pão e sua importância no contexto social de antigamente

Público-alvo:

Grupos com o máximo de 4 participantes. Atividade preferencial para famílias.

Época do ano a realizar:

Em qualquer altura do ano.

- **Dar vida ao queijo**

Sendo o queijo um embaixador do concelho de Serpa, todo o ciclo de vida do mesmo deve ser vivenciado. Assim, propõe-se que esta atividade comece com a preparação dos animais para a atividade de ordenha numa exploração pecuária do concelho, seguindo-se a extração do leite e sua preparação para distribuição. A segunda fase da mesma, deve ser realizada numa queijaria, com a explicação das várias atividades envolvidas na produção do queijo e outros derivados do leite. Se possível, deve ser ministrado um workshop prático no qual os participantes podem experimentar realizar esta atividade.

Intervenientes:

- produtor pecuário – produtor com rebanho e que faça a extração de leite para transformação
- rouparia – para visitar no âmbito desta atividade
- roupeiro – para ensinar sobre a atividade

Público-alvo:

Adultos ou famílias. Até um máximo de 5 pessoas por grupo.

Época do ano a realizar:

Em qualquer altura do ano.

- **Faz-se na Herdade**

Sendo Serpa um concelho com uma grande componente agro-pecuária, com uma produção variada, pretende-se nesta atividade envolver vários dos agricultores locais, de modo a dar a conhecer as atividades que se desenvolvem nas suas propriedades. Assim, propõe-se que os participantes sejam integrados nas seguintes atividades:

- Montado – onde os participantes devem aprender sobre atividades como o descortiçamento, importância do montado na biodiversidade e produção animal. Neste caso, não se sugere que haja uma componente prática, devido à perigosidade das ferramentas a utilizar e ao risco a que a árvore está sujeita se o processo for efetuado por alguém sem experiência.
- Olival – participar nas atividades do olival tradicional, como a limpeza das árvores, preparação para apanha e apanha da azeitona. Pode contemplar uma visita a um lagar de azeite, com explicação do processo de fabrico do mesmo.
- Vindima e produção de vinho – participar nas atividades de preparação das vinhas e apanha das uvas. Deve ser completada com a visita a uma unidade de produção para explicação do processo de fabrico e uma aprendizagem sobre o vinho em geral.
- Pastoreio – participar nas atividades de pastoreio (preparação de camas, apascentamento, cuidados veterinários, etc.). Uma atividade mais direta com os animais, como a alimentação, sobretudo a alimentação de crias a biberão, é sempre um forte atrativo neste tipo de atividades.

Intervenientes:

- Proprietários das explorações agrícolas
- Pessoas com *know-how* nas várias atividades, de forma a que possam fazer demonstrações e ensinar os participantes.

Público-alvo:

Estas atividades podem ser desenvolvidas em grupo (até 5 pessoas, para todas poderem interagir e ser mais fácil a aprendizagem) ou individualmente. A atividade de pastoreio pode ter interesse para famílias com crianças.

Época do ano a realizar:

As atividades devem ser promovidas e desenvolvidas de acordo com o calendário agrícola.

### **Em Serpa, a descobrir**

No âmbito deste tema são propostas quatro atividades, com a designação de “A Hora da Sesta”; “Caçada Fotográfica”; “Yoga na Eira” e “Pintar de Fresco”, conforme se apresenta em seguida.

- **A hora da Sesta**

Como o nome indica, esta atividade pretende levar ao descanso e relaxamento dos participantes. Para tal deve desenvolver-se, preferencialmente no verão, com a colocação de redes de descanso e baloiços em zonas de montado, em azinheiras e sobreiros. Neste local deve haver um facilitador que conduza os participantes a uma situação de relaxamento profundo, com foco nos sons perceptíveis na calma destes espaços e alertando, simultaneamente, para a sua importância do ponto de vista da biodiversidade e como regulador de temperatura e sumidouro de carbono.

#### Intervenientes:

- Proprietários/arrendatários do montado onde se pretende a realização das atividades
- Município – para fornecimento da logística necessária
- Facilitador – para conduzir o processo

#### Público-alvo:

Esta atividade pode ser muito estimulante para famílias, devendo-se desenvolver em grupos até 15 pessoas.

#### Época do ano a realizar:

Deve realizar-se preferencialmente no verão ou no fim da primavera.

- **Caçada Fotográfica**

Fora do período venatório preparar com as Associações de Caçadores do concelho saídas de campo semelhantes às realizadas na época venatória, onde o objetivo é cada participante tirar o maior número de fotos possível das espécies cinegéticas encontradas. Para além do convívio entre caçadores e participantes esta atividade dá a conhecer as espécies cinegéticas existentes no concelho, bem como o papel que estas entidades muitas vezes têm, para a conservação das espécies de fauna locais.

#### Intervenientes:

- Associações de Caçadores existentes no concelho
- Caçadores/representantes da Associação

Público-alvo:

Até 10 pessoas. A faixa etária vai depender da dificuldade dos percursos.

Época do ano a realizar:

Fora do período venatório.

- **Yoga na Eira**

Sendo as antigas eiras locais bem posicionados do ponto de vista paisagístico (a sua localização era privilegiada no topo dos montes, de forma a permitir uma melhor ação do vento para a limpeza dos cereais) e em virtude de serem elementos planos, sem afloramentos rochosos, com uma pequena limpeza e recuperação são locais ideais para a prática de atividades como yoga ou tai-chi, em harmonia com a natureza.

Intervenientes:

- É necessária a autorização dos proprietários onde se localizam estes elementos, para a realização da intervenção nos mesmos e sua utilização
- Professores que assegurem as atividades

Público-alvo:

Entre 10 a 20 pessoas, dependendo do tamanho da eira, divididos por grupos de adultos ou grupos de crianças, conforme o objetivo da ação.

Época do ano a realizar:

São atividades que podem ser realizadas todo o ano, dependendo das condições meteorológicas e hora do dia. Práticas ao nascer ou pôr-do-sol, atendendo à posição da eira, podem ter uma mais-valia acrescida.

- **Pintar de Fresco**

Nesta atividade pretende-se desenvolver a criatividade dos participantes, a sua sensibilidade para as cores e apelo aos detalhes, propondo-se o desenvolvimento de workshops de pintura em plena paisagem natural. Sempre que o artista plástico a desenvolver a atividade tenha conhecimentos para tal, os intervenientes devem criar as próprias tintas a partir de elementos naturais.

Intervenientes:

- Município – para fornecimento da logística necessária, nomeadamente cavaletes e cadeiras

- Artistas plásticos do concelho – para desenvolvimento dos workshops

Público-alvo:

Grupos de adultos ou grupos de crianças até um total de 10 participantes.

Época a realizar:

Todo o ano atendendo às condições climáticas e hora do dia a praticar.

## **5.2. TESTAR**

Para Simião (2016), uma proposta de TC não termina com a criação dos produtos e atividades criativas. Esta autora propõe que os mesmos sejam testados antes de serem apresentados no mercado. Assim, propõe-se que as atividades consolidadas após a intervenção dos vários stakeholders sejam testadas, recorrendo-se para tal a grupos da população local, nomeadamente estudantes, séniores, famílias, voluntários, grupos desportivos, associações, tendo em consideração o público-alvo para o qual a proposta foi desenvolvida.

## **5.3. DIVULGAR**

A divulgação, a seguir à atividade de TC propriamente dita, é a parte mais importante de todo o processo. Não adianta ter uma atividade única se não se consegue alcançar o público-alvo para a qual foi desenvolvida. Isto está bem patente nas várias plataformas de divulgação e apresentação de TC existentes na internet, facilmente acessíveis por uma pesquisa simples, são exemplos a:

- Creative Tourism Network ([www.creativetourismnetwork.com](http://www.creativetourismnetwork.com))
- Ibiza Creativa ([www.ibizacreativa.com](http://www.ibizacreativa.com))

Deve ser desenvolvido de um Plano de Marketing para o projeto em parceria com a Câmara Municipal de Serpa que deve conter:

- Definição de objetivos SMART (do inglês Specific, Measurable, Attingible, Realistic, Time Bound)
- Avaliação da situação atual
- Avaliação de oportunidades e ameaças

- Definição de uma política de comunicação, com definição das atividades promocionais e de comunicação, escolha de canais/instrumentos de comunicação
- Medição da eficácia do plano e dos objetivos atingidos
- Alocação dos recursos necessários

Dentro do Marketing do TC, deve-se apostar principalmente no Marketing Digital, nomeadamente através de:

- criação de um site dedicado com conteúdos específicos sobre TC, nomeadamente os projetos, onde realizar, público-alvo, datas de realização, se há necessidade de inscrição, n.º mínimo de participantes, valores, etc.
- divulgação em sites de referência a nível mundial de TC, nomeadamente no Creative Tourism Network
- divulgação nas redes sociais
- criação de newsletters sobre o tema
- e-mail marketing
- partilha de links nos sites de todos os participantes, em sites de turismo, etc.
- desenvolvimento de apps

#### **5.4. ANÁLISE DAS ATIVIDADES E DO RETORNO**

Deve ser permitido aos visitantes avaliar as suas experiências, como forma de contributo para a sua melhoria. Esta avaliação, deve ser feita, preferencialmente, através do site onde a ação for divulgada. Nesta análise o participante deve ser convidado a responder a perguntas, desde como teve conhecimento da experiência até que alterações lhe efetuará.

Deve ser feito um esforço no sentido de perceber que mais valias trouxe o visitante ao concelho (para além da participação na atividade), como número de dormidas, gastos de restauração, compras.

Os stakeholders responsáveis pelas várias experiências devem fazer um relatório anual sobre as atividades desenvolvidas, de forma a existir um registo de quais as atividades mais concorridas, como se processaram, que tipo de público participou (idade, sexo, famílias, indivíduos, etc.), entre outros.

Deve haver, pelo menos, uma reunião anual entre os stakeholders para analisar as várias propostas existentes, adicionar alterações ou criar novas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Serpa, é um concelho rural que apresenta um grande potencial para o desenvolvimento do Turismo Criativo.

As especificidades únicas do concelho e as suas valências ficaram bem demonstradas no capítulo 4, para além disso, o concelho, apesar da sua interioridade e relevância, apresenta algum dinamismo cultural, o que permite, com mais facilidade, avançar estratégias de desenvolvimento criativo.

O Turismo Criativo tem um baixo custo de implementação ao nível de *inputs* e não necessita da importação de conhecimento, apresentando-se a criatividade como um conceito sem limites. Pelo que facilmente se podem desenvolver projetos simples e atraentes, como os apresentados neste trabalho, correndo poucos riscos ao nível de investimento. O maior investimento será direcionado para a divulgação, pelo que se aconselha a criação de uma “rede” de comunicação.

Pretende-se assim, com o desenvolvimento deste trabalho, dar um contributo para um projeto desta natureza para o concelho, de forma a mostrar que este tipo de atividade pode e deve ser incentivada como uma mais-valia para a exaltação da identidade local e um complemento ao desenvolvimento económico do concelho, constituindo-se uma valência para os agentes locais, bem como um elemento diferenciador para Serpa.

Para o desenvolvimento do projeto foram analisadas as várias valências do concelho e construída uma metodologia como contributo ao desenvolvimento de atividades de Turismo Criativo assentes em três elementos base- a história/património; a ruralidade; e a paisagem/biodiversidade.

Para a definição dos conteúdos consideraram-se elementos tidos como importantes para os visitantes, como ver, cheirar, provar, ouvir ou ter perceção, a interação com atividades criativas, o "storytelling", desenvolver sensações, experiências, ou a integração nas comunidades locais.

Assim, ao nível deste projeto, criaram-se três temáticas para o TC, cada uma correspondendo a um elemento base. A primeira pretende que o visitante tome conhecimento da história e do vasto património arqueológico, arquitetónico, cultural e etnográfico existente, com atividades de cariz mais educativo, na base do

“*storytelling*”, nomeadamente com workshops, teatro, cante, etc. Na segunda propõe-se que o visitante possa usufruir de experiências que o envolvam na ruralidade e na vida da comunidade, que desenvolva atividades que não estão presentes no seu dia-a-dia, ou atividades que já não têm lugar nos tempos atuais. Este tema é centrado no “fazer”, com atividades de carácter bastante ativo e prático. Por fim, a terceira centrar-se na paisagem e biodiversidade do concelho, com atividades ao ar livre, ajudando o visitante a (re)descobrir a Natureza, com predomínio para atividades que apelem aos sentidos dos participantes e que façam despertar sensações, através de cheiros, cores, sons.

Para cada temática foram criadas várias atividades, com a descrição das mesmas, do público alvo, da sua duração, dos *stakeholders* intervenientes e é feita uma proposta para a sua calendarização.

Estas atividades antes de serem implementadas necessitam de ser testadas e depois deve ser efetuada a sua monitorização, numa perspetiva de aceitação pelo público, melhoria contínua e retorno para o concelho.

A divulgação é um ponto chave para o sucesso destas atividades, devendo ser efetuada uma aposta no marketing das mesmas em parceria com o município.

Apesar do projeto desenvolvido ter sido um trabalho académico, no qual, devido ao atual contexto pandémico, não foi possível envolver *stakeholders* na definição das atividades, bem como a sensibilização da comunidade para este tipo de iniciativas, faz parte da metodologia de desenvolvimento do Turismo Criativo o envolvimento da comunidade local desde a primeira abordagem a este conceito, pois a receptividade e postura dos habitantes do destino turístico são peças essenciais da atratividade do lugar e da qualidade do serviço prestado.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C.; Lopo, M.; Jesus, M.; Gomes, A. (2000). *Sistemas Aquíferos de Portugal Continental* (Vol. I). Lisboa: Centro de Geologia da Universidade de Lisboa & Instituto Nacional da Água

Ashton, M. S. G.; Valduga, V.; Tomazzoni, E. L. (2015). *Turismo criativo e desenvolvimento da oferta turística do cluster do Vale dos Vinhedos (Brasil)*. Alicante: Universidade de Alicante. Instituto Universitario de Investigaciones Turísticas. Consultado em dezembro de 2020. Disponível em <<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/52106>>

Biblioteca Digital do Alentejo. Consultado em janeiro de 2021. Disponível em <<https://www.bdalentejo.net/>> acedido em janeiro de 2021

Brandão, P. M.; Silva, F. R. M.; Fisher, T. (2013). *Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis*. Revista Tourism & Management Studies, vol. 1, 95-202. Universidade do Algarve. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/3887/388743874016.pdf>>

Boiça, J. (2018). *Serpa na Formação do Reino de Portugal – 1166-1295*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.

Câmara Municipal de Serpa. Consultado em Julho de 2020. Disponível em <[www.cm-serpa.pt](http://www.cm-serpa.pt)>

Caldeira, J. M. (2000). *Margem Esquerda do Guadiana – As gentes, a terra, os bichos*. CESIS - Centro de Estudos para Intervenção Social. Lisboa: [s.n.]

Cancela d'Abreu A., Pinto Correia T., Oliveira R. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental* (Vol. I). Lisboa: Coleção Estudos 10

Carvalho, P. & Alves, L. (2017). *Animação Turística, Inovação e Criatividade no Desenvolvimento Rural. O caso das Aldeias do Xisto*. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Universidade de Coimbra. Disponível em <[https://www.researchgate.net/profile/Luiz\\_Alves18/publication/316635235\\_Animacao\\_Turistica\\_Inovacao\\_e\\_Criatividade\\_no\\_Developolvimento\\_Rural\\_O\\_Caso\\_das\\_Aldeias\\_do\\_Xisto/links/5908d656a6fdcc4961669f5a/Animacao-Turistica-Inovacao-e-Criatividade-no-Desenvolvimento-Rural-O-Caso-das-Aldeias-do-Xisto.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luiz_Alves18/publication/316635235_Animacao_Turistica_Inovacao_e_Criatividade_no_Developolvimento_Rural_O_Caso_das_Aldeias_do_Xisto/links/5908d656a6fdcc4961669f5a/Animacao-Turistica-Inovacao-e-Criatividade-no-Desenvolvimento-Rural-O-Caso-das-Aldeias-do-Xisto.pdf)>

Carvalho, M. S.; Lima, J.; Kastenholz, E. (2014). *Criatividade Cultural - que oportunidade para destinos rurais?*. Pasos - Revista de Turismo e património Cultural. Vol.12 (3). 635-648. Disponível em <<http://www.pasosonline.org/Publicados/12314/PASOS38.pdf#page=133>>

Carvalho, R.; Ferreira, A., Figueira, L. (2016). *Cultural and Creative Tourism in Portugal*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. 14 (5). Outubro. Disponível em <[http://mail.pasosonline.org/Publicados/14516/PS516\\_01.pdf](http://mail.pasosonline.org/Publicados/14516/PS516_01.pdf)>

Catarino, A. & Ramos, L. (2003). *Rotas do Guadiana. Por esses campos fora*. Serpa: Rota do Guadiana

Costa, J. C.; Aguiar, C.; Capelo, J.; Lousã, M.; Neto, C. (1998). *Biogeografia de Portugal Continental*. Lisboa: Quercetea. ISSN 0874-5250

Couret, C. (2020). *¿Es el turismo creativo la nueva “navaja suiza” de turismo post-covid?*. Disponível em <[https://www.hosteltur.com/comunidad/nota/022335\\_es-el-turismo-creativo-la-nueva-navaja-suiza-de-turismo-post-covid.html](https://www.hosteltur.com/comunidad/nota/022335_es-el-turismo-creativo-la-nueva-navaja-suiza-de-turismo-post-covid.html)>

Creative Tourism Network. Consultado em julho de 2020. Disponível em <[www.creativetourismnetwork.org](http://www.creativetourismnetwork.org)>

Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural. Consultado em janeiro de 2021. Disponível em <<https://tradicional.dgadr.gov.pt>>

Direção Geral da Cultura. Consultado em janeiro de 2021. Disponível em <[www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)>

Duxbury, N.; Silva, S.; Vinagre de Castro, T. (s.d.). *Creative tourism development in small cities and rural areas in Portugal: Insights from start-up activities*. In D. A. Jelinčić and Y. Mansfeld (Eds.), *Creating and Managing Experiences in Cultural Tourism*. World Scientific Publishing. Disponível em <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/79348/1/Creative%20tourism%20development%20in%20small%20cities%20and%20rural%20areas%20in%20Portugal.pdf>>

Empresa de Desenvolvimento de Infraestruturas do Alqueva (2019). *Estudo de Impacte Ambiental do Circuito Hidráulico de São Bento e respetivo Bloco de Rega*. Relatório. Volume 1 - Peças Escritas. Tomo 2 – Caracterização da Situação de Referência

Feio, M. (1977). *Os principais tipos de utilização do solo no Alentejo Meridional. Evolução de 1885 a 1951*. Finisterra, XXXII (63). 147-158

Ferreira, A. M.; González, E. A.; Liberato, D. (s. d). *Turismo Criativo e Sustentabilidade Territorial*. Escola Superior de Hotelaria e Turismo, Instituto Politécnico do Porto. Disponível em <https://aecit.org/files/congress/20/papers/399.pdf>

Galopim de Carvalho, A. (2004). *Alguns aspetos da geologia do Alentejo*. Encontro Regional de Educação. Aprender no Alentejo de 22-24 de março de 2004. Évora

Gonçalves, A. R. (2008). *As comunidades criativas, o turismo e a cultura*. Dos Algarves, 17, 11-19. Revista da ESGHT/UALG. Disponível em <<http://dosalgarves.com/rev/N17/Completo17.pdf#page=13>>

Gonçalves, F. & Costa, C. (2017). *A percepção dos visitantes do território do "Galo de Barcelos": Destino de Turismo Criativo*. Revista Turismo & Desenvolvimento n.º 27/28, 1177-1194. Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/c525/9367d81c49f9af404c8fa463e899ba233433.pdf>>

Instituto Camões. Consultado em janeiro de 2021. Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p11.html>>

Instituto Nacional de Estatística. Consultado em janeiro de 2021. Disponível em <[www.ine.pt](http://www.ine.pt)>

Instituto Nacional de Estatística (2019). *Anuário Estatístico da Região Alentejo : 2018*. Lisboa: INE. Disponível em <[url:https://www.ine.pt/xurl/pub/410493733](https://www.ine.pt/xurl/pub/410493733)>. ISSN 0872-5063. ISBN 978-989-25-0502-2>

Instituto Português do Mar e da Atmosfera. Consultado em outubro de 2020. Disponível em <[www.ipma.pt](http://www.ipma.pt)>

Lima, F. B. C. & Silva, Y. F. (2017). "*Project Querença*" and creative tourism: visibility and local development of a village in the rural Algarve. e-Review of Tourism Research (eRTR). 14 (1-2), 21-35. Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/bd12/d648acc113a1a8379b81adce3d936921e5a7.pdf>>

Lobão, A. C. (2009). *As Elites e o Poder Local em Serpa na Transição do Antigo Regime para o Liberalismo (1790-1842)*. Lisboa: Colibri

Lopes, M. C.; Carvalho, P. C.; Gomes, S. M. (1997). *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Museu Municipal de Serpa

Lopes, S. A. (2003). *O Infante D. Fernando e a Nobreza Fundiária de Serpa e Moura (1453-1470)*. Beja: Câmara Municipal de Beja

Rachão, S.; Joukes, V.; Dimitrovski, D.; Tibério, L. (2016). *Agroturismo e Turismo Criativo nas Regiões Demarcadas dos Vinhos Verdes, Porto, Douro e Trás-os-Montes: estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado não editada, Turismo. Gastronomia e Desenvolvimento na Região das Missões). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Brasil. Disponível em <[www.researchgate.net/profile/Susana\\_Rachao2/publication/317033324\\_Agroturismo\\_e\\_turismo\\_criativo\\_nas\\_regioes\\_demarcadas\\_dos\\_Vinhos\\_Verdes\\_Porto\\_e\\_Douro\\_e\\_Tras-os-Montes\\_estudo\\_de\\_caso/links/59203fa30f7e9b99793fc632/Agroturismo-e-turismo-criativo-nas-regioes-demarcadas-dos-Vinhos-Verdes-Porto-e-Douro-e-Tras-os-Montes-estudo-de-caso.pdf#page=162](http://www.researchgate.net/profile/Susana_Rachao2/publication/317033324_Agroturismo_e_turismo_criativo_nas_regioes_demarcadas_dos_Vinhos_Verdes_Porto_e_Douro_e_Tras-os-Montes_estudo_de_caso/links/59203fa30f7e9b99793fc632/Agroturismo-e-turismo-criativo-nas-regioes-demarcadas-dos-Vinhos-Verdes-Porto-e-Douro-e-Tras-os-Montes-estudo-de-caso.pdf#page=162)>

Ramalho, M. M. & Mateus, R. (2007). *História e Histórias: Serpa*. Serpa: Município de Serpa

Richards, G. & Raymond, C. (2000). *Creative Tourism*. ATLAS News. 23

Richards, G.; Wisansing, J. J.; Paschinger E. (2018). *Creating Creative Tourism Toolkit*. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/330425066\\_Creating\\_Creative\\_Tourism\\_Toolkit](https://www.researchgate.net/publication/330425066_Creating_Creative_Tourism_Toolkit)>

Serviços Geológicos de Portugal (1988). *Carta Geológica de Portugal na escala 1:200 000*. Notícia Explicativa da Folha 8

Simião, M. P. (2016). *Turismo Criativo - Una oportunidad en pequeñas ciudades. Diseño y aplicación de la Metodología Patchwork: Almagro (España)*. (Dissertação de Mestrado não editada, Economia Criativa, Gestão Cultural e Desenvolvimento). Universidade Rey Juan Carlos. Madrid. Disponível em <[https://www.academia.edu/42616400/TURISMO\\_CREATIVO\\_DISENO\\_Y\\_APLICACION\\_DE\\_LA\\_METODOLOGIA\\_PATCHWORK\\_ALMAGRO\\_ESPANA\\_Autora\\_Marina\\_Pacheco\\_Simi%C3%A3o?auto=download](https://www.academia.edu/42616400/TURISMO_CREATIVO_DISENO_Y_APLICACION_DE_LA_METODOLOGIA_PATCHWORK_ALMAGRO_ESPANA_Autora_Marina_Pacheco_Simi%C3%A3o?auto=download)>